ESOTÉRICO/PLANETA

PIRÂMIDES

NÚMERO 1

Cz$ 20,00

MONUMENTOS SAGRADOS DO EGITO E DO MÉXICO

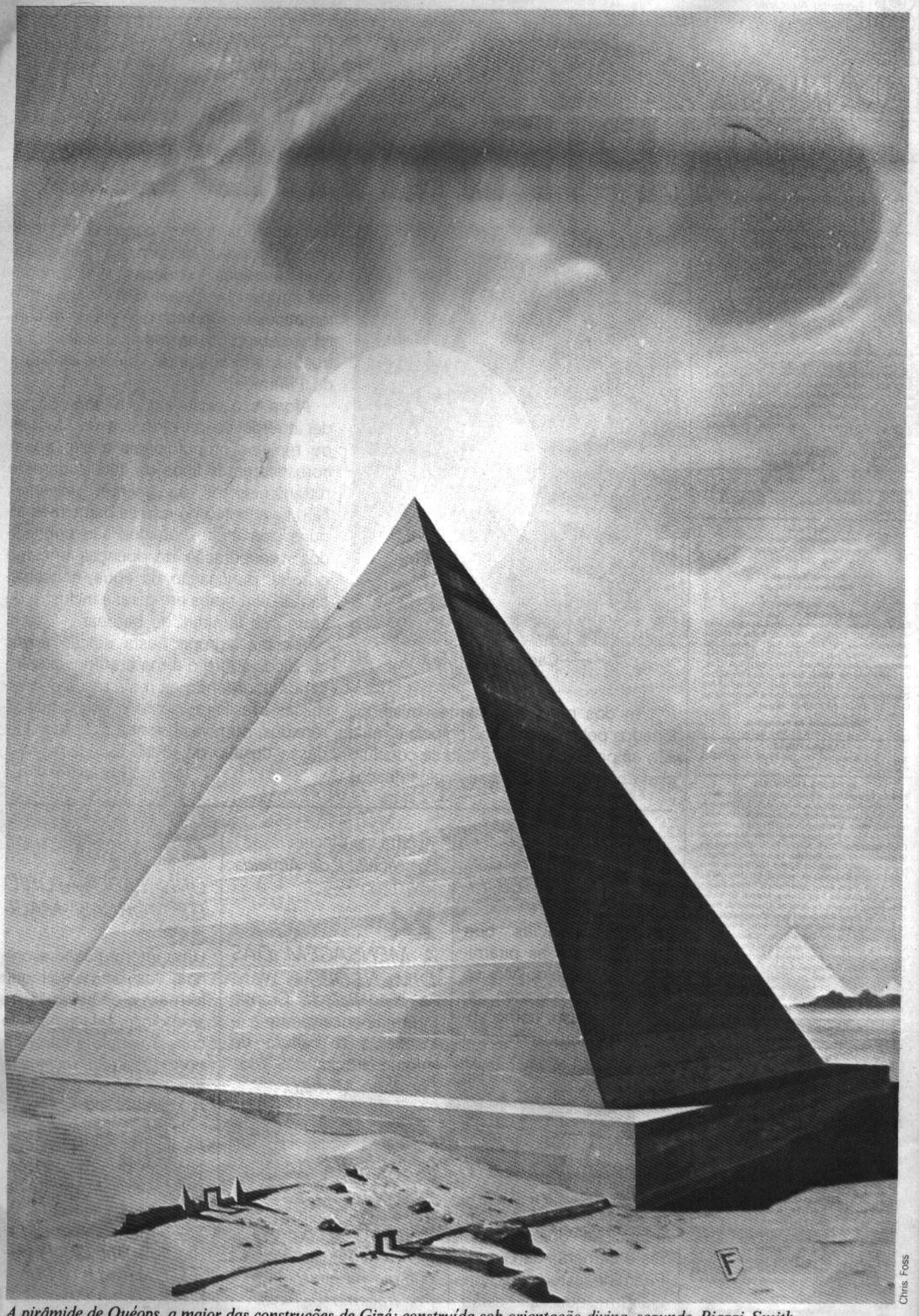
PASSADO E FUTURO NA GRANDE PIRÂMIDE

O SEGREDO DAS RELAÇÕES MATEMÁTICAS

ENERGIA PIRAMIDAL: SAÚDE E EQUILÍBRIO

Manaus, Santarém, Rio Branco, Altamira, Boa Vista, Macapá, Porto Velho: Cz$ 26,00

EDIÇÃO 1986



Chris Foss

A pirâmide de Quéops, a maior das construções de Gizé: construída sob orientação divina, segundo Piazzi Smith.

1º A cad. PL. Pirâmides

AS INTRIGANTES PIRÂMIDES

Os dois grandes monumentos de pedra da face da Terra – as pirâmides do Egito e do México – estão intimamente relacionados entre si. Uma linha parece uni-los, traçando sobre o planeta um braço colossal, em forma de suástica. Orientada para a esquerda, esta suástica indica o caminho do Sol, em seu trajeto oriente-ocidente. Esta, porém, é apenas mais uma hipótese levantada em torno do mais fabuloso enigma de todos os tempos: o que eram as pirâmides?

POR J. C. A. KUHL

Não é ao acaso que se deve atribuir a forma das pirâmides. Seus construtores tinham em mente objetivos definidos. Podemos distinguir dois: o simbólico e o prático, embora ambos possam estar unidos.

O simbolismo é claro: a pirâmide representa a Montanha Sagrada de todas as mitologias; o Olimpo; a Torre de Babel, com a qual os mortais procuram aproximar-se dos deuses e heróis; o Monte Sinai, onde Deus entrega as tábuas da Lei; e Aztlan, a montanha primordial dos astecas. Capítulo 43, versículo 12 de Ezequiel: "Eis a lei do templo: no cume da montanha, todo o espaço que rodeia o lugar sagrado. Tal é a lei relativa ao templo." No capítulo 21 do Apocalipse está escrito: "Levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, revestida da glória de Deus ... A cidade formava um quadrado: o seu comprimento igualava a largura." Em resumo, é o símbolo da união entre o céu e a terra.

A forma primordial lembra o triângulo, que exprime a *Trindade*, encontrada em todas as religiões. No Egito é Amon, Mouth e Khons; na Índia é Brama, Vishnu e Shiva; nas lendas escandinavas, os três filhos de Bore. O número três indica, entre outros conceitos, o fogo: luz, chama e calor; o tempo: passado, presente e futuro; a família: pai, mãe e filho, inclusive as famílias sagradas, como Osíris, Ísis e Hórus.

A forma triangular, assentada sobre uma forma quadrangular, exprime a soma 3 mais 4 = 7. Sete, o número mágico.

Além do objetivo simbólico, havia a intenção técnica. A forma piramidal produz um ou mais tipos de energia, que ainda não identificamos, mas que podemos observar em seus efeitos. O departamento de patentes da República checoslovaca registrou, em 1959, sob o número 91.304, o "afiador de lâminas pirâmide de Quéops", de autoria de Karel Drbal, residente em Praga. Drbal, que é engenheiro eletrônico, observou que, colocando uma gilete no interior de uma pirâmide de cartolina, após o uso, conseguia barbear-se até duzentas vezes com ela. Anos atrás, um viajante, Bovis, visitando a Grande Pirâmide do Egito, observou que os pequenos animais, como gatos, que entravam no edifício e lá morriam, desidratavam-se, transformando-se em múmias naturais. A publicação das observações de Bovis é que despertaram o interesse de Karel Drbal.

Certas correntes do ocultismo prático atribuem a cópias em escala da pirâmide de Quéops, cobertas com inscrições mágicas, virtudes curativas. A semelhança entre a forma das pirâmides e a dos cristais, como o cristal de magnetita, sugere uma possível relação entre o fenômeno magnético e a energia desconhecida.

CONTROVÉRSIAS SOBRE A IDADE DAS PIRÂMIDES

Para a ciência acadêmica, os monumentos não teriam mais que 5 mil anos; já para os ocultistas, seriam, sem dúvida, anteriores ao Dilúvio.

Os arqueólogos que se dedicam às civilizações da Meso-América, que compreende partes do México e América Central, afirmam que a pirâmide do Sol, em Teotihuacán, foi erguida em alguma época entre o 4º e o 7º séculos da era cristã, no período denominado

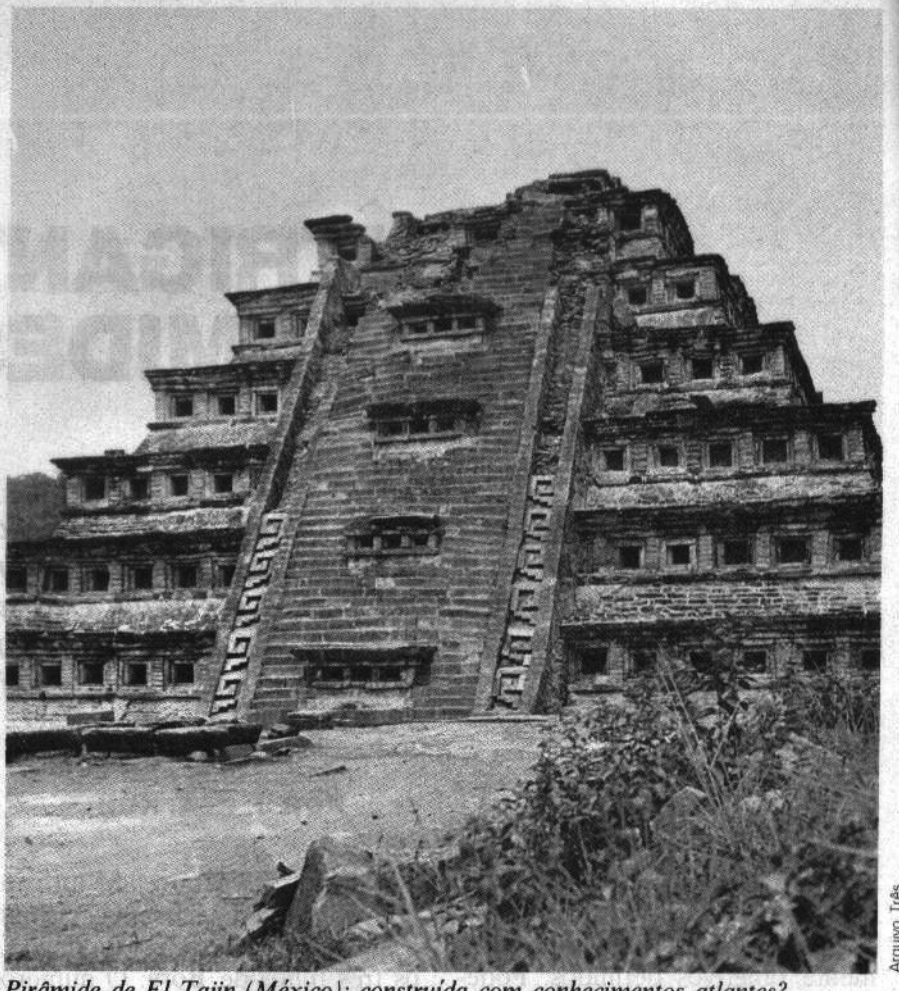
UM SEGREDO IMPENETRÁVEL

Clássico. Já não tem o mesmo ponto de vista o escritor e explorador francês Marcel Homet, em cujo livro *Os Filhos do Sol* lemos: "Sabemos ademais que a orientação da pirâmide de Teotihuacán, no México, permite, servindo-se de cálculos astronômicos, fixar a data em que foi erigida, isto é, no ano de 4727 a.C." Portanto, uma discrepância de mais de cinco milênios! A diferença de cálculos é ainda maior, em se tratando das pirâmides do Egito. Se nos basearmos no que nos informa Heródoto, crendo nas palavras por ele ouvidas dos altos sacerdotes de Tebas, o período histórico do Egito seria de 11.340 anos, quando a nossa ciência oficial calcula no máximo 6.500 anos . . .

Para os ocultistas, a realidade é diferente. Antigos documentos sagrados relatam que foi no tempo em que Alpha Polaris era a estrela polar que se deram as construções, ou seja, há cerca de 31.150 anos. Segundo estes textos, os monumentos teriam sido erguidos por altos sacerdotes da civilização que existia no continente, hoje desaparecido, da Atlântida. Mais tarde, foram reconstruídos pelos faraós da IV Dinastia, com o auxílio dos hierofantes egípcios, que conservavam em seus arquivos secretos a valiosa herança da tradição dos atlantes e sua contagem de tempo.

AS PIRÂMIDES E OS PERSONAGENS DO VELHO TESTAMENTO

Segundo lendas árabes, a pirâmide de Quéops é o túmulo simbólico do profeta Enoch. As outras duas do sítio de Gizé também teriam origem em personagens bíblicos: a pirâmide de Quéfren seria o túmulo simbólico de Seth, filho de Adão e mestre de Enoch. Por analogia, deduzimos que a terceira pirâmide, a de Miquerinos, seria a sepultura simbólica de Adão, e a distância e diferença de



Arquivo Três

Pirâmide de El Tajin (México): construída com conhecimentos atlantes?

orientação das construções correspondem às épocas distintas em que viveram os três seres.

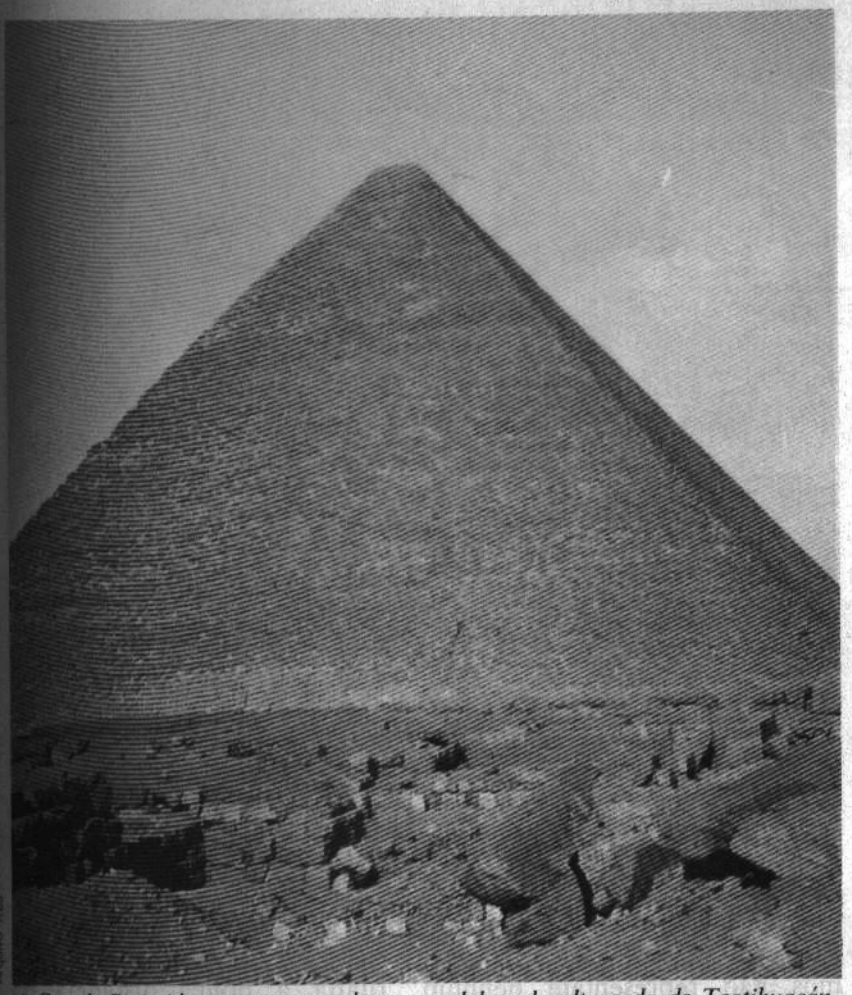
Para Charles Piazzi Smyth, a Grande Pirâmide do Egito foi construída, sob orientação divina, pelo ser que em Gênesis, 14, 18, é assim descrito: "Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo, mandou trazer pão e vinho." Este personagem, no livro dos Salmos e na epístola aos Hebreus cap. 5, 5 e 6, passa a simbolizar o Messias. Diz-se de Jesus: "Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque" (Sl 109, 4).

O Templo de Salomão, cujo planejamento recordava os templos egípcios, era uma cópia duas vezes maior do antigo tabernáculo, o qual, segundo Josefo e outras fontes, era uma imitação do cofre sagrado em que era encerrado o corpo de Osíris e denominado Tabernáculo de Ísis, que os sacerdotes egípcios carregavam em procissão nas grandes cerimônias de culto ., principalmente, nos ritos de iniciação. Ora, as grandes pirâmides eram os locais iniciáticos por tradição, dedicados a Ísis e Osíris. Não seria demais lembrar que Moisés foi educado na corte egípcia.

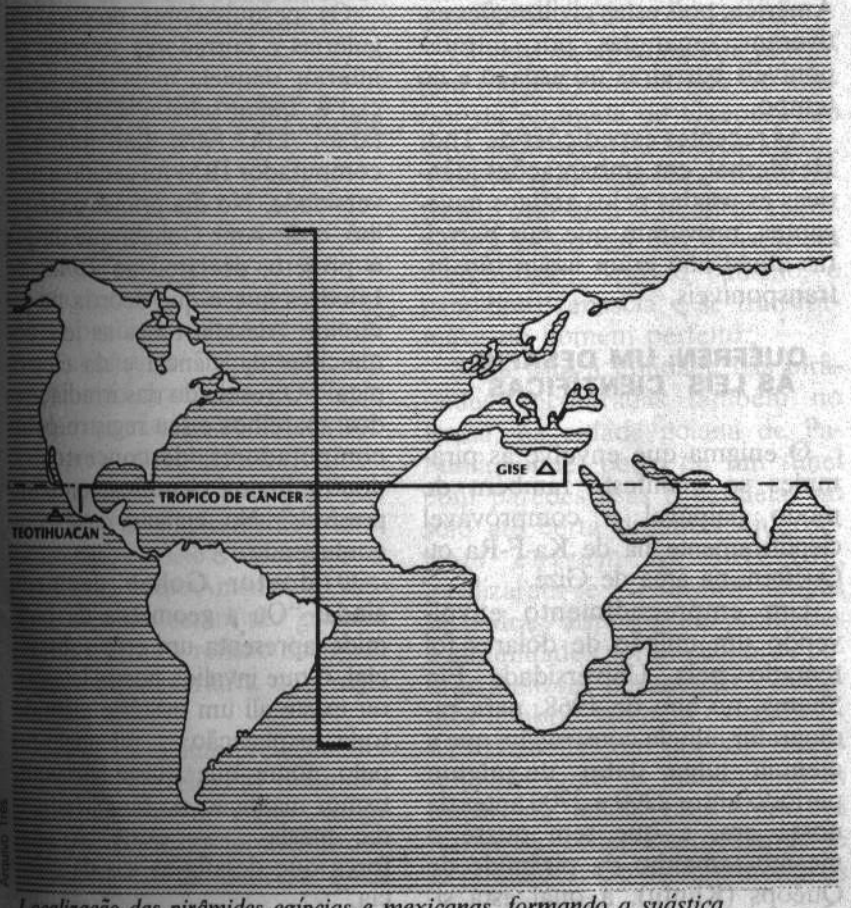
As faces da Grande Pirâmide do Egito, hoje em degraus, eram outrora lisas, refletindo o Sol, como espelhos de calcário. A cobertura foi destruída por um terremoto e os restos usados para reconstruir a cidade do Cairo, no fim do século 12 de nossa era. A descrição dada em Apocalipse 21, 11 para a Cidade Santa poderia aplicar-se para a aparência primitiva da pirâmide de Quéops: "Assemelhava-se seu esplendor a uma pedra muito preciosa, tal como o jaspe cristalino."

AS COINCIDÊNCIAS DE QUÉOPS E TEOTIHUACÁN

São tantos os fatos que unem as grandes pirâmides do Egito e do México que a costumeira explicação de "coincidências" não se



A Grande Pirâmide tem a mesma base e o dobro da altura da de Teotihuacán.



Localização das pirâmides egípcias e mexicanas, formando a suástica.

aplica, apesar da enorme distância geográfica.

Dimensões: a altura da pirâmide de Quéops está por volta de 146m; a da pirâmide de Teotihuacán é de 66m. Como nenhuma das duas medidas é segura, pelas dificuldades causadas por se tratar de ruínas, podemos afirmar que a altura da segunda é aproximadamente a metade da primeira. A largura da base da pirâmide de Quéops gira em torno de 230m, enquanto a de Teotihuacán tem dois lados com 230m e os outros dois com 220m. Portanto, mais ou menos a mesma base.

Em síntese: a pirâmide do Sol, de Teotihuacán, tem aproximadamente a mesma base e metade da altura da pirâmide de Quéops, em Gizé, a qual, segundo autores antigos, seria também dedicada ao Sol.

Localização: o Trópico de Câncer, que não foi traçado a esmo, mas como linha solar, aproxima também as duas construções. A pirâmide do Sol situa-se ao sul do Trópico de Câncer, a distância semelhante à que está, ao norte da mesma linha, a região de Gizé. Esta singular disposição traça sobre o planeta o braço de uma colossal suástica sinistrógina, ou seja, orientada para a esquerda, indicando assim o caminho do Sol, que nasce no Oriente e se poẽ no Ocidente. Algumas escolas filosóficas defendem o ponto de vista de que a civilização segue o caminho do Sol, justificando-se assim duas grandes pirâmides, uma no Oriente e outra no Ocidente.

Pedro Calmon refere-se a este fenômeno em seu livro *O Rei Cavalheiro:* "O sol da cultura declinava do Oriente para o Ocidente. A vez da Ásia passara; a vez da Europa chegava ao termo; na América, madrugava."

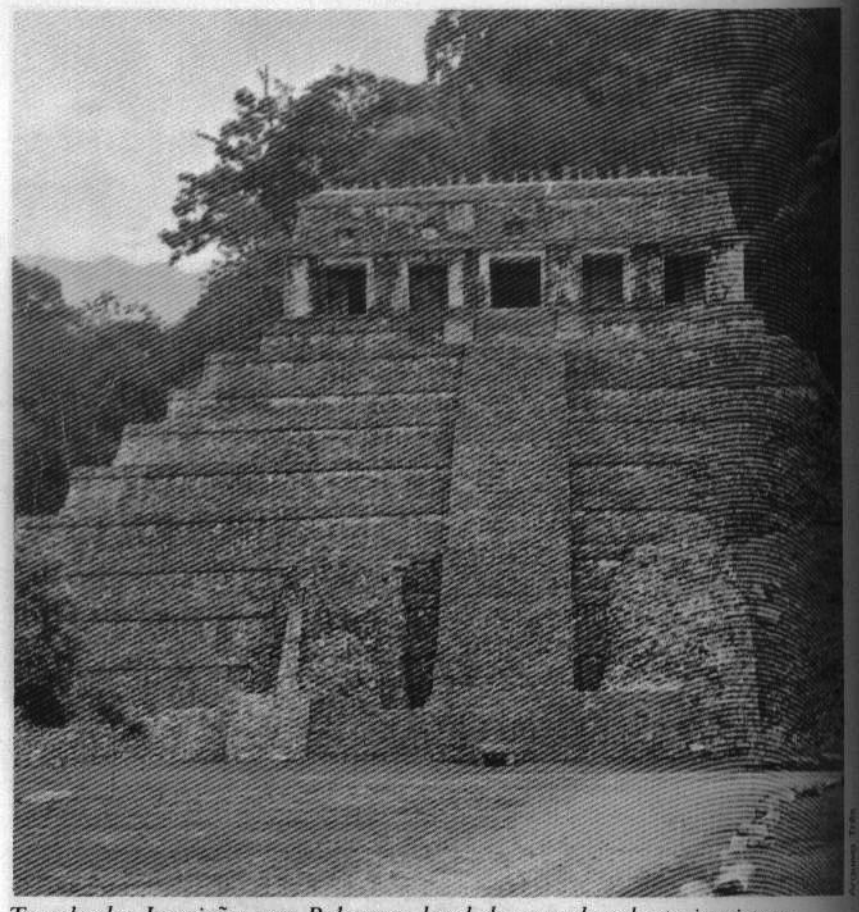
Medições astronômicas: se multiplicarmos a altura original da pirâmide de Quéops por um milhão, teremos aproximadamente a distância da Terra ao Sol, ou seja, 149.450.000km. Do mesmo modo, se multiplicarmos a altura da pirâmide do Sol pela *menor* largura de sua base, teremos um número perto da *menor* distância da

UM SEGREDO IMPENETRÁVEL

Terra ao Sol, o número de 145.200.000km; se multiplicarmos a sua altura pela *maior* largura, teremos aproximadamente a *maior* distância Terra-Sol, ou seja, 151.800.000km. Coincidências? Mesmo que fossem, teríamos ainda as seguintes: o meridiano que passa pelo centro da pirâmide de Gizé divide continentes e oceanos em porções iguais; a circunferência da pirâmide dividida pelo dobro de sua altura nos fornece o famoso número de Ludolf, pi = 3,1416.

O MISTÉRIO DO TÚMULO REAL DE PALENQUE

Não é apenas em Teotihuacán que encontramos uma grande pirâmide relacionada às do Egito. Há muitos fatos que sugerem uma ligação entre o México e o Egito antigos; entre eles, o sarcófago descoberto pelo arqueólogo Alberto Ruz Lhuillier em 1952, na localidade mexicana de Palenque, em Chiapas. Após vencer grandes obstáculos, Alberto Ruz descobriu uma escadaria subterrânea secreta, que levava a uma enorme cripta, encravada na pirâmide denominada Templo das Inscrições, onde se encontrava um impressionante sarcófago de pedra. Após a abertura, deparou com o esqueleto de um homem de idade mediana, bem mais alto que o maia comum (o esqueleto media 1,73m) e sem as deformações dentárias que a nobreza costumava trazer. Provavelmente o personagem, que trazia sobre a face uma magnífica máscara de jade, não era maia de origem. Comenta o próprio descobridor: "O Túmulo Real de Palenque, como é hoje popularmente denominado, com certa propriedade intuitiva, talvez nos aproxime mais do conceito egípcio se admitirmos que a pirâmide que o ocultava, embora sustentasse um templo, foi também construída para servir de grandioso monumento funerário." O cientista está convencido de que tais paralelismos não representam nenhum contato cultural entre Egito e América, pois estas civilizações estiveram separadas por intransponíveis barreiras no espaço e no tempo.



Templo das Inscrições, em Palenque: local de uma descoberta inquietante.

As recentes expedições de Thor Heyderhal, em embarcações idênticas às usadas pelos antigos navegantes, provaram que tais barreiras afinal não eram assim tão intransponíveis.

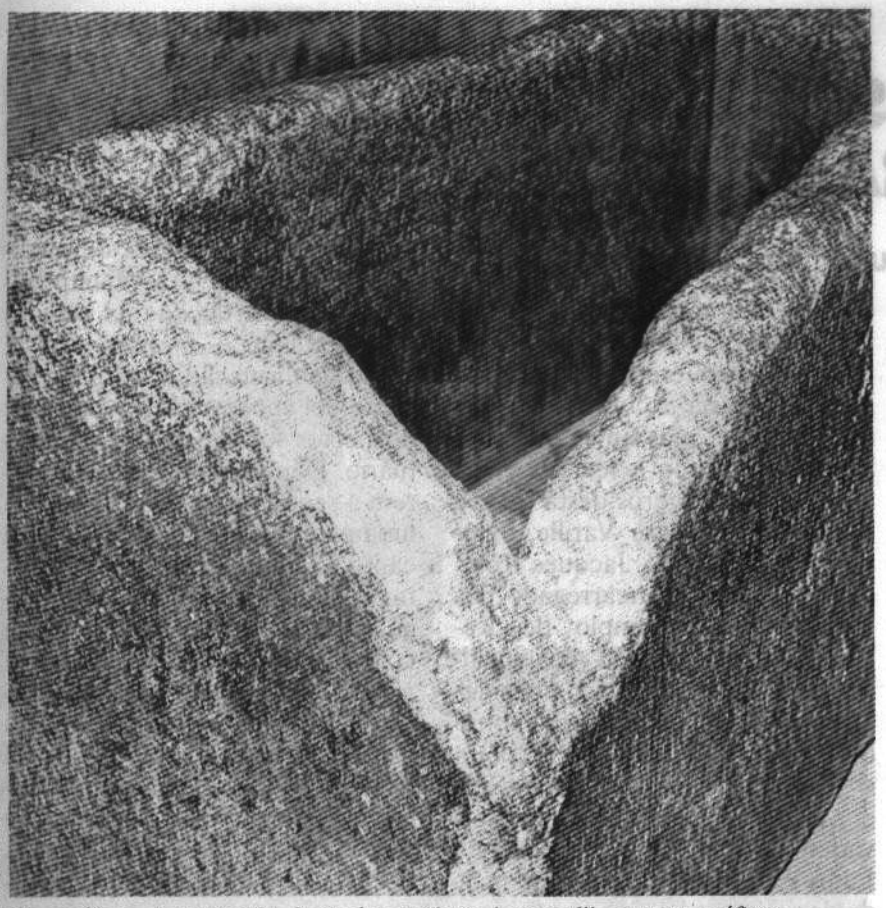
QUÉFREN: UM DESAFIO ÀS LEIS CIENTÍFICAS

O enigma que envolve as pirâmides se manifesta também de modo palpável e comprovável cientificamente na de Ka-F-Ra ou Quéfren, na área de Gizé.

Um empreendimento envolvendo um milhão de dólares foi tentado pela Universidade Ein Shams, no ano de 1968, para radiografar aquela construção, que a ciência julga datar de algum período entre 2200 e 2700 antes da nossa era, e que tem quase o mesmo tamanho da pirâmide de Quéops (Khufu), a qual está situada a pouca distância da mesma.

Os pesquisadores procuravam galerias e corredores secretos no interior daquela montanha artificial e, quem sabe, a sepultura do faraó. Em 1969, um moderno computador IBM foi cedido à universidade. No dia primeiro de julho, o dr. Amr Goheb, que dirigia o projeto, declarou ao *Times* de Londres que o que ocorria na pirâmide "desafia todas as leis conhecidas da ciência e da eletrônica". O resultado das irradiações dos aparelhos e seu registro pelos computadores desconcertou o doutor: "Isto é cientificamente impossível." No entanto, estava acontecendo . . .

O doutor Goheb declarou ainda: "Ou a geometria da pirâmide apresenta um erro substancial, o que invalida nossas leituras, ou existe ali um mistério além de toda explicação – chamem-no pelo nome que quiserem, ocultismo, maldição do faraó, feitiçaria, magia . . . –, existe ali uma força que desafia as leis da ciência."



Arquivo Três

O sarcófago da Pirâmide de Quéops: "fonte batismal" para os neófitos.

Portanto, aqui, a estranha energia das pirâmides desorganiza os registros de nossos computadores e confunde nossos cientistas!

SUPOSIÇÕES SOBRE A FINALIDADE DAS PIRÂMIDES

O mais profundo mistério envolve a verdadeira finalidade das pirâmides, pois, devido ao enorme esforço técnico, humano e material despendido, só faria sentido se seus construtores tivessem em mente algo grandioso e solene. Ainda hoje não atinamos com precisão para este objetivo.

Os historiadores acreditam que eram pura e simplesmente túmulos no caso egípcio e bases para os templos na Meso-América. O fato de os túmulos serem tão grandes no Egito seria o reflexo da rígida organização teocrática que regia aquele povo.

Tal não é a interpretação dos teósofos. Para eles, as pirâmides eram utilizadas no Egito Antigo para a iniciação dos faraós e de certos membros da nobreza e da família real nos sagrados rituais secretos de Ísis e Osíris, a Mãe e o Pai simbólicos da Sagrada Família egípcia.

Quanto ao sarcófago de pórfiro (um mineral) encontrado no interior da pirâmide de Quéops, não seria para enterrar morto algum. Tratava-se da simbólica "fonte batismal", na qual o neófito, candidato à sabedoria dos deuses, era mergulhado. Após o batismo, o candidato renascia e se transformava no homem perfeito.

Seria esta a utilidade das pirâmides encontradas também no Brasil, na cidade goiana de Paraúna, onde, perto de um túnel com paredes lisas e paralelas ao solo até certa distância, que depois entram no interior, localizaram-se "enormes blocos de pedras, dispostos em pirâmides e circundados por um colar de pedras menores hexagonais". Podemos lembrar também os tradicionais chapéus com que são representadas tanto as fadas como as bruxas da lenda. Eles eram em forma de cone, assemelhando-se às pirâmides. Do mesmo modo, os chapéus usados por religiosos e membros de sociedades secretas, como, por exemplo, a Ku Klux Klan, que, juntamente com a capa, transforma todo o corpo de seu portador em uma pirâmide humana.

As pirâmides, saindo da terra apoiadas em sua base quadrada e elevando-se ao céu em triângulo, simbolizam e exprimem de forma magnífica o insigne anseio de todo homem ao espírito.

Os humanos arquitetos daquelas obras de arte em pedra simbolizaram nelas o maior de todos os arquitetos: a divindade.

Arqueólogos mexicanos do Instituto Nacional de Antropologia e História descobriram sob a pirâmide do Sol, em Teotihuacán, uma enorme caverna de 250 metros de comprimento e 5 metros de altura. A gruta, cinco metros abaixo do nível do solo, é orientada no sentido leste-oeste (o mesmo dos trópicos) e situa-se precisamente sob a parte central da construção. A galeria, que aproveitou uma concavidade natural, parece-se ao passadiço de um barco, dividido em duas partes, com a faixa divisória exatamente no centro da pirâmide.

Descoberto casualmente em 1972, quando uma forte chuva revelou sua embocadura, o subterrâneo assemelha-se a um longo túnel, no fim do qual se acha uma câmara. Também foram localizados, quase no final da cova, três caminhos que se abrem como um trevo de três folhas. Na câmara foram encontrados ossos humanos que permitiram aos cientistas datar a presença de homens na gruta em cerca de 300 anos antes de Cristo, e peças de cerâmica ricamente trabalhadas, com desenhos e inscrições desconhecidas. Na pirâmide da Lua, que os teotihuacanos ergueram em frente à do Sol, no entanto, não se achou nenhuma gruta por ora. A gruta do Sol tem as paredes aplainadas com adobe e argila negra, sem desenhos ou decorações, e os pesquisadores, que só revelaram a descoberta em julho de 1974, acreditam que ela teria servido, no período pré-clássico, como câmara ritual.

A FILOSOFIA E AS PIRÂMIDES

POR MICHEL CLAUDE TOUCHARD

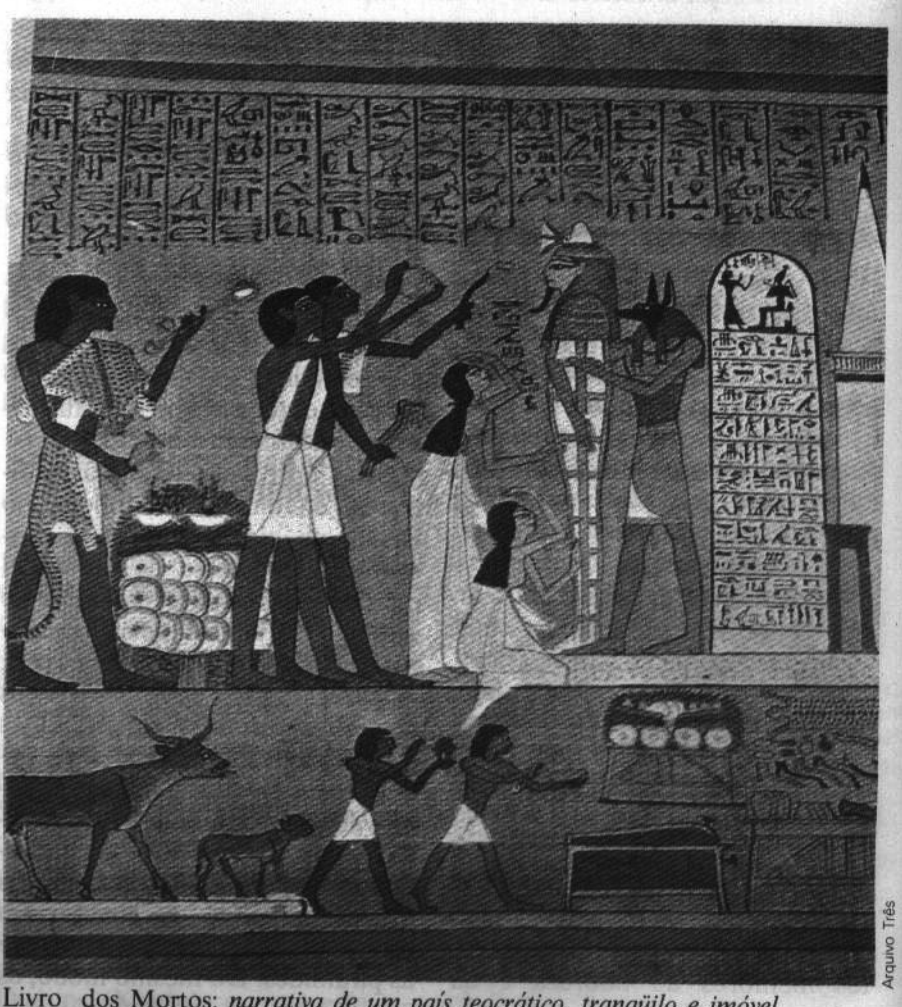
A egiptologia atravessou fases nitidamente distintas desde sua origem. A princípio, após a morte de Cleópatra, houve uns dois milênios de silêncio. A areia cobria os monumentos, os cavaleiros árabes ou líbios passavam a distância, enquanto alguns coptas viviam enfurnados nas cidades. Ao anoitecer, os mendigos cavavam túneis sob as necrópoles, a fim de saqueá-las. A areia desabava freqüentemente sobre eles, e morriam a alguns passos do sarcófago, cujo ouro cobiçavam.

Mais tarde, a expedição de Bonaparte levou para a Europa uma imensa soma de conhecimentos, e, pouco a pouco, a egiptologia tornou-se um assunto supostamente científico com a publicação de uma série de obras. O que trouxe alguns inconvenientes. O fato ocorreu no século 19, em pleno período positivista, uma das épocas menos indicadas para se compreender o Egito faraônico. O Egito era teocrático, tranqüilo, quase imóvel, escrevendo de maneira simbólica sua própria aventura. A Europa moderna era democrática, incrédula, volúvel. Acreditava no progresso, na divulgação. O Egito acreditava na tradição, na magia do gesto certo no momento certo, e no silêncio.

Finalmente, livros e mais livros foram publicados sobre o Egito, enquanto estudos objetivos eram realizados a partir de dados colhidos anteriormente sem rigor científico. E, como alguns não se deram por satisfeitos com estas nomenclaturas secas, surgiram algumas elucubrações falsamente poéticas de autoria dos piramidólogos.

Por volta de 1950, reuniu-se em Luxor uma equipe de egiptólogos dotados de uma mentalidade nova. Pregavam o rigor das pesquisas e a compreensão mais ampla de uma ideologia ancestral inteiramente diferente da nossa. Não se deveria excluir nada antecipadamente, mas antes começar aprendendo tudo a seu respeito.

Entre os membros desta equipe estavam Alexandre Varille, egiptólogo profissional, Jacques Robichon, arquiteto, encarregado das escavações no templo de Re-Montu em Karnak, R. A. Schwaller de Lubicz, filósofo, considerado pelos outros membros como o mestre intelectual do grupo, a srª Lubicz, sua filha, Lucie Lamy, e Alexandre Stoppelaere, conservador do Vale dos Reis. Lucie Lamy e Robichon dedicaram mais de dez anos ao levantamento rigoroso do templo de Luxor, e devemos reconhecer que os resultados destes trabalhos revolucionaram muitas idéias aceitas. Como foi o caso das salas que não formavam retângulos perfeitos. Acreditava-se antes que isto era devido aos processos rudimentares de medição dos egípcios. O levantamento rigoroso mostrou que as paredes não seguiam o mesmo eixo e, como confirmação desta interpretação, foi encontrado o vestígio de dois eixos sob a pedra de um santuário. Depois disto, em vez de lerem a seqüência das inscrições, de uma parede a outra, formando um canto, os pesquisadores procuraram lê-las nas paredes que seguiam o mesmo eixo, apesar de continuarem numa outra sala e não serem simultaneamente visíveis. Graças a isto, as inscrições ganharam sentido. Não é possível enumerar todas as descobertas feitas, sendo que muitas se encontram em monografias especializadas. O resultado deste estudo modificou sensivelmente nossa visão an-



Arquivo Três

Livro dos Mortos: *narrativa de um país teocrático, tranqüilo e imóvel.*

Arquivo Três

Colosso de Memnon, em Tebas: inserido na ação da mobilidade universal.

terior do Egito, sempre no sentido de um respeito maior pelo passado.

O Egito faraônico apresenta uma singularidade fundamental: é uma civilização sem progresso.

O esquema clássico – primitivismo, crescimento, apogeu e declínio – não faz o menor sentido. Champollion, intuitivo genial, percebeu isto desde o início, ao escrever esta frase célebre: "Parece que a morte do Egito começou no momento do seu nascimento."

OS TEMPLOS: UM PROJETO EM RELAÇÃO AO TEMPO

Ainda desta vez, o exame dos templos esclarece-nos a respeito das pirâmides. Todos os observadores se espantaram com a anomalia destes monumentos que se encontram no centro da vida religiosa mais ativa e mais constante durante milhares de anos, e que sofreram diversas transformações durante este período. Os manuais nos informam que este ou aquele faraó "usurpou" um determinado edifício (ou estátua monumental) construído por seu antecessor, apagou a vinheta do seu nome e gravou a sua no lugar. O que seria realmente estúpido. Os faraós não se julgavam imortais. Por que motivo, então, aproveitar a morte do pai para apagar o nome dele e colocar o seu no lugar, quando o faraó sabia que deveria morrer inevitavelmente e que, ao dar este mau exemplo, expunha-se a sofrer uma afronta idêntica? É absurdo. E não deixa de ser uma idéia chocante: atribuir motivos de vaidade pessoal a reis teocráticos, isto é, a soberanos que fundamentavam sua importância na função que exerciam. Que benefício poderia advir para o faraó que rompesse com a tradição dos seus antepassados?

As escavações recentes apresentam uma solução definitiva para este problema. Ao que parece, cada templo era dedicado a um Neter, ou um princípio (o de Luxor, por exemplo, era dedicado ao homem microcósmico), e assim *tudo* – o momento da fundação, as correlações astronômicas e astrológicas, a arquitetura, os materiais – era precisamente definido para conferir ao templo a maior virtude possível. Entretanto, uma vez fundado o templo, era necessário mantê-lo vivo, isto é, inseri-lo na ação da mobilidade universal. Convinha, por isto, que o faraó reinante, sob o signo de Neter apropriado, "atualizasse" em certas ocasiões este ou aquele edifício, fazendo gravar nele seu nome pessoal, o do homem que encarnava o Egito naquele momento histórico. Outras vezes, era necessário modificar a arquitetura do edifício, ou destruir completamente um templo para que fosse refeito a partir de um eixo que havia mudado imperceptivelmente. Só assim era possível encontrar a mesma correspondência no cosmo, após mudanças ocorridas na carta do céu, conforme indicações astronômicas.

A civilização reinante podia definir seus atos e – o que era mais prodigioso – sabia prevê-los. Não é de admirar que a civilização faraônica tenha durado tanto tempo, sendo a única que nunca foi desmentida e que conservou, apesar das convulsões inevitáveis, toda a sua energia durante milhares de anos.

As escavações revelam sempre, nas fundações dos santuários, o reemprego ritual de materiais escolhidos simbolicamente de templos anteriores. Era a consagração de um novo templo. Era também o "projeto", não em relação ao espaço, mas *em relação ao tempo.*

O EGITO: UMA CIVILIZAÇÃO SEM PROGRESSO

Em diversos casos, os arqueólogos descobriram na parte mais antiga de alguns templos o "projeto" inicial que anunciava e definia antecipadamente todas as transformações por que passaram nas gerações seguintes, durante milhares de anos.

O Egito não é apenas uma civilização sem progresso, perfeita desde a primeira hora. Seu início misterioso é também o mais admi-

rável, porque foi então, quando o conhecimento era mais soberano, que os "planos foram fixados".

A maioria destes "planos" data do Antigo Império, e uma boa parte é de Imhopet, o conselheiro genial do rei Zoser, ilustre pelo conhecimento que tinha de diversas disciplinas, inclusive a arquitetura, a ponto de ser considerado geralmente como o arquiteto da Grande Pirâmide.

A respeito de Imhotep, a srª Schwaller de Lubicz escreveu: "... Acima de nós estão os Princípios-Mestres, encarnação da sabedoria: Imhotep e Amenhotep, filho de Hapu (é um mestre faraônico que fala). (...) O primeiro instrutor, o grande mestre Imhotep, inspirador do rei Zoser, veio trazer a conclusão de uma época precedente de sabedoria. Ele deu o plano geral dos templos e das fases que deviam caracterizar o período que se inicia, e os que se seguem até o fim de nossa história.

"E este conhecimento compreendia sua aplicação às medidas arquitetônicas, às modificações da língua e dos nomes, em correspondência com cada etapa dos tempos..." Assim, tudo se passa como se a sucessão de fatos fosse traçada desde o princípio, como se fosse no início que o Egito tivesse manifestado sua maior grandeza.

Em seguida, o plano foi realizado paulatinamente, sem haver progresso propriamente dito. Pelo contrário, à medida que a Sabedoria inicial se foi perdendo, tornou-se necessário fornecer um ensinamento de maneira mais explícita.

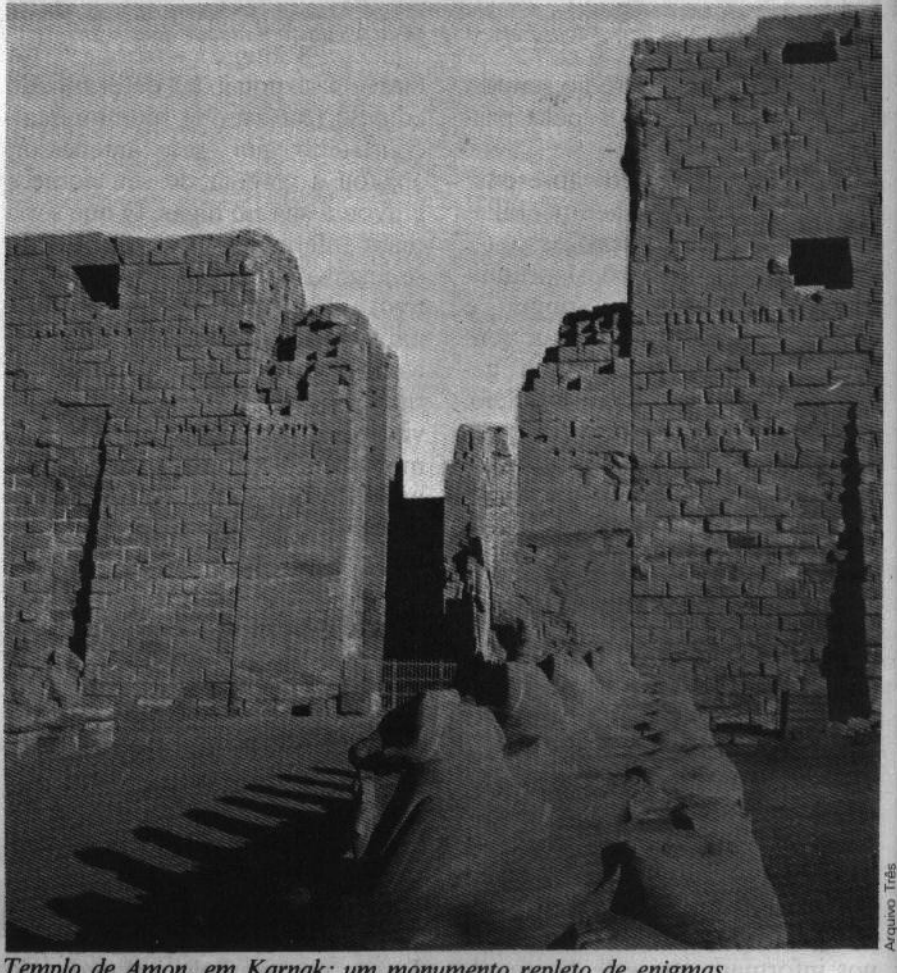
O egiptólogo deve por isto caminhar do mais recente para o mais antigo. Com efeito, parece que alguns templos ptolomaicos (da época romana), como é o caso do de Denderah, são perfeitamente decifráveis. Os templos mais antigos, como os de Luxor (que são, por sinal, os mais belos, mas isto depende unicamente de nossa interpretação moderna, uma vez que o sentido estético estava alheio da arte egípcia, onde tudo era significado), já são menos facilmente legíveis. Eles são repletos de enigmas.

A ARQUITETURA E AS PIRÂMIDES

A Grande Pirâmide é história, é filosofia, mas é também arquitetura. Tanto o trabalho do arquiteto quanto o do camponês existem desde as origens da humanidade, e só terminarão provavelmente com ela, porque correspondem a necessidades fundamentais. Da mesma forma que cultivamos a terra para retirar nosso sustento, construímos habitações para nos proteger das injúrias do tempo. E o reflexo do homem sempre foi, de maneira mais nobre, celebrar seu conhecimento e sua fé por meio de templos.

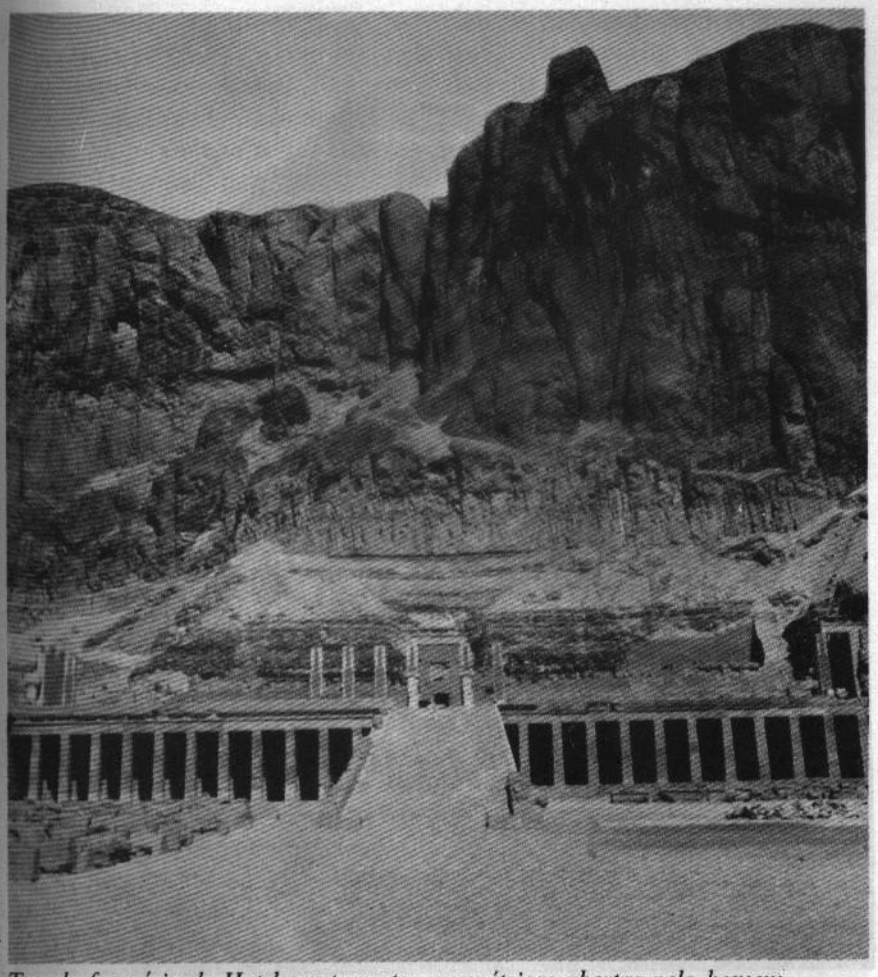
Sem dúvida, o camponês europeu do século 20 que dirige um trator é bem diferente do seu contemporâneo da África. Este, ao riscar o solo com a relha do seu arado de madeira, vive de fato milhares de anos atrás. Mas os dois assemelham-se quando perscrutam o céu para prever o tempo, e tanto um quanto o outro estão sujeitos ao ciclo imutável das estações.

O arquiteto moderno, por sua vez, ao desenhar as grandes fachadas de alumínio e de vidro, que



Arquivo Três

Templo de Amon, em Karnak: um monumento repleto de enigmas.



Arquivo Três

Templo funerário de Hatshepsut: grutas geométricas abertas pelo homem.

vão ser erguidas em edifícios de 40 andares, está sujeito às servidões do equilíbrio, do peso, das faculdades de dimensões do corpo humano, da mesma forma que o arquiteto dos tempos faraônicos. Fora isso, seu processo mental não se diferencia fundamentalmente do primeiro quando ele aborda um problema e a definição progressiva de uma construção.

OS MONUMENTOS DOS DEUSES E DOS MORTOS

Arquitetonicamente falando, o que nos legou o Egito Antigo? Não foram habitações: nem casas nem palácios. Parece que a moradia era para os egípcios uma espécie de veste. Todo homem, ao se casar, construía para sua família uma casa leve, por sinal, admiravelmente adaptada ao clima, com paredes de madeira e de junco favorecendo a ventilação, e terraços cobertos de terra sobre vigamento de palmeiras, que protegiam os moradores dos ardores do sol. Ninguém imaginava, aparentemente, expressar nestas construções confortáveis um sentimento de orgulho ou uma noção de eternidade familiar. As habitações não passavam de pai para filho. Não havia nada nelas comparável aos castelos medievais. Não encontramos tampouco construções utilitárias, a não ser os armazéns reais, que não são muito diferentes dos templos. Tudo era dedicado à vida presente e construído voluntariamente de maneira precária.

Só restam hoje os monumentos dos deuses e dos mortos. A geografia e a paisagem forneceram a forma. No Baixo Egito, no delta do Nilo, o país é visivelmente plano. As sepulturas eram por isso mastabas (jazigos à maneira de pirâmides truncadas, de pequenas dimensões). Os reis mandavam construir pirâmides, que eram ao mesmo tempo túmulos e templos. Em termos medievais, a pirâmide era o equivalente da catedral, construída sobre as relíquias de um padre da Igreja ou de um santo especialmente memorável, o que permitia aos cristãos comungar com a alma admirável que lhes servia de alimento além da morte. À medida que subimos o Nilo em direção ao Alto Egito, os santuários multiplicam-se. No Alto Egito, a localidade mais importante é Luxor, a Tebas de cem portas. Em Luxor, os templos principais ocupam a mesma margem que a cidade moderna (o templo de Luxor fica junto à cidade, e o de Karnak um pouco mais afastado). A outra margem, plana, que termina pelas montanhas da cordilheira tebana, chama-se ainda hoje a "terra dos mortos". Vemos ainda templos no meio das terras cultivadas, bem como os famosos colossos de Memnon, embora o essencial esteja na montanha. Ali as sepulturas foram cavadas no interior das rochas, sem superestruturas, grutas geométricas abertas pela mão humana. A relação das dimensões entre os túmulos dos nobres e os jazigos dos reis – entre as mastabas e as pirâmides – é encontrada igualmente entre as câmaras funerárias mais ou menos modestas dos homens notáveis e as fabulosas termiteiras reais do Vale dos Reis. Os turistas modernos percorrem este local descendo lances sucessivos de escadas que parecem perder-se nas entranhas da terra.

OS CRITÉRIOS DE UMA ARQUITETURA ELABORADA

Tais eram os anteprojetos que os arquitetos do Antigo, do Médio e do Novo Império tiveram que executar. Qual foi o critério que seguiram, tanto do ponto de vista da idealização quanto da construção?

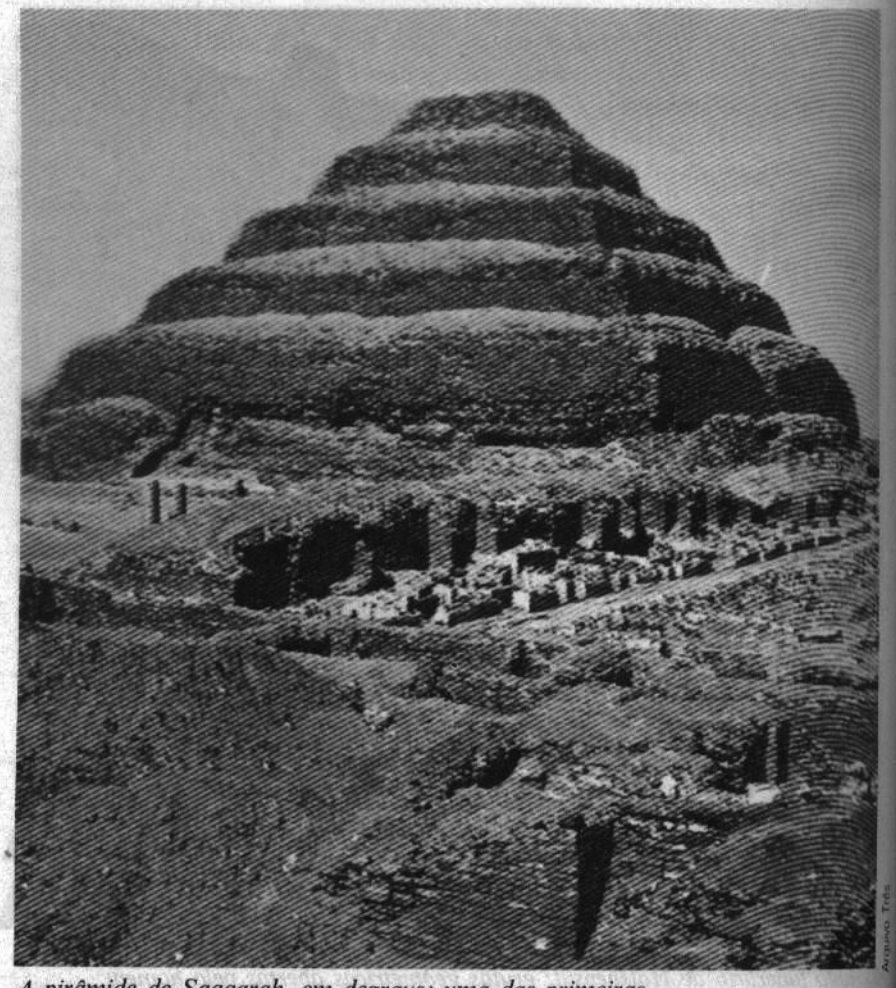
Para compreender a execução, convém lembrar que a arquitetura é uma arte mental e, apenas acessoriamente, uma arte gráfica. Quando um arquiteto toma conhecimento de um anteprojeto, é seu cérebro que trabalha, e não sua mão. E, se um anteprojeto consiste hoje em um texto que define vagamente as funções de uma determinada construção, no tempo dos faraós a encomenda era absolutamente precisa. Os sacerdotes

estabeleciam de antemão *tudo* aquilo que o monumento deveria ser, quanto à orientação, materiais empregados, etc. Aliás, os arquitetos eram geralmente sacerdotes, e, se algo é certo com respeito à arquitetura faraônica, podemos dizer que nada era feito ao acaso.

A arquitetura, portanto, é a arte dos planos, a arte da abstração. O arquiteto reflete, pressente, vê e, *em conseqüência,* desenha. Isto ocorreu em todas as épocas e fornece uma indicação muito importante para o assunto que nos interessa.

De fato, se admitirmos que os egípcios construíram primeiro as mastabas, depois a grande pirâmide de Saqqarah, dotada de degraus, em seguida a pirâmide romboidal de Dahchur, e somente depois as grandes pirâmides triangulares de Gizé, temos a impressão de que houve uma evolução hesitante de uma a outra. Como o escultor que, ao modelar a argila, sabe e não sabe o que vai produzir. À medida que a escultura toma forma em suas mãos, ele modifica-a, completa-a, em função do que já é, do que se torna pouco a pouco e do efeito que exerce sobre ele. Ele enxerga, a cada instante, os gestos que deve realizar imediatamente, e estes gestos, ao produzirem um resultado, um efeito novo, sugerem-lhe os gestos seguintes, de maneira que, orientada pelo instinto do artista, a escultura caminha para seu termo. Assim, o construtor egípcio, ao ver sua pirâmide subir com degraus, pensou preencher os vazios, as chanfraduras, a fim de construir, na vez seguinte, uma pirâmide lisa...

Mas é muito pouco provável que o mesmo suceda em arquitetura. O arquiteto não se deixa conduzir pelo que vê, à medida que seu trabalho avança, porque ele já viu tudo ao mesmo tempo, desde o início. Este é o método e a disciplina de sua arte. Esta é sua maneira de trabalhar. É por isso que muitos arquitetos não se incumbem pessoalmente da execução de seus projetos. Para eles, a construção terminou há muito tempo – no momento em que a idealizaram e a desenharam no papel. Eles já sabem de antemão o resultado. Pode ser uma surpresa para os outros, mas não para eles. É quase certo, por conseguinte, que a idéia da Grande Pirâmide triangular nasceu já pronta no cérebro de um homem (Imhotep) ou de vários homens.



A pirâmide de Saqqarah, em degraus: uma das primeiras.

O arquiteto idealiza primeiro e projeta em seguida, tanto para expressar e precisar sua visão quanto para concretizá-la e para transmitir aos construtores os instrumentos que irão possibilitar a execução da obra. Para um arquiteto, um projeto é antes do mais uma ordem escrita.

OS PROBLEMAS DA CONSTRUÇÃO DAS PIRÂMIDES

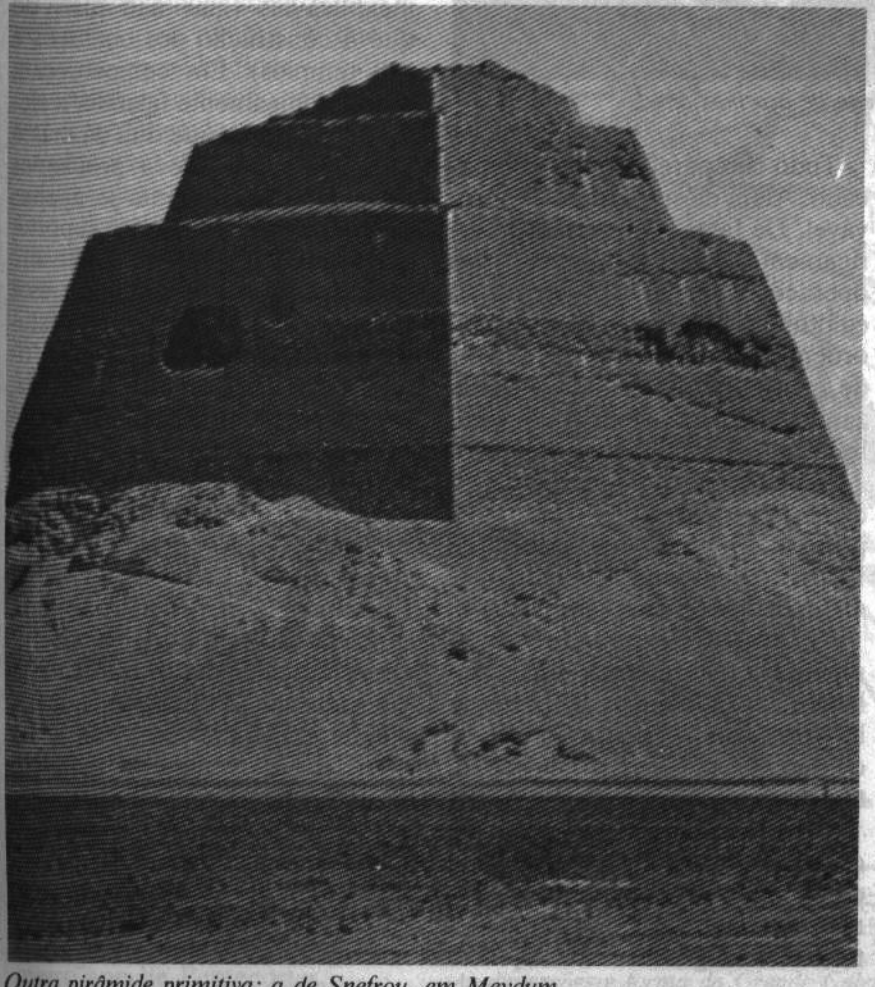
O momento seguinte é o da construção, e a edificação das pirâmides coloca alguns problemas consideráveis de ordem técnica. Para termos uma idéia aproximada, é interessante considerar primeiramente dois outros problemas igualmente espantosos: o dos templos e o dos obeliscos.

No estado atual dos conhecimentos arqueológicos, os processos de construção dos templos permanecem bastante enigmáticos. Um templo egípcio principiava geralmente por um muro monumental, ligeiramente piramidal (inclinado), onde se abria o portão principal, recoberto de ouro (que hoje, evidentemente, não existe mais). Para se chegar ao portão, atravessava-se uma pequena via ladeada de estátuas (em Karnak, carneiros), sendo que dois obeliscos se erguiam diante do portão. Do outro lado, estendia-se uma sucessão de pátios e de salas, com colunas dispostas em xadrez sustentando uma cobertura de pedra, até o santuário mais secreto. Construir as colunas já é difícil; cobri-las em

seguida, dadas as dimensões das pedras empregadas, é realmente algo espantoso. Basta lembrar que as arquitraves, vigas de pedra colocadas de coluna a coluna, de capitel a capitel, pesavam geralmente *cem toneladas cada uma*. A obra mais séria a este respeito é a *Histoire del l'Architecture* de Auguste Choisy. Após estudar o assunto sob todos os ângulos, Choisy encontrou apenas a seguinte explicação: no momento da construção, o templo estava *cheio*. Isto é, enquanto os operários superpunham os tambores das colunas para edificar a obra principal, os interstícios entre os fustes eram cheios com tijolos de adobe. Assim, em cada etapa da construção, o templo apresentava-se como uma plataforma lisa, sobre a qual os operários erguiam – mediante uma série de planos inclinados cada vez mais extensos (à medida que o conjunto ganhava altura) – os blocos enormes de pedra para colocá-los em seu devido lugar. Sem isto, a colocação das arquitraves acarretava alguns problemas mecânicos muito árduos, sem falar nos problemas complicadíssimos de equilíbrio. Se houvesse o menor erro de prumo, as colunas desabavam facilmente, uma vez que não eram monolíticas, mas formadas de tambores superpostos, sendo pouco estáveis e precárias.

Finalmente, uma vez coberto o templo, a massa dos tijolos de adobe era retirada e no lugar ocupado previamente por ela surgiam salas espaçosas nos vãos entre as colunas. Por mais lógica que seja, esta explicação deixa a desejar. Antes do mais, nada a confirma do ponto de vista arqueológico. Nenhum hieróglifo menciona um processo tão singular e custoso. Fora isto, existe algo de inábil, grosseiro e primitivo nele que nos incomoda, sobretudo se tratando de monumentos admiráveis sob todos os pontos de vista. Por sinal, teríamos muita dificuldade hoje em dia, por mais engenhosos que sejamos, em construir obras tão perfeitas quanto essas.

O problema dos obeliscos, no entanto, é ainda mais surpreendente. Sabemos que eram geralmente de granito, e as únicas pedreiras conhecidas encontram-se em Assuã, a centenas de quilômetros de Luxor. A origem do material é indiscutível, sendo confirmada por alguns obeliscos encontrados em Assuã em fase de corte. Os processos do corte são conhecidos: os blocos eram talhados por meio de cunhas de madeira. As cunhas eram colocadas em entalhes feitos na pedra, ao longo do plano previsto. Em seguida, eram molhadas e o dilatamento simultâneo de todas elas partia a pedra com precisão. Os obeliscos construídos com esta pedra duríssima eram talhados então com o mesmo rigor que uma peça de metal, sendo esculpidos, com uma arte admirável sobre as quatro faces, o que implica problemas incríveis de manipulação. Apesar disso, nenhum obelisco conhecido apresenta rachaduras em suas arestas. Uma vez levados até o Nilo, o problema do transporte podia ser resolvido de diversas maneiras, já que os blocos mergulhados na água perdiam uma parte do seu peso. Mas era preciso antes transportá-los da pedreira até o Nilo, e dali até o lugar da destinação, onde eram erguidos. Choisy só encontrou uma explicação possível: o obelisco, como medida de precaução, era "encaixotado". Feito isto, os operários, em grande número, colocavam alavancas quase lado a lado em toda a sua extensão e levantavam-no ligeiramente. O bloco era calçado neste nível que lhe servia de suporte. Depois, levantavam-no mais um pouco, repetindo a operação anterior até atingir uma altura razoável. Neste momento, construíam um plano inclinado em direção ao lugar a que desejavam conduzi-lo, e faziam-no escorregar sobre a rampa, feita geralmente de terra molhada, para facilitar a operação. Quando o obelisco voltava ao nível do solo, após ter avançado uma dezena de metros, repetia-se



Arquivo Três

Outra pirâmide primitiva: a de Snefrou, em Meydum.

Arquivo Três

O faraó Tutancâmon possuía um punhal feito de aço inoxidável.

a operação anterior. Podem imaginar o número de anos, dezenas provavelmente, que eram necessários para este tipo de transporte.

Finalmente, chegava o momento de levantar o obelisco. Tratava-se de uma operação tão perigosa, tão acrobática, que um engenheiro francês mandou gravar na base do obelisco de 27 metros, erguido no centro da Place de la Concorde, em Paris, a nomenclatura das diversas operações, de tal modo as considerou dignas de nota.

OS EGÍPCIOS POSSUÍAM PODERES SUPRANORMAIS?

Nos tempos faraônicos, segundo Choisy, os egípcios utilizavam um sistema fantástico de aterros enormes e uma descida final sobre sacos de areia, que eram esvaziados sucessivamente.

Tudo isto parece muito complicado. Além de ser bastante improvável. De fato, conhecemos historicamente alguns pormenores das operações. Segundo o parecer do egiptólogo Alexandre Varille, uma ordem era transmitida de Luxor, de uma hora para a outra, autorizando a construção de um obelisco, que era talhado e esculpido a centenas de quilômetros da cidade. Feito isto, o bloco era transportado e erguido em tal local de Luxor – aproximadamente *sete meses* depois de ser encomendado.

Teríamos dificuldade atualmente em realizar uma obra semelhante, levando em conta os trabalhos imensos e admiráveis de escultura executados numa pedra tão dura.

É possível, em vista disso, que os egípcios iniciados dispusessem de meios científicos que não julgaram conveniente transmitir à posteridade. Segundo uma opinião muito divulgada, o único metal que os egípcios conheciam era o cobre. Como se explica então que o punhal de Tutancâmon, atualmente no Cairo, tenha sido feito de aço inoxidável? Por que razão, 4 mil anos depois, sua lâmina imaculada apresenta apenas uma mancha minúscula: o vestígio da gota de ácido que o químico dos tempos modernos derramou sobre ela para conhecer sua natureza?

É muito provável também que os sacerdotes possuíssem poderes supranormais. Mas que poderes eram estes?

Diante destas duas proezas técnicas – a construção dos templos, e o corte e levantamento dos obeliscos, verdadeiras obras de engenheiros equilibristas –, o problema da construção das pirâmides parece-nos, no final das contas, bem mais simples.

Claro, não podemos esquecer a precisão prodigiosa da orientação e das dimensões geométricas. O transporte e a colocação dos monólitos colossais das câmaras funerárias são também igualmente inexplicáveis (mas não mais do que a construção dos obeliscos e dos templos). Em compensação, arquitetonicamente falando, a elevação propriamente dita da massa piramidal não coloca problemas tão insuperáveis. Trata-se apenas de construir um primeiro suporte, ou terraço, erguer para seu alto pedras enormes e continuar esta ascensão indefinidamente. Trata-se, em suma, de construir uma fileira de pedras, uma de cada vez, exatamente um degrau mais alto do que o anterior. O mistério da construção só permanece quanto à natureza dos equipamentos empregados. Choisy sugeriu o emprego de "elevadores oscilantes" (o sistema é semelhante ao proposto para o transporte dos obeliscos. O trabalho consiste em operações alternadas de alavancas e de calços. "Dai-me um ponto de apoio e eu levantarei o mundo", dizia Arquimedes). Contudo, por mais que ignoremos os meios técnicos empregados, temos que admitir que os processos da construção são surpreendentes, embora não necessariamente prodigiosos.

UM MONUMENTO PROFÉTICO

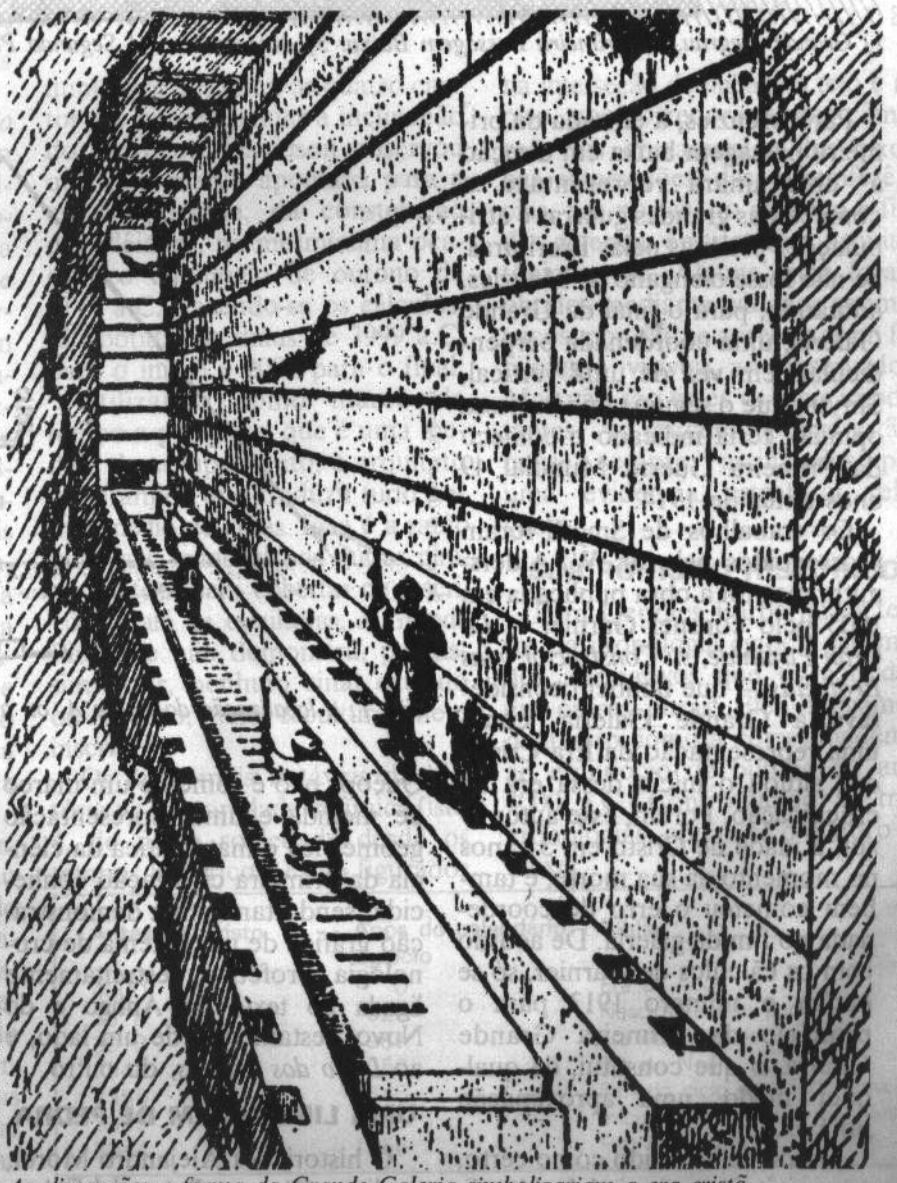
A Grande Pirâmide guarda há milênios os segredos da civilização egípcia, considerada a mais antiga e sábia da história humana. Contudo, a partir de 1865, estudiosos passaram a descobrir, nas formas arquitetônicas dos corredores e câmaras da pirâmide, uma simbologia que caracteriza a cronologia histórica de fatos acontecidos em nossa sociedade, também relatados na *Bíblia* e no *Livro dos Mortos*. A pirâmide revelou, então, ser um guia profético.

POR NICÉIA FURQUIM DE ALMEIDA

Desde que cientistas do mundo inteiro começaram a estudar as pirâmides para desvendar seus segredos, buscou-se extrair dados astronômicos, meteorológicos e geodésicos que representassem o estágio dos conhecimentos da Antigüidade mais remota, já que os milhares ou milhões de anos que precedem a civilização egípcia nos são desconhecidos, perdendo-se no obscurantismo da pré-história.

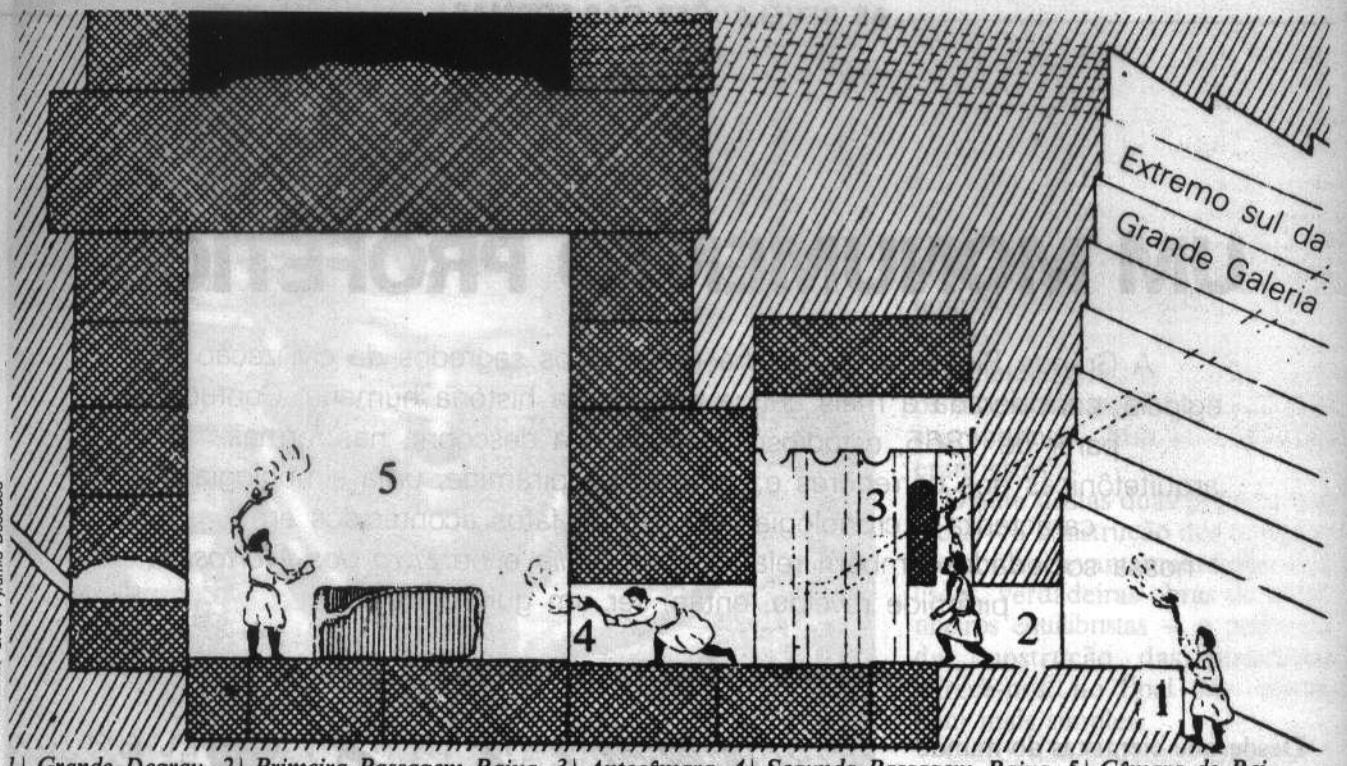
Contudo, a partir do final do século 18, certos autores lançaram a hipótese de que o perímetro da base da Grande Pirâmide – a de Quéops – correspondia à duração do ano solar. Em 1865, Robert Menzies foi quem primeiro defendeu, publicamente, a tese segundo a qual os corredores e câmaras dessa pirâmide eram uma representação cronológica de profecias, sendo que a unidade de cálculo dessa escala cronológica seria a medida do diâmetro polar da Terra, e a Grande Galeria simbolizava a Era Cristã, por sua forma, altura e comprimento.

Menzies considerava também que o começo da Era Cristã coincidia com o nascimento de Jesus, no que foi seguido por Piazzi Smyth, mas refutado por vários outros estudiosos, que situam o começo dessa era no ano da crucificação e ressurreição, que é também o primeiro ano de Pentecostes.



Do livro *The Great Pyramid Decoded*

As dimensões e forma da Grande Galeria simbolizariam a era cristã.



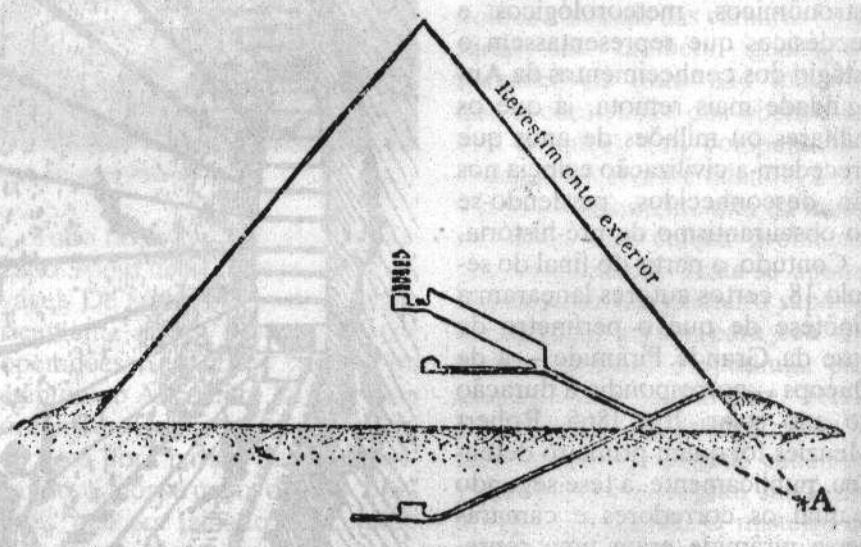
Do Livro *The Great Pyramid Decoded*

1) Grande Degrau. 2) Primeira Passagem Baixa. 3) Antecâmara. 4) Segunda Passagem Baixa. 5) Câmara do Rei.

Para Menzies, a entrada da primeira passagem baixa em direção à antecâmara representava o começo das grandes guerras e atribulações preditas pelas Escrituras. Se não fosse o engano de Menzies, adotando, para o final da Grande Galeria, uma coordenada perpendicular, em vez de uma vertical, Smyth, que o seguiu também nessa opinião, teria indicado o começo da Primeira Guerra Mundial 49 anos antes de 1914.

Os trabalhos de Smyth foram prosseguidos pelo dr. W. Aldersmith, mas foi a obra publicada em 1905 pelo coronel Garnier – *La Gran Pirámide, su Constructor y las Profecias* –, que também considerava a Grande Galeria como uma representação da Era Cristã, que situou o início dessa era na crucificação. Porém, esse autor fixou a idade de Cristo em 31 anos no momento da sua morte, e também cometeu o erro de coordenada no fim da galeria. De acordo com os cálculos de Garnier, só se obtém o número 1913 para o princípio da Primeira Grande Guerra, o que constitui, de qualquer modo, uma aproximação notável.

Desde então é tido como certo, por muitos, que a pirâmide de



Do livro *Le Secret de la Grande Pirámide*

Fig. 1: a localização do Ponto A, ou a data da origem da "raça adâmica".

Quéops não é somente um marco de medida e uma representação geométrica e matemática da ciência da primeira civilização conhecida, sendo também a demonstração gráfica de um sistema de cronologia profética, estreitamente ligada ao texto do Antigo e do Novo Testamento, de um lado, e ao *Livro dos Mortos*, do outro.

UMA LINGUAGEM DE PEDRA

O historiador Alejandro Moret, no livro *Dioses y Reyes del Egipto*, demonstra que toda a alegoria sagrada dos egípcios se achava plenamente identificada com os relatos evangélicos. O nascimento do Messias, os detalhes sobre sua vida, a cerimônia da Ceia, as circunstâncias de sua morte – sobre todos esses fatos, circulavam histórias correntemente no Egito, entre o povo, e isto milhares de anos antes de Jesus Cristo nascer. Entretanto, é necessário destacar que os sacerdotes egípcios não compreendiam, ou não queriam com-

2ª cad. PL. Pirâmides

preender, o significado das profecias, e aplicavam os acontecimentos da vida e paixão do Messias a seu deus Osíris.

Com relação ao *Livro dos Mortos,* existe uma identidade entre ele e a Grande Pirâmide. Um complementa o outro, como elucida um egiptólogo ao dizer que a pirâmide "fala uma linguagem de pedra" e *O Livro dos Mortos* "fala uma linguagem de palavras". Na obra egípcia, a pirâmide é "O Templo de Amen", quer dizer, do cumprimento, das realizações; a casa secreta da entidade oculta; "O Lugar da Luz"; a "Casa dos Lugares Secretos". As alegorias do livro se relacionam com os corredores e câmaras da pirâmide. É seguindo passo a passo um e outro guia que poderemos tentar penetrar com êxito nesse sistema de revelações históricas, das mais assombrosas, surpreendentes e, ao mesmo tempo, mais ordenadas que nos é possível conceber.

Em seu livro *El Secreto de la Pirámide*, Georges Barbarin apresenta-nos um resumo do cálculo que desvenda a linha cronológica das profecias. Ela é obtida ao prolongar-se o segmento de reta constituído pelo piso do corredor ascendente até o ponto em que se encontra com o prolongamento do segmento que representa o revestimento ideal da face norte da pirâmide. O vértice resultante é o ponto A, que dista exatamente 6.000 polegadas piramidais do término do segmento, no centro da antecâmara que precede a Câmara do Rei (ver fig. 1). Cada uma das 6.000 polegadas corresponderia a um ano. Davidson e certos religiosos arbitraram o ano de 4000 a.C., data da origem da "raça adâmica", para o início da linha cronológica.

Dados astronômicos viriam fortalecer essa hipótese. A inclinação do corredor de entrada coincide com a estrela Alfa Draconis, e Davidson verificou que a luz dessa estrela penetrou por aquele corredor no equinócio de outono do ano 2144 a.C. Além disso, no corredor descendente existem duas juntas diferentes das demais, que chamam a atenção para uma linha

Arquivo Três

A localização das Plêiades, em 2144 a.C., está inscrita na Pirâmide.

dupla que demarca os quatro cantos e é perpendicular à inclinação do corredor. Davidson observou que essa marca apontava para a estrela Alcíone, da constelação das Plêiades, na mesmíssima ocasião: o equinócio de outono de 2144 a.C. Fazendo-se os cálculos, são obtidas as datas de 3999 a.C. para o início e 2001 para o final.

Utilizando como marco de tempo a polegada, que é uma medida de comprimento, o arquiteto da pirâmide quis traduzir tudo por intermédio de cifras. Essa é a razão pela qual, enquanto as outras pirâmides se acham cobertas de inscrições e até de esculturas, a Grande Pirâmide não demonstra, por assim dizer, nenhum sinal externo ou interno, nem esculturas nem inscrições.

Os fatos mais notáveis da história da humanidade adâmica (isto é, de nossa sociedade desde os tempos históricos) estão figurados na interseção de linhas no teto e no piso, nos corredores e nas câmaras, nos cruzamentos dos eixos, nas interseções das circunferências, nas portas, no começo e fim das galerias, em detalhes arquitetônicos, etc. Alguns fatos foram obtidos mediante cálculos geométricos, por não se apresentarem facilmente visíveis ao observador. Mas não são esses os mais importantes. As grandes épocas estão, quase sempre, assinaladas por uma evidência estrutural relevante.

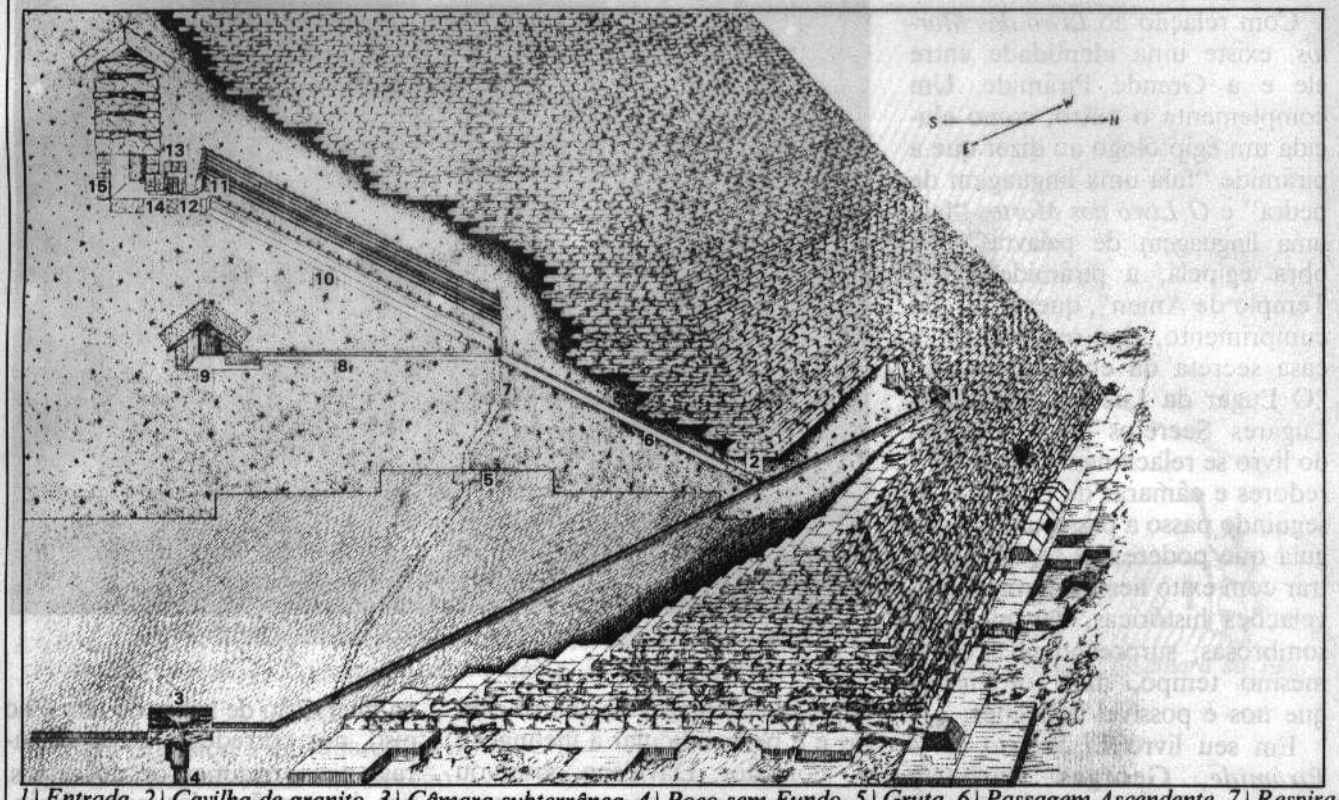
SINCRONISMO HISTÓRICO

Para Georges Barbarin, os textos da cronologia egípcia são menos afirmativos que os contidos em outras obras. Eles indicam a data zero como a correspondente ao equinócio de outono do ano 4000 a.C. Confrontando as três cronologias, obtém-se o quadro abaixo:

Antes de Cristo	Anos do calendário egípcio	Bíblia
4000	0	Era de Adão
3378	622	Nascimento de Enoque
3013	987	Era da Casa de Enoque
2944	1056	Era de Noé
2355	1645	Fim do ciclo dos cinco fênix
2345	1655	Início do Dilúvio dos hebreus
2344	1656	Fim do Dilúvio

NO INTERIOR, PASSAGENS E CÂMARAS

EQUIPE PLANETA



1) Entrada. 2) Cavilha de granito. 3) Câmara subterrânea. 4) Poço sem Fundo. 5) Gruta. 6) Passagem Ascendente. 7) Respiradouro do Poço. 8) Passagem da Câmara da Rainha. 9) Câmara da Rainha. 10) Grande Galeria. 11) Grande Degrau. 12) Primeira Passagem Baixa. 13) Antecâmara. 14) Segunda Passagem Baixa. 15) Câmara do Rei.

Até o ano 820, ninguém havia penetrado na Grande Pirâmide. Nesse ano, no entanto, o califa Al Mamoun, de Bagdad, que estava à procura de tesouros, foi ao Egito para tentar entrar naquele monumento.

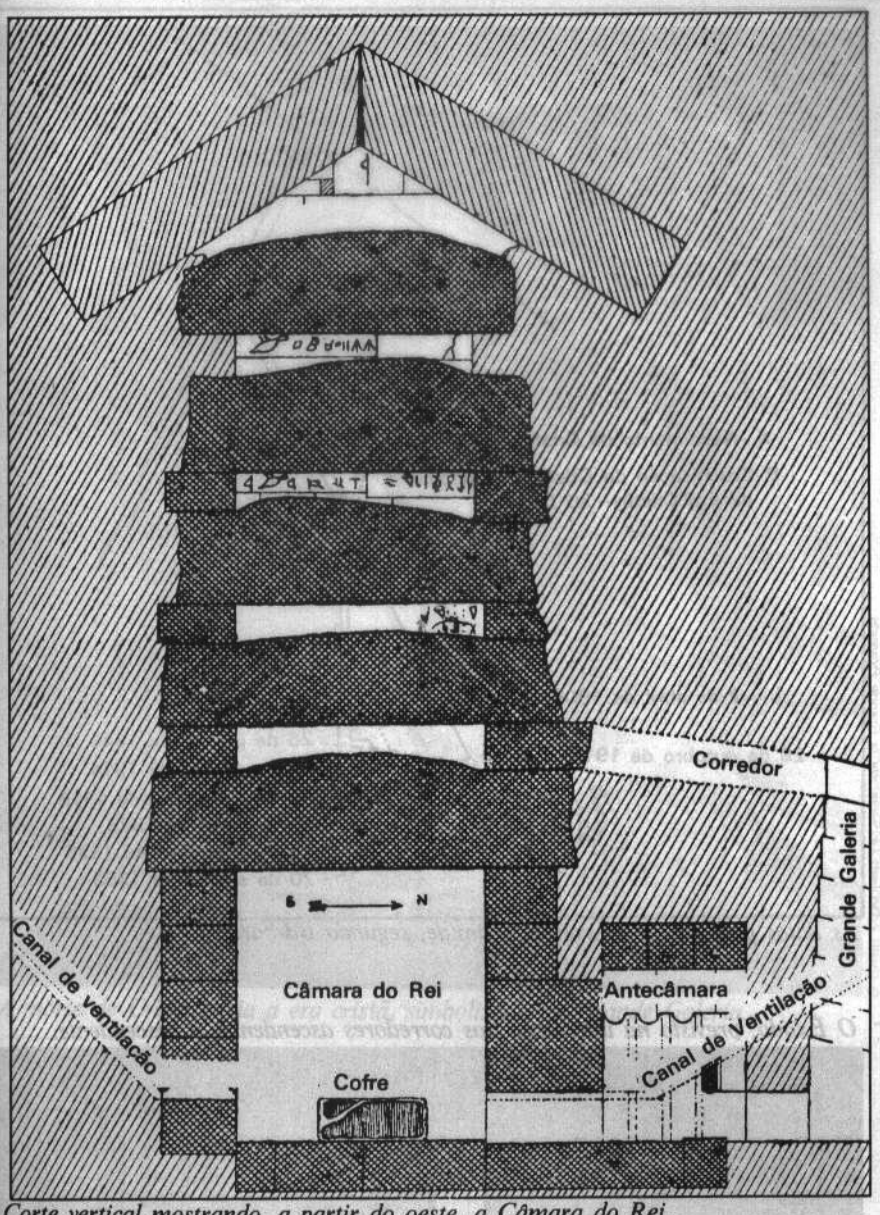
Para tanto, o califa contratou trabalhadores maometanos para iniciar as escavações em determinada parte da face norte. Com as suas primitivas ferramentas, os árabes cavaram um túnel próximo à base, penetrando na pirâmide por cerca de 36 m. Como nada encontrassem, resolveram abandonar a tarefa, mas então ouviram um ruído surdo semelhante ao de uma pedra caindo no vazio. Isso só poderia significar que as suas escavações haviam provocado o desabamento de uma pedra dentro de uma câmara. Animados, recomeçaram as escavações, dirigindo seus esforços para a parte da pirâmide de onde viera o barulho. Foram tão bem sucedidos que irromperam num corredor descendente e, no final deste, encontraram uma câmara rústica, escavada na rocha natural, abaixo dos alicerces do monumento. Todavia, além de uma canaleta retangular no solo que não conduzia a lugar algum e de uma câmara e uma passagem horizontal, estreita, de 15m de comprimento, que também não conduzia a nada, nada mais encontraram.

Voltando pelo mesmo corredor, os árabes, depois de percorrer cerca de 85m, foram atraídos por uma cavilha que, se descobriu depois, escondia uma passagem ascendente. Após contornar essa barreira, chegaram a uma galeria horizontal, baixa e estreita, que conduzia a uma câmara retangular, cuja entrada apresentava beiral. Pensando que a partir de uma cavidade em uma das paredes poderia ter acesso a outra câmara, os árabes escavaram, mas logo desistiram.

Voltando ao local de entrada da galeria horizontal, os árabes examinaram um novo corredor ascendente, com rampas laterais. Ao final dessas rampas, encontraram uma pedra com cerca de 90cm de altura. Ao ultrapassá-la, depararam com um outro corredor baixo, horizontal, que dava passagem para uma pequena câmara. A partir dessa câmara, seguia-se um novo corredor baixo, ao final do qual as tochas dos árabes revelaram um quarto de grandes proporções. No chão repousava um sarcófago de granito polido que ecoava como um sino ao ser golpeado. À procura de tesouros, os árabes destruíram parte do piso e das paredes, mas, como nada encontraram, largaram as escavações e procuraram o califa para avisá-lo do insucesso da missão e reclamar o pagamento pelo trabalho feito. Diz a história que Al Mamoun alegou que os trabalhadores não tinham escavado no lugar que ele assinalara, e apontou outro. Quando os árabes começaram a escavar, encontraram um monte de ouro, que perfazia a importância total dos pagamentos reclamados, ali colocados previamente pelo próprio califa.

Foi assim que a Grande Pirâmide teve o seu interior pela primeira vez sondado. De lá para cá, essas passagens e câmaras, estudadas, receberam nomes e foram esquematizadas.

O califa havia realmente começado a escavar pelo lado certo, pois a única entrada que dá acesso ao in-



Corte vertical mostrando, a partir do oeste, a Câmara do Rei.

terior da Grande Pirâmide está situada na face norte. Há lá uma porta giratória construída e instalada com tanta perfeição que é impossível diferenciá-la do restante do muro de pedras.

Como haviam descoberto aqueles primeiros exploradores, no interior da Grande Pirâmide existem dois sistemas de corredores – um descendente e outro ascendente. Este último é composto da Passagem Ascendente, pela Grande Galeria, pela Passagem da Câmara do Rei e pela própria Câmara do Rei, englobando também a parte horizontal, que compreende a Passagem da Câmara da Rainha e a Câmara da Rainha.

Entre os dois sistemas, há uma passagem que começa no início da Grande Galeria, atravessa os vários pisos, chega ao solo, atravessa a rocha primitiva e perfura a parede oeste da Passagem Descendente, bem abaixo do nível do solo. Essa passagem é conhecida como o Respiradouro do Poço e parece ter sido projetada para permitir a inspeção periódica do sistema. Essa passagem termina numa pequena cavidade natural a 26m abaixo do nível da base da Grande Pirâmide que foi batizada com o nome de Gruta.

A Passagem Descendente atravessa o solo rochoso e chega à Câmara Subterrânea, a primeira descoberta pelos contratados do califa. Aí se encontra um poço que os egiptólogos convencionaram chamar de Poço sem Fundo.

No seu início, a Passagem Ascendente foi bloqueada por uma cavilha de granito formada por três blocos de granito vermelho, solidamente cunhados no local, levando à conclusão que foram colocados lá mesmo antes de a estrutura alcançar um nível mais alto.

Após a cavilha, a Passagem Ascendente é da mesma altura e largura que a Descendente. Depois termina abruptamente na Grande Galeria, um magnífico corredor que, seguindo o mesmo ângulo de ascendência da Passagem Ascendente, penetra profundamente na pirâmide.

Nesse mesmo ponto onde se inicia a Grande Galeria, existe uma passagem horizontal de 6m de comprimento por 5m de largura, e 4,50m de altura, que começa no lugar mais baixo da Grande Galeria e termina na Câmara da Rainha. Seu piso se apóia na 25ª fileira da Grande Pirâmide.

A Grande Galeria tem duas rampas, uma de cada lado, que acompanham toda sua extensão. Seu comprimeiro é de aproximadamente 47m e sua altura ultrapassa os 8m.

Na extremidade superior da Grande Galeria se acha o Grande Degrau, dando acesso à Passagem do Rei, que se divide em três seções: a Primeira Passagem Baixa, a Antecâmara, a Segunda Passagem Baixa.

Ao extremo sul da Primeira Passagem Baixa está a Antecâmara, com 3,75m de altura. As paredes são de granito polido e a parte superior ostenta painéis. O teto é de blocos de granito.

A Segunda Passagem Baixa segue-se à Antecâmara e termina na própria Câmara do Rei, um espaçoso recinto de granito vermelho polido, com 10m de comprimento, 5m de largura e quase 6m de altura. O teto foi construído com 43 vigas maciças de aproximadamente 8m de comprimento cada, pesando cerca de 70 toneladas.

Sobre o teto dessa câmara existem cavidades de desafogo destinadas a evitar desmoronamentos em virtude do tremendo peso que sustentam. Os blocos superiores são de rocha calcárea para permitir uma mais eficiente absorção de impactos ou deslizamentos.

A ventilação das Câmaras do Rei e da Rainha é conseguida por meio de canais, onde podem ser vistos alguns hieróglifos deixados pelos antigos trabalhadores mostrando que a Grande Pirâmide foi construída no reinado de Khufu e que tinha chegado àquela etapa no 17º ano de seu reinado.

AS REVELAÇÕES DAS FORMAS

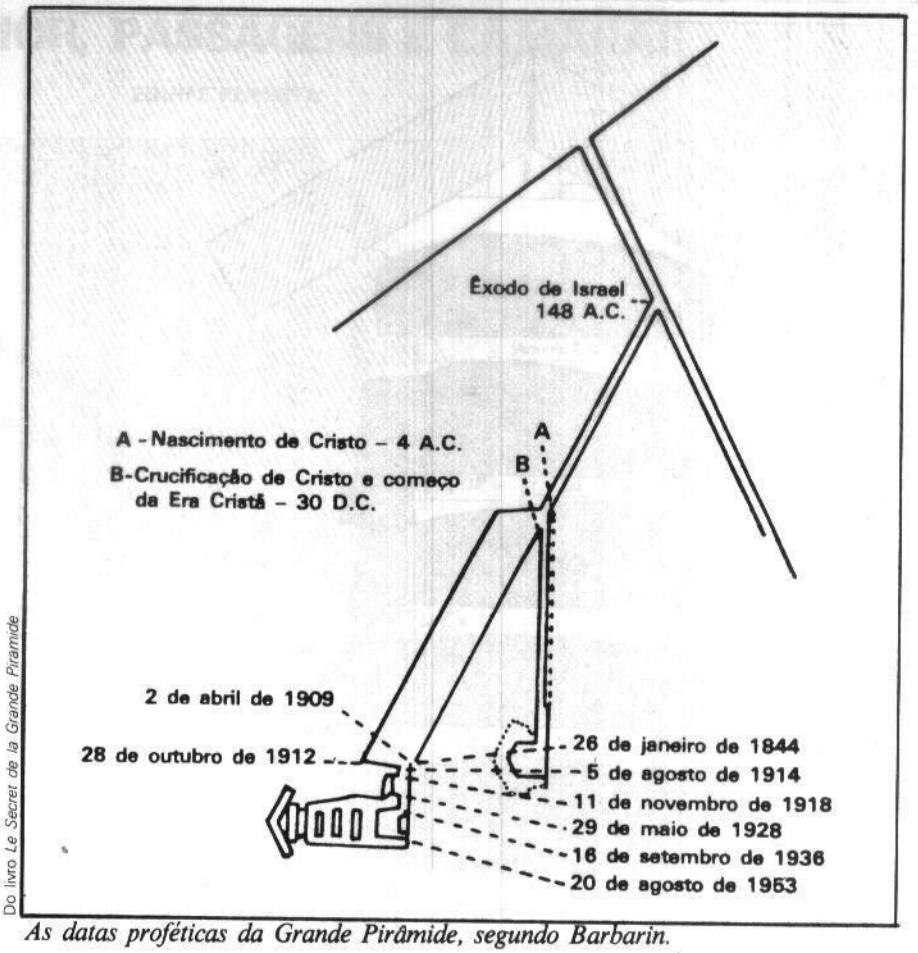
É fora de dúvida que existe um sincronismo, uma correlação evidente entre as histórias do Egito, da Babilônia e de Israel.

A tradição talmúdica da Casa de Elias fala "dos mil anos vazios; dos mil anos da Lei, e dos mil anos dos dias do Messias". Por fim, o Livro de Enoque fala de um período de seis dias (entendamos seis milênios) durante os quais "todas as coisas serão realizadas e depois do qual haverá um sétimo dia" – o dia (o milênio) do repouso.

O historiador Habermann procura destacar que, nessa Era Adâmica de seis mil anos, cada milênio está assinalado por um acontecimento de capital importância na história de Israel. Na cronologia profética da pirâmide, contudo, nada de relevante existe na linha do tempo até sua interseção com o corredor descendente, equivalendo ao ano 1486 a.C. Duas hipóteses são sugeridas para essa data. Segundo Davidson e Aldersmith, ela corresponderia ao Êxodo. Tom Valentine, em *A Grande Pirâmide,* considera que poderia ser o ano do nascimento de Moisés.

Dali, a escala cronológica segue através do "Hall da Verdade nas Trevas", segundo *O Livro dos Mortos,* até um ponto crucial, assinalando a data de 4 de outubro de 4 a.C.: é a projeção do piso da Câmara da Rainha, ou "Câmara do Novo Nascimento". Nesse dia Cristo teria nascido, segundo Valentine. Ele lembra que Dionísio Exíguo, o organizador de nosso calendário, computou o ano zero como sendo o oitavo do imperador romano Augusto – mas Augusto reinou quatro anos antes com seu verdadeiro nome, Otávio.

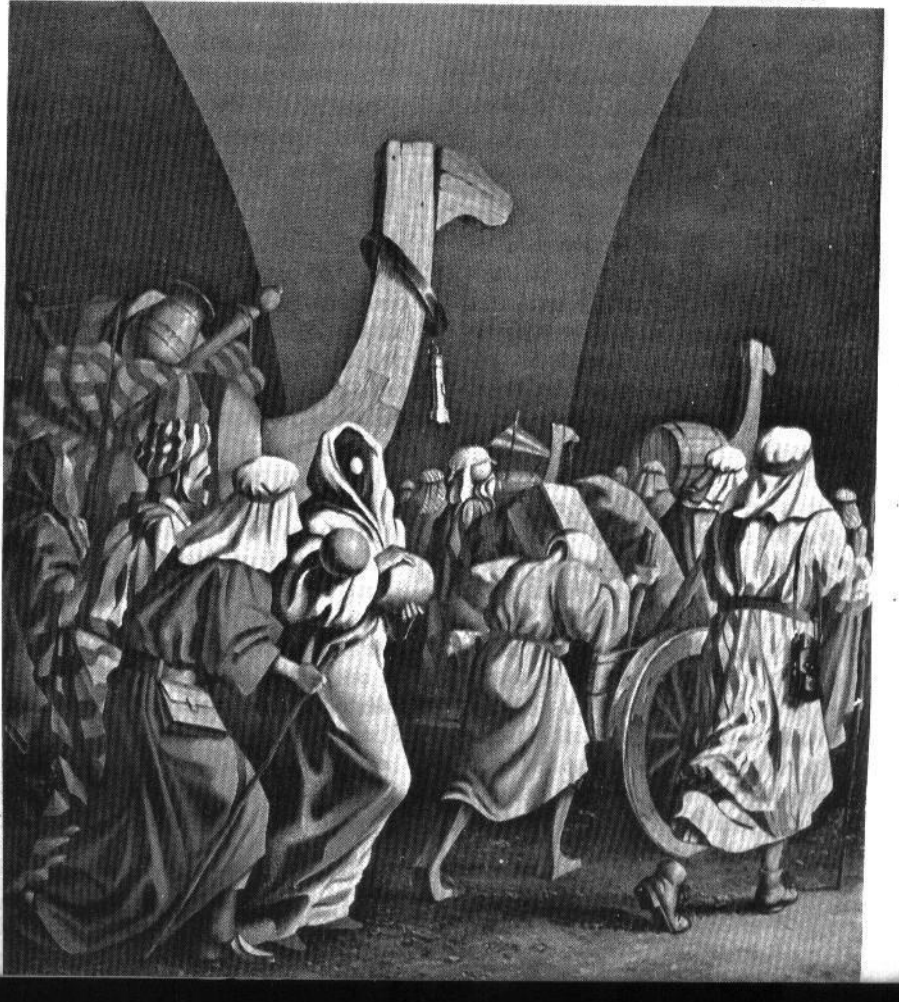
Para aqueles que se surpreendem com o fato de a data do nascimento de Cristo não coincidir com o Natal, convém lembrar que 25 de dezembro não era, em épocas muito antigas, senão uma festa meramente pagã, comemorativa do Nascimento do Sol invisível, e, justamente no século III de nossa



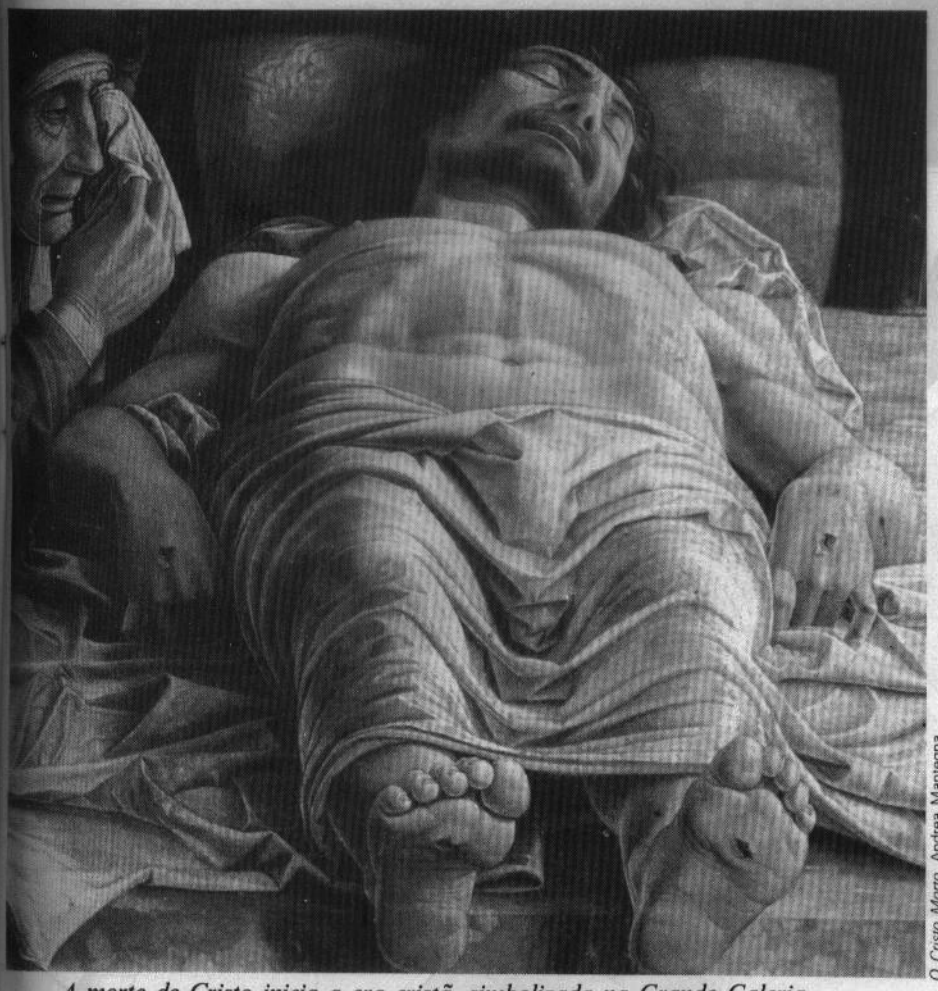
Do livro *Le Secret de la Grande Pirámide*

As datas proféticas da Grande Pirâmide, segundo Barbarin.

O Êxodo: previsto na interseção dos corredores ascendentes e descendente.



Vito Campanella



O Cristo Morto, Andrea Mantegna

A morte de Cristo inicia a era cristã, simbolizada na Grande Galeria.

era, sob o nome de *Natalis Invicti Soli,* foi consagrado à celebração do solstício de inverno.

Ao elegê-la como festa da Natividade, a Igreja teve o extremo cuidado, como em muitos casos semelhantes, de atrair, para as festas do cristianismo, os pagãos não convertidos.

Após 33,5 polegadas piramidais, o "Hall da Verdade nas Trevas" abre-se para a Grande Galeria, o "Hall da Verdade na Luz": a marcação corresponde a 6 de abril do ano 30, ou o dia em que Cristo foi crucificado, uma quinta-feira. Embora se diga comumente que o dia da crucificação foi uma sexta, um professor da Universidade de Tennessee calculou retroativamente as fases da Lua e chegou a um resultado que coincidia com o da pirâmide.

A ENTRADA NA ERA DE AQUÁRIO

A data da crucificação está determinada pelo umbral da Grande Galeria, e isso se torna relevante se considerarmos que a literatura egípcia sagrada identifica essa galeria com "A Época do Salvador da Raça Humana". Desse modo, a Grande Galeria é o símbolo da Era Cristã, que começa na morte e ressurreição de Cristo. O simbolismo da vida de Jesus se confunde, por outro lado, e sem cessar, com o simbolismo da pirâmide.

Voltando à escala cronológica das profecias, encontramos o ano 1844, que corresponde à base do grande degrau que conduz à antecâmara. Para Georges Barbarin, essa data assinalaria o início da idade científica, na qual o homem, ao começar a desenvolver a indústria, deixa de controlar suas próprias criações para ser subjugado por elas – é, com efeito, o ano em que surgem as primeiras ferrovias.

O *Livro dos Mortos* assinala que quando Osíris percorre o piso do templo cada marca equivale a 30 dias. Portanto, a partir do momento em que o chão da pirâmide se torna plano – 2 de abril de 1909, o topo do grande degrau –, cada polegada piramidal passa a valer 30 dias.

Muitas datas aparecem assinaladas no novo trecho a percorrer. Eis algumas: 28 de outubro de 1912 (final do teto da Grande Galeria) – início da batalha de Lulle-Bargas, que assinala o fim da dominação turca na Europa;

5 de agosto de 1914 (entrada da passagem baixa, o primeiro dos "véus" de que fala o *Livro dos Mortos* – o véu do conflito) – a Inglaterra declara guerra aos alemães;

18 de janeiro de 1918 (parede sul da Câmara da Rainha) – fundação da URSS;

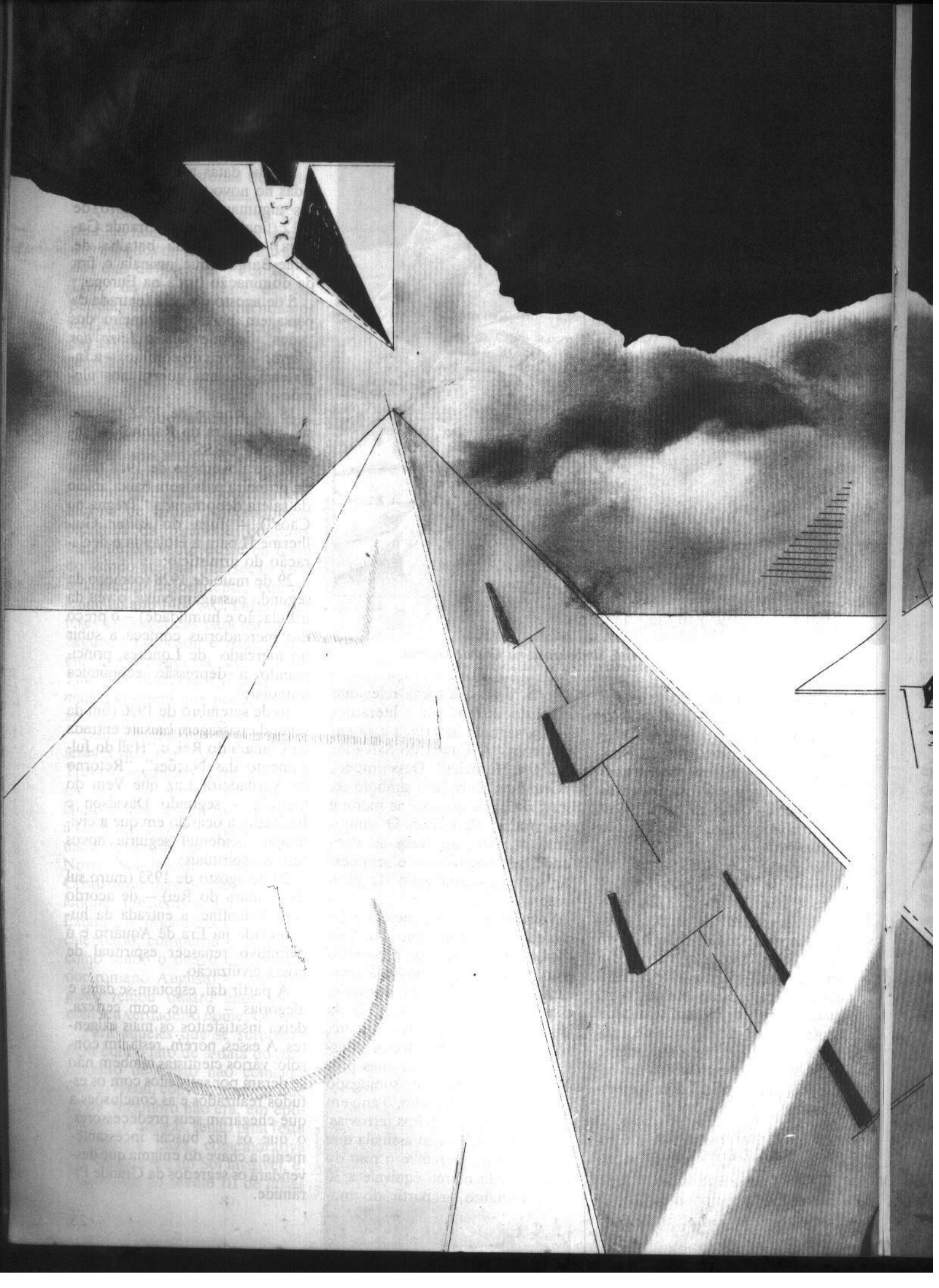
11 de novembro de 1918 (final da primeira passagem baixa, início da saleta denominada "Trégua no Caos") – fuga do *kaiser* Guilherme II para a Holanda e declaração do armistício;

29 de maio de 1928 (começo da segunda passagem baixa, o véu da tribulação e humildade) – o preço das mercadorias começa a subir no mercado de Londres, principiando a depressão econômica mundial;

16 de setembro de 1936 (fim da segunda passagem baixa e entrada na Câmara do Rei, o "Hall do Julgamento das Nações", "Retorno da Verdadeira Luz que Vem do Oeste") – segundo Davidson e Barbarin, a ocasião em que a civilização ocidental seguiria novos rumos espirituais;

20 de agosto de 1953 (muro sul da Câmara do Rei) – de acordo com Valentine, a entrada da humanidade na Era de Aquário e o definitivo renascer espiritual de nossa civilização.

A partir daí, esgotam-se datas e alegorias – o que, com certeza, deixa insatisfeitos os mais exigentes. A esses, porém, resta um consolo: vários cientistas também não se deram por satisfeitos com os estudos realizados e as conclusões a que chegaram seus predecessores, o que os faz buscar incessantemente a chave do enigma que desvendará os segredos da Grande Pirâmide.



A MENSAGEM DAS DIMENSÕES

No livro *The View over Atlantis*, cuja tradução foi publicada em *Planeta* 34-A, sob o título *Em Busca da Atlântida*, John Michell defende a idéia de que as pirâmides ilustram a ciência de seus construtores. Assim, partindo do princípio de que a cultura e a filosofia do mundo antigo estavam fundamentadas nas medidas e nos números e considerando que as unidades de medida do mundo antigo derivam de diversas frações das dimensões da Terra, ele tenta decifrar o conhecimento que nos foi deixado em forma de monumento.

POR JOHN MICHELL

As unidades de medida no mundo antigo, muitas das quais ainda são usadas hoje, estavam relacionadas geometricamente umas com as outras, no sentido de que todas derivavam de diversas frações das dimensões da Terra, sobretudo da circunferência equatorial, que media 25 mil milhas segundo os cálculos dos antigos. É errôneo, por conseguinte, aplicar uma única unidade exclusivamente a um determinado monumento, porquanto as estruturas sagradas da Antigüidade eram construídas de tal sorte que os números de suas dimensões possuíssem o maior significado possível em termos de gematria, e as medidas apresentavam por isso unidades diferentes, embora relacionadas umas com as outras. A razão disso não é fácil de entender, uma vez que envolve o problema do sistema antigo da filosofia, seus métodos de expressão e seu objetivo científico. Todos esses fatos são tão estranhos à nossa maneira de pensar que nos parecem, à primeira vista, obra do capricho e do acaso. No entanto, foi esse sistema estranho e mágico dos números cabalísticos que possibilitou a construção das pirâmides e das grandes obras arquitetônicas do mundo antigo.

Pesquisas realizadas por Petrie, em 1882, e por Cole, em 1925, demonstraram que o comprimento da base da Grande Pirâmide era 755 pés, número equivalente pela gematria ao 0 πετρος, a rocha. Segundo as unidades principais da Antigüidade, as dimensões da pirâmide são:

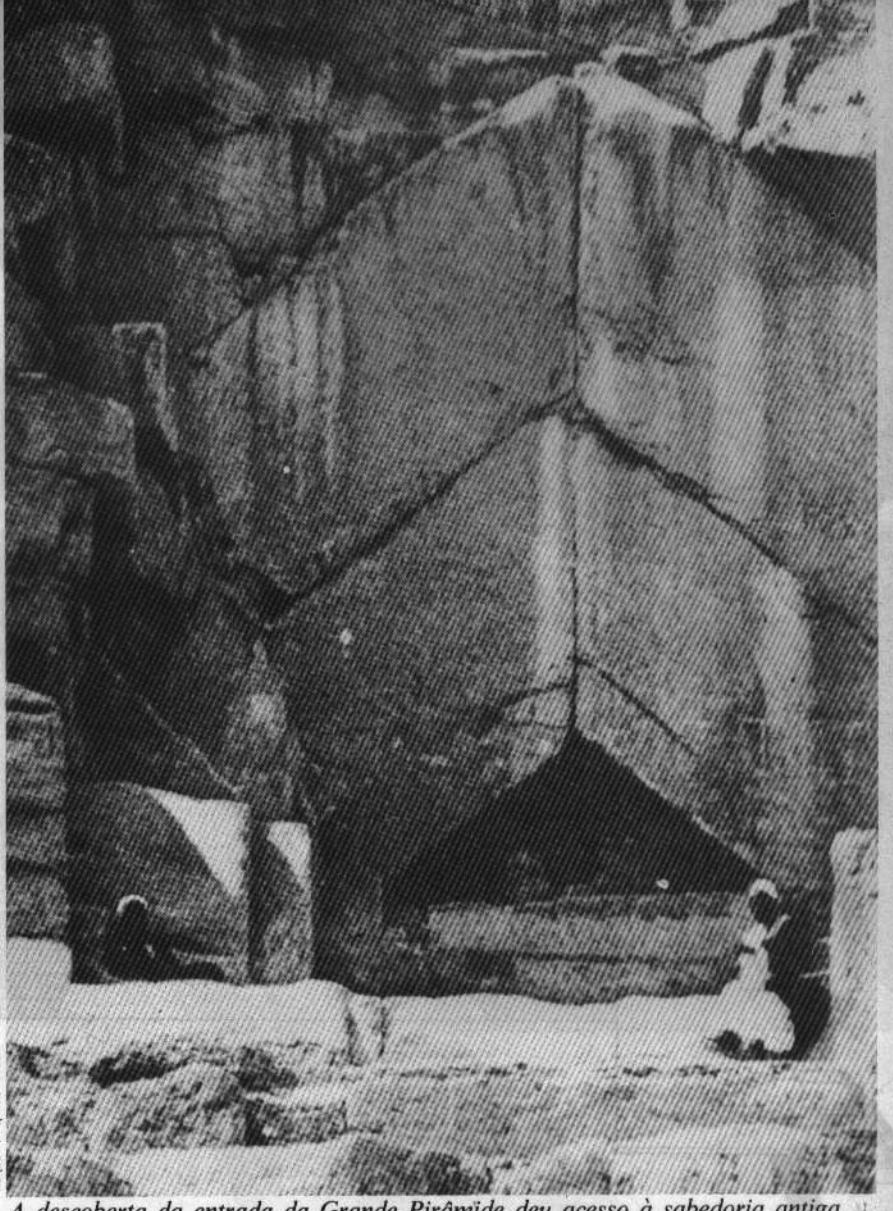
Lado	Perímetro	Altura	Área da base	Unidade
755	3.020	480,5	570.000²	pés
277,5	1.110	176,5	77.000²	jardas megalíticas
440	1.760	280	193.600²	cúbitos egípcios

O cúbito, portanto, é equivalente a 1,716 ou 1,72 pés, e a jarda megalítica, unidade recentemente redescoberta pela análise do professor Thom dos monumentos megalíticos ingleses, é 2,72 pés. O comprimento da base da Grande Pirâmide é igual à sétima parte da milha.

Desde o momento em que Greaves, matemático do século 17, visitou a Grande Pirâmide e mediu suas dimensões, ninguém podia duvidar, após estudar suas proporções sutis, de que houvesse nela algum enigma oculto, talvez uma mensagem cifrada de uma civilização condenada ao desaparecimento, para ser lida no futuro, quando o renascimento da ciência fornecesse os meios adequados. Toda a cultura e a filosofia do mundo antigo estavam fundamentadas nas medidas e nos números, e é inconcebível que o maior monumento das idades, cujo desenho é cuidadosamente executado e perfeitamente concebido do ponto de vista geométrico, não ilustrasse a ciência dos seus construtores.

Segundo a tradição, os mármores brancos da frente da pirâmide, que foram há muito removidos para a construção de mesquitas e palácios no Cairo, estavam gravados com letras e símbolos que resumiam todo o conhecimento do passado. Apesar da pilhagem praticada durante séculos, a massa da Grande Pirâmide continua intata, sendo quase tão indestrutível quanto é possível ao engenho humano construir alguma coisa. Por outro lado, a descoberta, no fim do século passado, das estacas da base original possibilitou que algumas medidas exatas fossem tomadas e estabeleceu o valor do cúbito egípcio, por volta de 20,6 polegadas. Duzentos anos antes, Newton anunciou a existência dessa unidade, publicamente, por medidas tomadas na Grande Galeria, embora muito mais provavelmente graças a uma tradição cabalística.

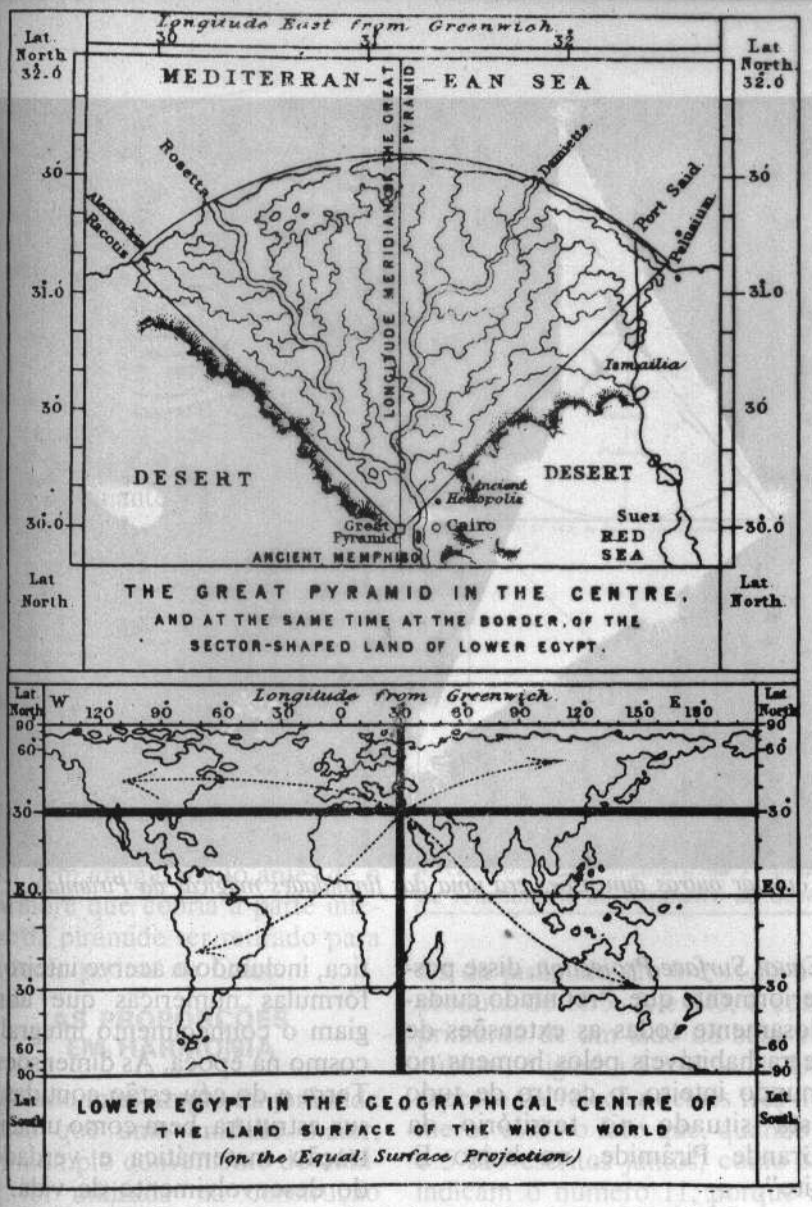
O século passado foi a grande



Fotos: Arquivo Três

A descoberta da entrada da Grande Pirâmide deu acesso à sabedoria antiga.

Do livro *Our Inheritance in the Great Pyramid*



A Grande Pirâmide, segundo Smyth, está no centro da superfície da Terra.

época de investigação das pirâmides. O erudito professor Piazzy Smyth, astrônomo real da Escócia, inspirado pelas qualidades extraordinárias da pirâmide, mencionadas por John Taylor alguns anos antes, embarcou para Porto Said com seus caixotes de instrumentos vitorianos, e confirmou no fim de suas pesquisas o que Taylor denominara a mensagem divina da pirâmide. Seus livros foram um motivo de perplexidade para sua geração (sobretudo *Our Inheritance in the Great Pyramid* e *Life & Work at the Great Pyramid*), porque a única explicação que Piazzy podia fornecer para a presença nas medidas da Grande Pirâmide de proporções precisas do sistema planetário, bem como outros conceitos científicos avançados, era o monumento ter sido construído por inspiração divina.

Vivendo na época em que as teorias evolucionárias afirmavam o progresso inevitável e gradativo da civilização desde suas origens humildes, Piazzy Smyth e seus discípulos não podiam aceitar a existência anterior de uma ciência e tecnologia, cujas obras eram pelo menos iguais às do século 19. Há cinco mil anos, como acreditavam, somente Deus podia ter projetado a altura da pirâmide, exatamente igual a uma milionésima parte da distância entre a Terra e o Sol, ou calculado seu peso, de maneira a igualar o da Terra dividido por um trilhão. Piazzy Smyth observou a relação entre a altura da pirâmide e o perímetro de sua base, a primeira sendo igual ao raio do círculo, do qual o segundo é a circunferência. Constatou a geometria complicada dos salões e das galerias internas, bem como o significado astrológico de seus ângulos inclinados. Encontrou nas medidas da pirâmide referências a várias unidades existentes da metrologia inglesa, especialmente a polegada que William Herschel havia mostrado ser igual, com apenas a soma de uma parte em mil, ao comprimento do eixo polar da Terra, dividido por 500 milhões. Piazzy tomou essa polegada como a unidade básica presente na construção da pirâmide, e fez a descoberta curiosa de que a medida tradicional do trigo, o quarto – que não é a quarta parte de nenhuma medida conhecida – teve sua origem no cofre de mármore vazio e sem tampa encontrado no Aposento do Rei, o qual, cheio até a boca, continha exatamente quatro quartos.

Foi demonstrado que as dimensões da pirâmide utilizavam não apenas o cúbito como também o pé, a jarda e a jarda megalítica da Inglaterra pré-histórica. Contudo, o caso da polegada nunca foi muito convincente, sobretudo porque Piazzy Smyth e seus continuadores consideravam os números como se fossem de origem divina.

Até o momento em que pesquisas realizadas pelo governo egípcio, no início deste século, forneceram a medida exata da base, muitos esforços foram empregados na elaboração de teorias que se baseavam em números errados. Pouco a pouco, o assunto das pirâmides e de suas dimensões caiu nas mãos de fanáticos, e o resultado não se fez esperar: ninguém mais levou o caso a sério. Piazzy Smyth, com seu estilo ingênuo e literário, foi ridicularizado e parodiado. Um crítico sarcástico, ao comentar sua obra *Our Inheritance*, escreveu que havia medido a largura de uma página do livro e constatado que era exatamente igual à centésima milionésima parte do diâmetro da Terra. Uma vez que a página do livro media cinco polegadas de largura, sua aritmética estava correta.

Não há dúvida de que, pelo fato de os lados da Grande Pirâmide estarem orientados exatamente para os quatro pontos cardeais, o

Do Into Our Inheritance in the Great Pyramid

monumento inteiro possuía um significado astronômico. E como no passado existia uma associação inevitável entre os dois ramos da ciência celeste, podemos deduzir que era também um instrumento da astrologia. Piazzy Smith tentou interpretar algumas dimensões da pirâmide em função da história sagrada e astrológica. Mas seus discípulos caíram em toda sorte de exagero: alguns diziam que a eleição do primeiro governo trabalhista inglês estava prevista nas polegadas da Grande Galeria. Piazzy Smyth, contudo, era astrônomo real, e possuía qualificações para se pronunciar sobre assuntos de astronomia. Poderia ter respondido como Newton, quando Halley, o descobridor do cometa, pôs em dúvida o valor de suas investigações astrológicas: "Eu estudei este assunto, senhor Halley, e o senhor não."

As observações mais extraordinárias de Piazzy Smyth dizem respeito à localização geográfica da Grande Pirâmide. Em primeiro lugar, verificou que a latitude de sua posição é 30º norte, exatamente um terço da distância do Equador ao Pólo. A pirâmide está situada na extremidade norte de uma cadeia de montanhas que dominam toda a planície do baixo Egito. Como podemos ver no mapa da pág. anterior, a costa norte forma um arco e, em 1868, o norte-americano Henry Mitchell observou que o ponto de onde o arco foi traçado corresponde exatamente à rocha da pirâmide. A Grande Pirâmide, por conseguinte, está situada no centro exato do Egito, local que pode ser considerado igualmente como o centro do mundo, porque uma pesquisa geodésica, realizada por William Petrie, mostrou que o meridiano, que corre ao norte e ao sul e divide a base da pirâmide, contém mais terra e menos mar do que qualquer outro. Além disso, a linha da latitude da pirâmide, 30º ao norte, é também a que atravessa uma extensão maior de terra. Piazzy Smyth, em sua publicação

Hot Snowflake, Hal Clement

Contatar outras dimensões era uma das finalidades mágicas da Pirâmide.

Equal Surface Projection, disse posteriormente que, "reunindo cuidadosamente todas as extensões de terra habitáveis pelos homens no mundo inteiro, o centro de tudo está situado no território da Grande Pirâmide, no baixo Egito".

A tarefa de descobrir e interpretar os números sagrados contidos na estrutura da Grande Pirâmide é verdadeiramente colossal, muito além do propósito deste trabalho e da paciência e capacidade do seu autor. Seriam necessários muitos volumes para apresentar as provas detalhadas resultantes dos estudos de suas dimensões. Contudo, em vez de omitir o que se sabe ser verdade a respeito de alguns aspectos da pirâmide, vamos apresentar algumas conclusões, de forma bastante abreviada. Contamos que as pessoas dotadas de um conhecimento elementar da matemática cabalística e, sobretudo, sem preconceitos, encontrariam a confirmação do que avançamos, caso pudessem investigar pessoalmente as dimensões da Grande Pirâmide.

A Grande Pirâmide foi construída para reunir um número enorme de funções. Era um manual completo de ciência cabalística, incluindo o acervo inteiro das fórmulas numéricas que abrangiam o conhecimento integral do cosmo na época. As dimensões da Terra e do céu estão contidas em sua estrutura, bem como uma ilustração matemática e verdadeira do desenvolvimento da vida. Era um instrumento da astrologia e, ao mesmo tempo, de astronomia, a concretização de uma mensagem dirigida ao futuro, e também um centro magnético, capaz de atrair a energia que serviria para introduzir num mundo de maravilhas aqueles que soubessem entender seus segredos. Porque a pirâmide com seu prodigioso sistema numérico não era apenas um brinquedo de mestre-escola. Foi construída com uma finalidade mágica e sagrada, como um veículo para transcender a condição material, para viajar no espaço, passando pelo tempo para uma dimensão maior.

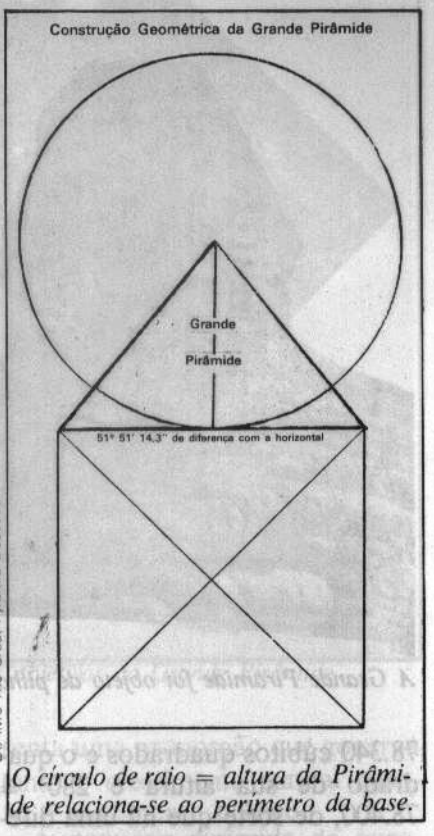
A Grande Pirâmide foi construída cerca de seis mil anos atrás, como parte de um imenso programa de engenharia, cujo objetivo era a fertilização da planície egípcia, e talvez de uma área maior da superfície terrestre. O deserto atual da África do Norte

foi outrora uma região rica em trigo. Ninguém sabe as razões exatas de seu declínio, mas é certo que o processo devastador principiou num período histórico, na realidade quando a Grande Pirâmide perdeu seu pico e deixou de manifestar sua função original.

Todos os estudiosos do assunto se preocuparam com esse problema: a perda do ápice da pirâmide. Por volta de dois mil anos atrás, os viajantes observaram que as últimas carreiras de pedra abaixo do topo não estavam no lugar. Davidson concluiu que a pirâmide nunca foi concluída, baseando-se em razões matemáticas e teológicas. Mas a pesquisa de suas dimensões sugere uma conclusão diferente: os últimos pés foram de fato construídos, mas eram de um material tão precioso que foram removidos numa data bem antiga, muito antes de o mármore que cobria a parte inferior da pirâmide ser retirado para fornecer pedras ao Cairo.

AS PROPORÇÕES EM HARMONIA

O lado mais amplo da pirâmide indica que uma unidade maior, um múltiplo conveniente do cúbito, foi utilizada na construção das proporções mais vastas. A existência dessa unidade foi sugerida pela gematria, da seguinte maneira. O comprimento do lado da base é 440 cúbitos, e a diagonal da base é 622,25 cúbitos. O quadrado da diagonal, em termos de mil cúbitos, é 387, que é um mais do que 386, o valor pela gematria do επτα (sete). 440 é o valor de πεντε (cinco). A razão do lado da diagonal do quadrado está por isso corretamente expressa como cinco sobre sete. Escrita em numerais gregos, essa razão aparece como $\frac{\pi\varepsilon\nu\tau\varepsilon}{\varepsilon\pi\tau\alpha}$, e se as letras correspondentes forem canceladas, o resultado é $\frac{\nu\varepsilon}{\alpha}$ ou 5 + 50/1 ou 55. 55 é o número de εν e pode ser considerado como uma figura provável da unidade maior, sobretudo porque o número 5 é a característica numérica principal da Pirâmide. Os dois outros números importantes da pirâmide são 8 e 11.55 é o produto de 11 × 5, e 440, o comprimento de um lado da base em cúbitos, é igual a 5 × 8 × 11. Um aspecto da relação desses três números está no fato que, quando 8 e 5 são escritos juntos, como 85, indicam o número 11, porque as letras da palavra ενδεκα, onze, dão o valor de 85, segundo a gematria.



O círculo de raio = altura da Pirâmide relaciona-se ao perímetro da base.

Assim, as principais dimensões da pirâmide, em cúbitos, são:

Base	440
Altura	280
Inclinação no topo	420

Dessas, somente a base é divisível por 55; mas, se diminuirmos 5 cúbitos da altura, as dimensões serão agora:

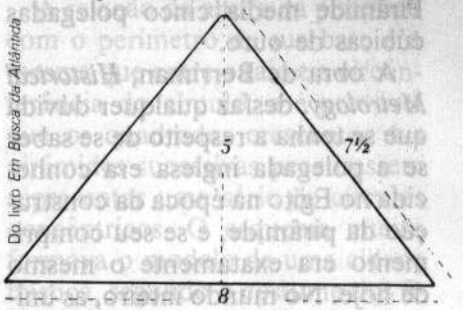
Base	440
Altura	275
Inclinação no topo	412 1/2

Em termos de um cúbito de 55 ou 1 grande unidade cúbita, a pirâmide truncada mede:

Base	8
Altura	5
Inclinação no topo	7 1/2

O lado da base e a altura estão agora na proporção de 8:5, a proporção harmoniosa, conhecida como o termo de ouro, que é o primeiro dos inúmeros exemplos dessa relação, encontrada nas dimensões da Grande Pirâmide. As figuras da base e da altura também podem ser obtidas pelo processo da redução cabalística, porque, se as unidades maiores forem reduzidas a uma figura segundo os métodos antigos, o resultado dá as proporções da pirâmide truncada em termos da unidade de 55 cúbitos. A base, 440, passa a ser 4 + 4 + 0 = 8; a altura, 275, é 2 + 7 + 5 = 14 = 1 + 4 = 5 e a inclinação do topo é 4 + 1 + 2 + 1/2 ou 7 1/2.

O topo de 5 cúbitos da Grande



Grande Pirâmide truncada em unidades de 55 cúbitos (1 grande cúbito).

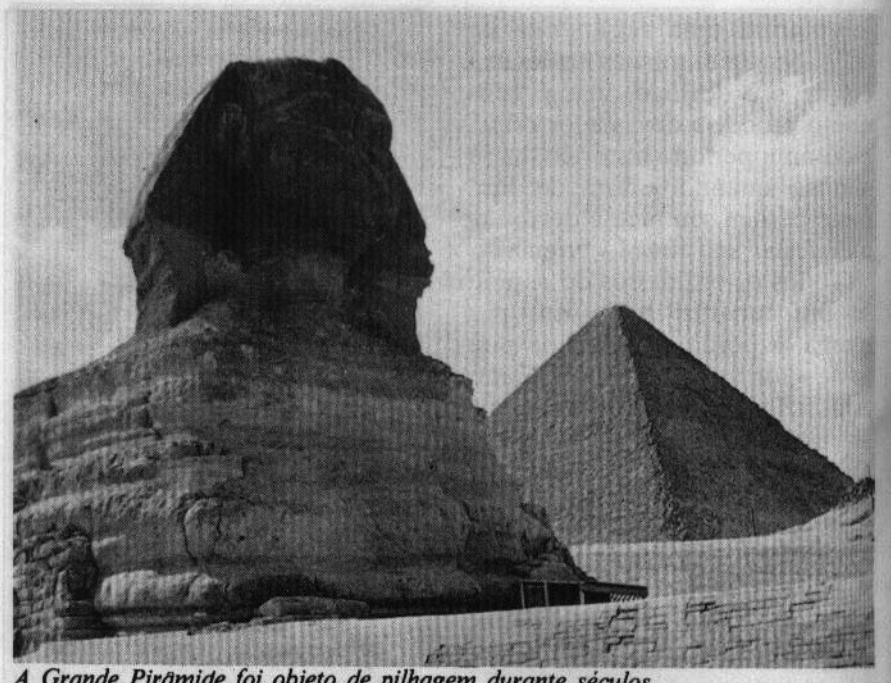
Pirâmide forma a naturalmente uma outra pirâmide das mesmas proporções que a estrutura completa, sendo 1/56 de sua dimensão. Sua altura vertical, 5, e as distâncias do ápice ao canto da base, 7 1/2, e do ápice ao centro da linha da base, 6 3/8, são, portanto, as mesmas em cúbitos que as da Grande Pirâmide truncada em unidades de 55 cúbitos. O perímetro da base dessa pirâmide do topo é 10π, a circunferência de um círculo, cujo raio é 5.

O problema que mais intrigou os filósofos do mundo antigo foi o da relação entre as dimensões. Em todas as estruturas numéricas, os antigos ilustravam o processo do crescimento, o desenvolvimento do macrocosmo, a partir da fusão inicial dos elementos. Tão logo a pirâmide foi dividida em duas partes, com a superior formando um modelo reduzido da inferior, iniciou-se um movimento lógico, que se prolongava nas duas direções para o ilimitado e o infinitesimal. Porque, para repetir exatamente as proporções do modelo maior, a pirâmide superior deveria perder a última 56ª parte da sua altura. Sua medida na base é pouco mais de 11,5 polegadas, ou

praticamente um pé romano (16 dígitos), o que faz a altura igual a 2 1/2 dígitos. Mas, evidentemente, a unidade empregada nesse caso é a polegada, porque o volume da pirâmide miniatura pode ser calculado como sendo precisamente cinco polegadas cúbicas. Do que sabemos dos pesos e medidas-padrão da Antigüidade, podemos concluir que o ápice da Grande Pirâmide media cinco polegadas cúbicas de ouro.

A obra de Berriman, *Historical Metrology*, desfaz qualquer dúvida que se tenha a respeito de se saber se a polegada inglesa era conhecida no Egito na época da construção da pirâmide, e se seu comprimento era exatamente o mesmo de hoje. No mundo inteiro, as unidades tradicionais de medida relacionam-se geometricamente umas com as outras, e há muitos casos em que a referência à polegada é evidente. Isso se aplica sobretudo à principal unidade de peso do mundo antigo, que se baseava na polegada cúbica de ouro. Há muitos pesos egípcios no Museu Britânico, bem como outros provenientes da Grécia e da Babilônia, e pelo estudo deles ficou provado que a polegada cúbica de ouro era a medida-padrão de referência. A sugestão que o topo de ouro da pirâmide media cinco polegadas cúbicas de volume não constitui, portanto, um anacronismo.

Qualquer dúvida que se tenha sobre a construção em três etapas da pirâmide pode ser desfeita pela seguinte consideração. Sabemos que, se o ângulo da inclinação for de 51°51', a altura de uma pirâmide multiplicada por 2π deve ser igual ao perímetro de sua base quadrada, e tal é o caso com a Grande Pirâmide. Há ainda um outro fato geométrico curioso a respeito desse tipo de pirâmide e que é menos conhecido. Se o ângulo da inclinação fosse diminuído por um segundo de 51°50', a área do lado triangular seria igual ao quadrado da altura. Ora, a área de um lado da Grande Pirâmide é



A Grande Pirâmide foi objeto de pilhagem durante séculos.

78.340 cúbitos quadrados e o quadrado de sua altura é 280^2 = 78.400, de sorte que há uma diferença apreciável entre os dois números. Mas, se o pequeno topo de ouro, cuja altura era 0,09 cúbitos, fosse removido, a altura total da Grande Pirâmide seria reduzida a 279,91 cúbitos, de sorte que a altura ao quadrado seria agora 78.340, e 78.340 é a área do lado triangular da pirâmide. Dessa forma, estão conciliadas as qualidades aparentemente incompatíveis das duas pirâmides com inclinações de 51°51' e 51°50'. Com seu pequeno topo de ouro no lugar, a pirâmide demonstra a proporção entre a circunferência de um círculo e seu raio. Se o topo for retirado, a pirâmide apresenta então uma outra surpreendente qualidade do seu tipo: a área do seu lado é igual ao quadrado de sua altura. Essa disposição engenhosa é uma das muitas maravilhas matemáticas inerentes à estrutura da pirâmide.

ILUSTRANDO A GEOMETRIA DO UNIVERSO

A conclusão lógica – que a Grande Pirâmide foi construída como três pirâmides – deixa o caminho aberto para outras explorações a respeito de suas qualidades extraordinárias. As três pirâmides que descobrimos até o momento apresentam-se da seguinte forma:

1. O ápice de ouro, a única pirâmide completa das três com cinco polegadas cúbicas de volume.

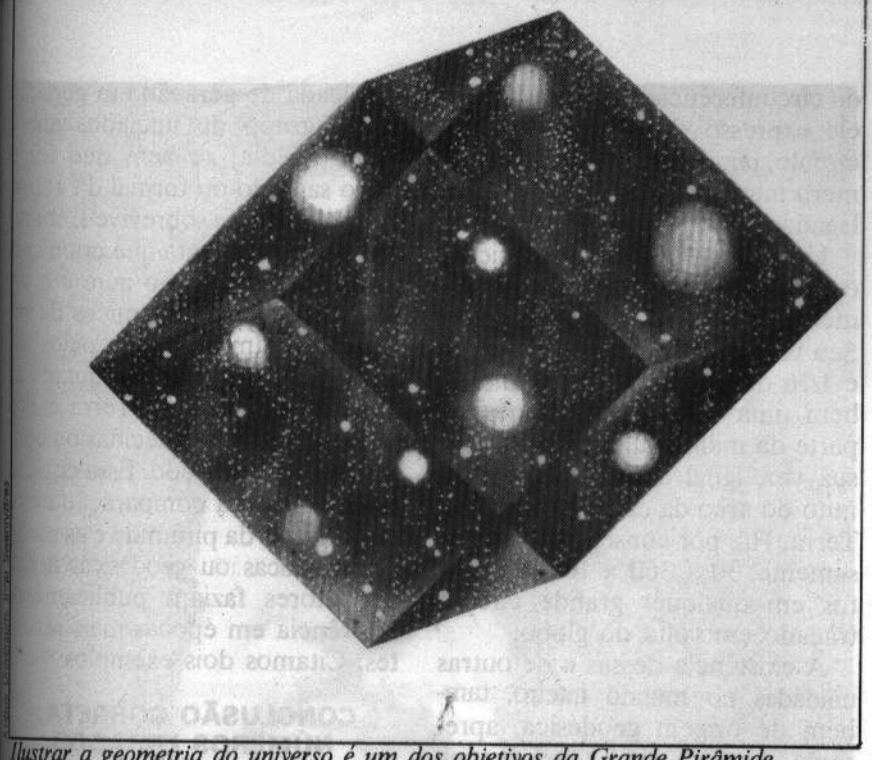
2. A pirâmide 56 vezes maior, nas suas dimensões, do que a primeira, que forma o topo da Grande Pirâmide propriamente dita. Sua altura é 5 cúbitos, menos 1/56, que pertence ao ápice de ouro.

3. A Grande Pirâmide, 56^2 vezes maior do que a primeira, com o lado da base medindo oito grandes cúbitos, a área da base 64 grandes cúbitos ao quadrado, e com a altura truncada de cinco grandes cúbitos.

Esse é o último estado da pirâmide concreta. Contudo, a Grande Pirâmide não pára de crescer quando atinge o que é apenas aparentemente seu tamanho total. Podemos perceber isso claramente nas medidas da pirâmide hipotética, concebida como a Grande Pirâmide multiplicada por 56, sendo que o significado provável desse número está no fato de que é a raiz quadrada aproximada de 1000π. A série continua com os seguintes resultados:

4. A pirâmide, cujas dimensões são 56^3 vezes maior do que as da pirâmide de ouro, possui estas medidas:

Lado da base = 448 grandes cúbitos ou oito milhas.



Ilustrar a geometria do universo é um dos objetivos da Grande Pirâmide.

Área coberta pela base = 64 milhas quadradas. Uma vez que há 640 acres numa milha quadrada, esta área é igual a 64 × 640 acres.

5. 56^4 × ápice de ouro.

Lado da base = 448 milhas.

Área coberta pela base = 200.700 milhas quadradas.

6. 56^5 × ápice de ouro.

Lado da base = 25.088 milhas.

Nessa série, a pirâmide 4 mede o planalto em que está situada a Grande Pirâmide e as outras do seu grupo; a pirâmide 5 cobre a região do baixo Egito, e a pirâmide 6 estende-se de modo a abranger o globo inteiro, porque seu comprimento corresponde à circunferência da Terra no Equador, calculada em 24.902 milhas.

Segundo a tradição esotérica, a Terra foi triangulada e cartografada na época de uma civilização muito antiga, quando suas dimensões foram exatamente calculadas. A extensão universal do sistema de linhas confirma esta suposição, que foi mais tarde constatada pela análise de Berriman das unidades da metrologia antiga, muitas das quais possuem uma origem geodésica precisa. A Grande Pirâmide, contudo, não pretendia fornecer um registro minucioso das dimensões da Terra, porque foi idealizada para ilustrar a geometria do universo e o lugar da Terra no esquema cósmico. Ela apresenta uma proporção que governa tanto o crescimento natural quanto o movimento celeste.

A pequena pirâmide de ouro, que podia ser levantada na palma da mão, passa por cinco fases para atingir as proporções da Terra, como se demonstrasse o enorme potencial da explosão de um átomo ou de uma semente brotando. Ela fornece uma parábola que ilustra os aspectos regulares do crescimento e da vida, a harmonia geométrica do universo. Na sua demonstração, as dimensões físicas da Terra e dos planetas tinham uma importância menor do que as figuras perfeitas às quais se relacionavam fundamentalmente. As relações entre os diversos corpos celestes não podem nunca ser representadas de uma maneira estritamente regular, porque, embora as formas naturais da vida e do crescimento se baseiem em princípios geométricos bem claros, cada uma delas revela certas variações individuais que desafiam as previsões. Os historiadores costumam julgar as obras dos astrônomos antigos levando em conta unicamente a exatidão de suas observações. No entanto, na época deles, julgava-se que as medidas detalhadas da Terra e dos corpos celestes eram menos importantes do que suas dimensões teóricas perfeitas, bem como a expressão em números precisos das leis que governam o corpo universal. Por essa razão, os astrônomos da Antigüidade pesquisavam além das dimensões físicas do sistema solar, a fim de encontrar os números mágicos, mediante os quais podiam expressar em termos de geometria sólida e regular as proporções entre os tamanhos e as órbitas dos planetas.

UMA CIDADE MÍSTICA

A relação da altura da pirâmide com o perímetro de sua base é a mesma que entre o raio e a circunferência do círculo, e é provável que os quadrados crescentes das pirâmides sucessivas procurassem representar uma série de círculos concêntricos. O esquema inteiro formava o modelo de uma cidade mística, segundo o costume dos filósofos antigos de expressar sua cosmologia. Um exemplo dessa figura encontra-se na descrição de Platão sobre a Atlântida, assim como nas visões bíblicas de Ezequiel e de São João, o Divino. A cidade de Jerusalém, descrita por Ezequiel, era cercada pela Oblação Sagrada, um quadrado de 25 mil caniços em cada lado, número que possui evidentemente a mesma origem que as 25.088 milhas no lado da pirâmide exterior, que mede a circunferência da Terra.

Que esse número, 25 mil, faça referência à circunferência ideal da Terra como esfera regular está claro pelos valores conservados pelas unidades tradicionais do comprimento. A jarda inglesa era conhecida pelos construtores de Stonehenge e, muito provavelmente, numa época bem anterior. Em termos de jardas, o raio equatorial da Terra mede 6.975.336, o que foi considerado antes como 7 milhões. Uma esfera com o raio de 7 milhões tem uma circunferência de 44 milhões de jardas, e 44 milhões de jardas são precisamente 25 mil milhas. Essa figura foi usada por isso na cosmologia como a medida ideal da circunferência terrestre.

As unidades tradicionais de agrimensura, muitas das quais

UMA LINGUAGEM NUMÉRICA

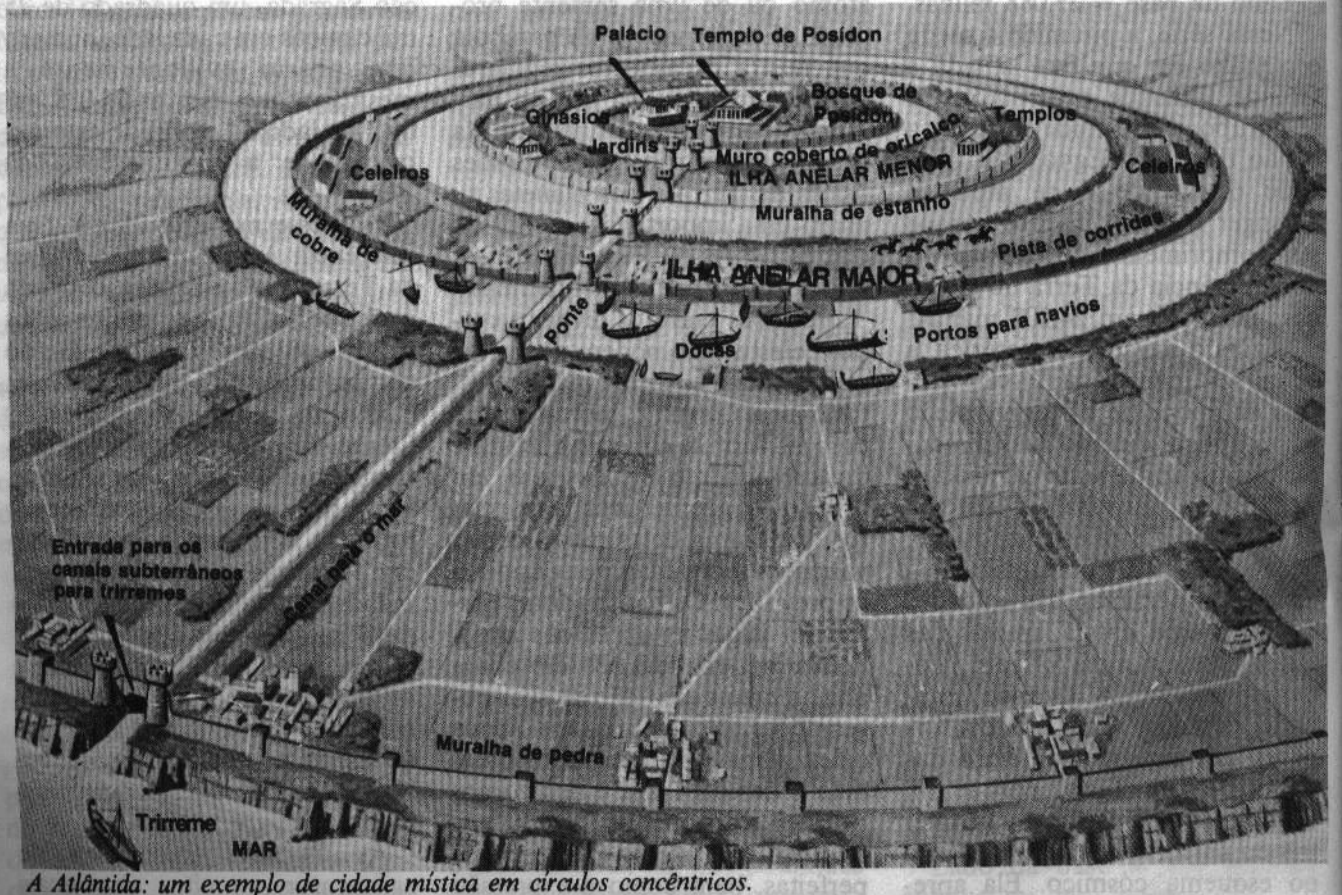
continuam em uso, sobreviveram praticamente inalteradas durante milhares de anos. Possuem, ao que parece, duas origens principais. Algumas, como a polegada, o pé, a jarda e a milha, são unidades sagradas, representando uma fração importante das dimensões ideais ou formais da Terra. Essas unidades formavam a linguagem da cosmologia e eram empregadas para expressar a estrutura geométrica do universo. Outras se originaram como unidades de medida geodésicas ou científicas da Terra. O acre é um caso típico dessas últimas, porque representa dez mil milionésimos ao quadrado do eixo polar da Terra. Mesmo hoje, o erro é pouco mais do que uma polegada no lado, 208,7 pés de comprimento, de um acre considerado quadrado. O acre geodésico e a jarda formal representam, evidentemente, sistemas diferentes, porque, embora estejam relacionados pelo número característico da pirâmide, 4.840, que é o número de iardas quadradas num acre, o lado da circunferência de um acre, seja ele expresso como quadrado ou círculo, jamais consiste em um número inteiro de jardas, pés ou polegadas.

Uma outra medida geodésica é o dígito – unidade básica da agrimensura romana, grega e egípcia. Seu valor é 0,729 polegadas, o que é 1/16 de um pé romano. É também uma centésima milionésima parte da milha náutica, que é, por sua vez, igual ao sexagésimo minuto do arco da circunferência da Terra. Há, por conseguinte, precisamente, 30 × 360 × 100.000 dígitos em qualquer grande círculo traçado em volta do globo.

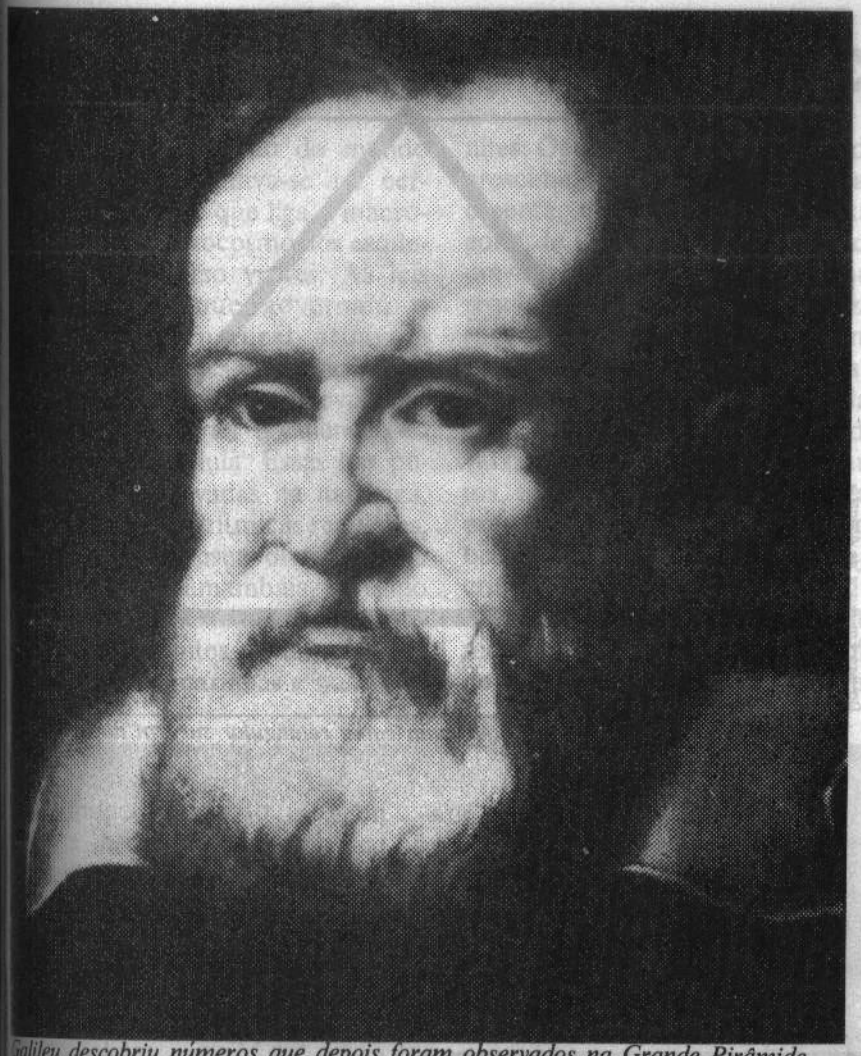
A existência dessas e de outras unidades no mundo inteiro, também de origem geodésica, apresenta a prova irrefutável de uma civilização científica na Antigüidade. Foi a ela que Platão se referiu na sua narrativa da Atlântida. As histórias relativas ao mundo antigo foram conservadas nos arquivos dos templos egípcios, e talvez ainda hoje existam algumas escondidas em algum lugar. A tradição oral foi herdada pelos autores gregos do período clássico e comunicada de geração em geração a um grupo de iniciados até a Idade Média; se bem que foi o ramo sagrado ou formal da antiga cosmologia que sobreviveu, em lugar da ciência exata que criou certas unidades como o acre e o dígito. Os números cósmicos da pirâmide foram repetidos pelos astrônomos posteriores, enquanto as dimensões exatas da Terra e dos planetas foram esquecidas ou conservadas em segredo. Essa conclusão decorre da comparação entre os números da pirâmide e as medidas cósmicas ou geodésicas a que os autores faziam publicamente referência em épocas mais recentes. Citamos dois exemplos:

CONCLUSÃO CORRETA, NÚMEROS ERRADOS

Os gregos herdaram do mundo antigo o estádio – uma unidade geodésica, pelo fato de haver 60 × 360 × 10 estádios na circunferência da Terra, sendo o estádio igual, por conseguinte, a 10 mil dígitos. No século 2 a.C., Erastóstenes anunciou que tinha conseguido medir a distância ao redor da Terra e que essa distância era de



A Atlântida: um exemplo de cidade mística em círculos concêntricos.



Galileu descobriu números que depois foram observados na Grande Pirâmide.

250 mil estádios. Como vimos antes, 25 mil é o número formal de milhas no Equador. É também o comprimento, em caniços, do lado da Oblação Sagrada de Ezequiel, e o comprimento em milhas do desenvolvimento final da Grande Pirâmide. O estádio é igual a 1/10 de uma milha náutica, de sorte que o cálculo de Eratóstenes era correto em termos formais, utilizando os números sagrados antigos. Uma questão curiosa consiste em saber se ele percebeu ou não que a circunferência real da Terra é de 216 mil estádios exatamente. Ao que parece, a cosmologia do mundo antigo teve uma vida mais longa do que a ciência, porque, se os números sagrados foram conservados até os tempos históricos, as realizações científicas da Antigüidade remota só foram redescobertas recentemente. Em 1632, Galileu foi perseguido pela Inquisição por haver publicado seu *Sistema do Mundo*. Nessa obra ele escreveu:

"O diâmetro do Sol é de 11 semidiâmetros da Terra, e o diâmetro da grande órbita (a órbita da Terra em volta do Sol) contém 2.416 desses mesmos semidiâmetros; de sorte que o diâmetro da dita órbita contém o diâmetro do Sol 220 vezes aproximadamente. E pelo fato de as esferas estarem umas para as outras como os cubos de seus diâmetros, tomemos o cubo de 220, que é 10.648.000, e temos a grande órbita 10.648.000 vezes maior do que o Sol."

O fato extraordinário a respeito dessa passagem é que, enquanto a conclusão é correta – de fato o diâmetro da órbita da Terra é cerca de 200 vezes o diâmetro do Sol –, os números em que se baseia são inteiramente errados. O diâmetro do Sol (864 mil milhas) não é 11 vezes o semidiâmetro da Terra (3.950 milhas), mas aproximadamente 110 vezes seu diâmetro, ou 20 vezes maior do que o número fornecido por Galileu. Diante disso e de outros números errados apresentados antes, é surpreendente que Galileu tenha chegado ao número correto de 220 para o múltiplo pelo qual o diâmetro da órbita da Terra é maior que o diâmetro do Sol. É muito provável que os números fornecidos por Galileu se encontravam em alguma obra oculta de cosmologia tradicional, sobrevivendo numa forma corrompida da época de uma civilização mais antiga, cuja memória era violentamente combatida pela Igreja romana. Porque os números de Galileu são exatamente os mesmos que encontramos na geometria da pirâmide.

A FONTE DAS PROPORÇÕES

A figura na página seguinte representa a Grande Pirâmide colocada no interior de uma caixa retangular que contém toda ela menos os últimos cinco cúbitos, excluindo dessa forma a área da pirâmide do topo. A capacidade cúbica da caixa será igual à base ao quadrado multiplicada pela altura ($440^2 \times 275$), que é 53.240.000 cúbitos cúbicos, e 53.240.000 é exatamente cinco vezes 10.648.000, o número citado por Galileu do múltiplo pelo qual a esfera da órbita da Terra é maior do que o Sol. Assim, em termos de uma unidade igual a um quinto de um cúbito, a caixa retangular contendo a Pirâmide truncada representaria a esfera que define a órbita da Terra em redor do Sol, exatamente conforme os números fornecidos por Galileu no século 16. Todos os números citados antes estão relacionados numa seqüência matemática como os números característicos da pirâmide, 5, 8 e 11.

$5 \times 8 \times 11 = 440$, o comprimento do lado da pirâmide em cúbitos, e 440 é duas vezes 220, o número dado por Galileu como o diâmetro da órbita da Terra em termos do diâmetro do Sol.

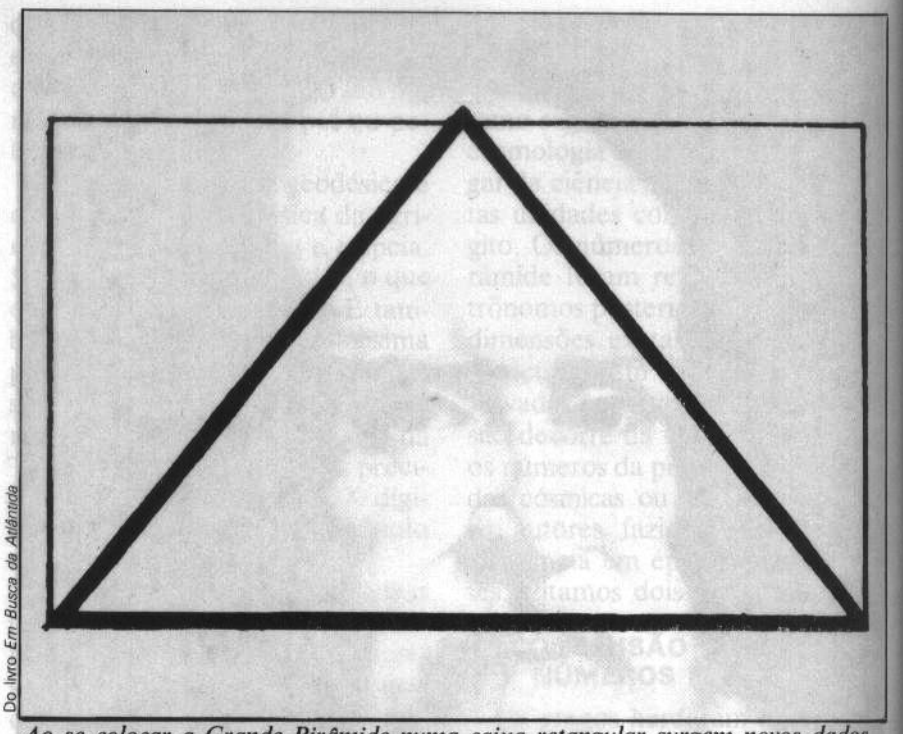
$440 \times 11 = 4.840$, número que forma a razão entre a jarda quadrada, uma medida sagrada ou

cósmica, e o acre, uma medida geodésica.

4.840 × 11 = 53.240, que é a milésima parte do volume em cúbitos cúbicos da caixa contendo a pirâmide, sendo cinco vezes o número empregado por Galileu para expressar a órbita da Terra. 53.240 é igual portanto a $(5 \times 8 \times 11)^2$.

Desses números, encontrados na Grande Pirâmide e confirmados pelos métodos da numerologia cabalística, podemos concluir sem dúvida alguma que Galileu, na sua obra publicada, estava citando dados da cosmologia formal de uma civilização desaparecida há milhares de anos.

Analisamos até agora as seis fases da Grande Pirâmide e vimos como, em seu ápice, as dimensões da Terra foram condensadas em 5 polegadas cúbicas de ouro. Ora, uma vez que o número 6 era geralmente considerado incompleto, enquanto o 7, representando as estrelas, é tradicionalmente o número perfeito da cosmologia, podemos supor que a pequena pirâmide de ouro era encimada por outra pirâmide minúscula, cuja altura não ultrapassava 0,003 centésimos de polegada, sendo do tamanho de uma pequena semente. E essa semente, por sua vez, continha um pequeno pontinho que, embora quase invisível, era uma réplica exata da Grande Pirâmide numa escala de 1:56⁴. Foi desse germe que toda a enorme estrutura cresceu, porquanto ele representa a fonte de onde fluem todas as proporções e as seqüências, as letras mágicas e os números da Grande Pirâmide propriamente dita. Além disso, uma vez que a Grande Pirâmide não foi construída como uma ilustração acadêmica dos prodígios numéricos, só podemos concluir que o objeto colocado no alto do ápice de ouro, fosse qual fosse sua natureza, constituía, em todos os sentidos, o ponto de convergência da estrutura inteira. Todos aqueles que estudaram a tradição oculta da Atlântida, inclusive muitos que, como o americano Edgar Cayce, o "Profeta Adormecido" da biografia de Jess Stearn, receberam a percepção mediante uma experiência visionária direta, mencionam o uso que os cientistas do mundo antigo faziam do cristal como um meio de atrair e transmitir a energia solar. Diante dessa sugestão, podemos admitir como uma forte possibilidade que a semente colocada no ápice da ponta de ouro era um diamante ou alguma outra forma de cristal.



Do livro *Em Busca da Atlântida*

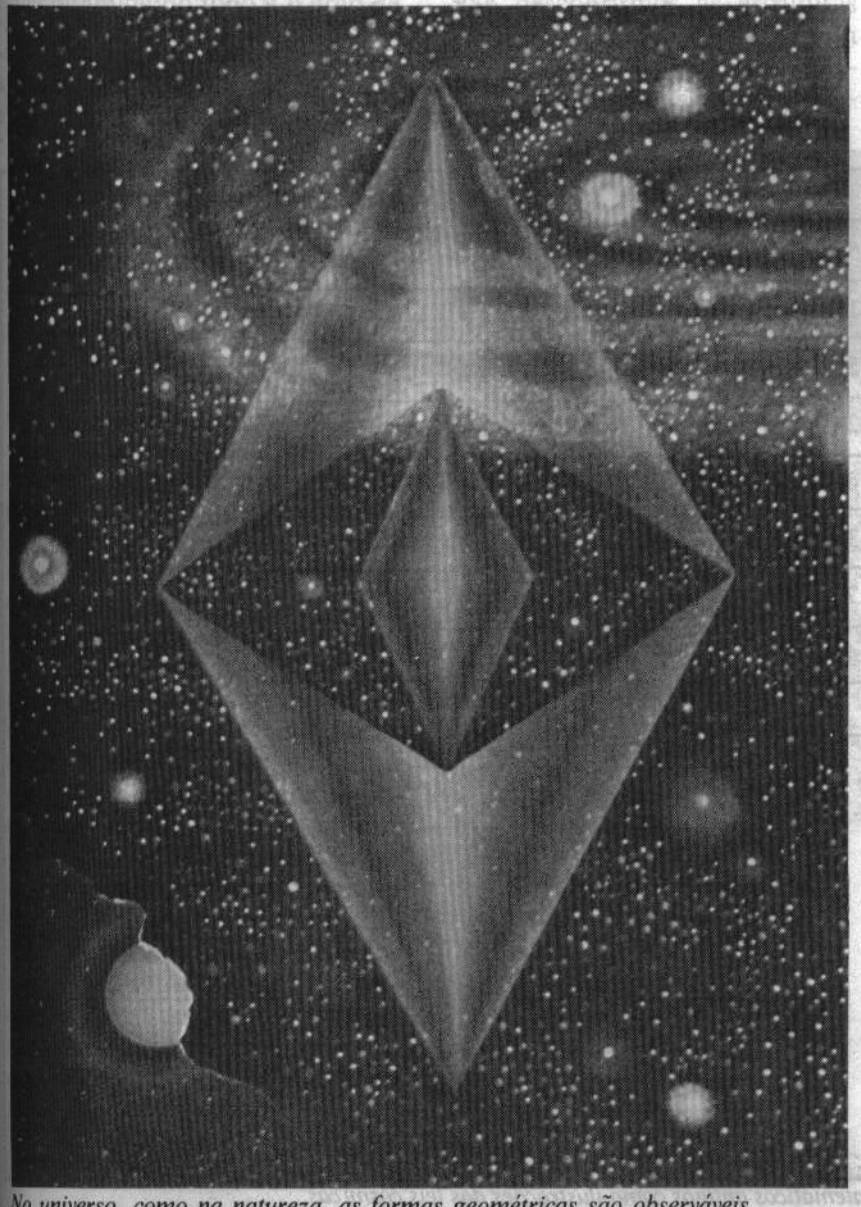
Ao se colocar a Grande Pirâmide numa caixa retangular surgem novos dados.

Dimensões da Terra foram resumidas no ápice da Grande Pirâmide.

O PRINCÍPIO GEOMÉTRICO DA VIDA

Toda a civilização do mundo antigo fundamentava-se na certeza da unidade que liga o macrocosmo e o microcosmo aos esquemas do universo visível. As leis matemáticas que governam o crescimento natural atuavam tanto nos grandes ciclos do movimento celeste quanto na evolução da vida no interior do menor germe de uma célula. Essas leis podem ser observadas na natureza, nas espirais logarítmicas regulares, presentes no desenvolvimento de um broto de samambaia, ou estão ilustradas precisamente na disposição das sementes de um girassol, nas conchas marinhas e nas amonites. Os desenhos geométricos do crescimento e da forma universal, o pentágono de uma rosa, o hexágono de um cristal de gelo ou de um favo de mel, todas as formas regulares presentes na natureza, são igualmente visíveis no universo inteiro em todas as escalas e dimensões. Na formação delas percebemos as influências das diversas combinações dos elementos, sendo que todos devem estar presentes, numa proporção maior ou menor, para que a matéria seja criada.

Nos nomes dados a esses elementos, o fogo representa o germe de energia, o princípio ativo que instila vida à forma. A correspondência geométrica do fogo é a forma considerada mais volátil, o tetraedro ou pirâmide, e a Grande Pirâmide, embora possua quatro lados e uma base, não sendo por isso um tetraedro regular, está essencialmente relacionada com essa forma. Os pitagóricos, reunindo a filosofia e a ciência tradicionais do mundo antigo, associavam o fogo, o primeiro elemento, à primeira figura da geometria sólida, o tetraedro, em cuja formação o elemento chamado fogo exercia a maior influência. Platão referiu-se à pirâmide como sendo a primeira, a mais leve, a menor, mais precisa, mais aguda e mais móvel das figuras sólidas, e escreveu: "O sólido que tomou a forma de uma pirâmide será o elemento e a semente do fogo."



No universo, como na natureza, as formas geométricas são observáveis.

No reino vegetal, a semente do fogo era representada pela semente da mostarda, com a qual possui afinidades evidentes na cor e no sabor. Nos poucos fragmentos que possuímos da filosofia do mundo antigo, entre os quais podemos incluir as Parábolas do Novo Testamento, encontramos diversas referências ao grão de mostarda servindo para ilustrar o elemento vital. Jesus disse do reino de Deus:

"É como um grão de mostarda que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra. Mas, uma vez semeado, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra." (S. Marcos 4, 31, 32).

A passagem continua:

"E sem parábola não lhes falava; tudo, porém, explicava em particular aos seus próprios discípulos" (Idem, 4, 34).

Três evangelistas incluem essa parábola e repetem as palavras de Jesus relativas ao poder da fé, como um grão de mostarda, graças ao qual as montanhas podem ser movidas. Esse ensinamento público sobre o poder latente virtualmente ilimitado do átomo, que

UMA LINGUAGEM NUMÉRICA

Jesus mais tarde explicou aos seus discípulos em segredo, já fora ilustrado na forma sólida da Grande Pirâmide. O pequeno pontinho invisível no ápice de ouro da gigantesca estrutura continha o germe, a partir do qual tudo brotou. A Grande Pirâmide demonstra a lei que está por trás do crescimento puro da vida, e a semente ou cristal foi colocado no seu ápice para destilar a faísca do sol, o elemento de fogo que fertilizava a essência da vida terrestre.

UMA ESTRUTURA SUTIL

Todos aqueles que estudarem as diversas unidades de medida que se encontram nas várias camadas e andares da Grande Pirâmide tomarão imediatamente consciência das correntes numéricas sutis que abrangem a estrutura inteira. Recebemos o impacto de uma série de números cabalísticos que nos dão a sensação de que a pirâmide está matematicamente viva. Enquanto não for possível determinar precisamente as leis que regulam esses números, pode parecer arbitrário escolher alguns exemplos mais característicos. Encontramos, contudo, alguns números que possuem uma afinidade evidente com a pirâmide. Entre estes, 8 e 5 são os mais proeminentes, assim como todos os números duplos e triplos, múltiplos de 11 ou 37, que sempre representam uma função importante nos esquemas baseados na matemática cabalística.

O tetraedro ou pirâmide é a quinta figura da geometria pitagórica. A Grande Pirâmide, como uma figura sólida, possui cinco faces: a base e quatro lados triangulares, e sua altura truncada é cinco vezes a maior unidade de medida, 55 cúbitos. Seu topo completo tem cinco cúbitos de altura, cujo ápice é formado pela pirâmide de ouro de cinco polegadas cúbicas. Esse ápice, multiplicado por 56^5, estende-se ao redor da Terra por uma distância de 5 X 5.000 milhas. Para os pitagóricos, 55 era o número da pirâmide, porque compreendia a soma de todos os números até dez, e podia por isso ser apresentado como um triângulo regular. Essa figura fornece um plano exato das proporções e disposições internas da Grande Pirâmide. Sem o número 1, o único ponto no ápice, os 54 pontos restantes podem ser divididos em dois grupos iguais de 27 por uma linha traçada entre a sétima e a oitava fileira, contando do alto. Com o ponto do ápice adicionado, essa linha define o meio-termo entre 27 e 28, que é 27,5. Na Grande Pirâmide truncada, 27,5 é um décimo da altura vertical, 257 cúbitos. Se o ponto do ápice for removido no plano acima, produzindo a pirâmide truncada, 27,5 marca um

LUA

37	78	29	70	21	62	13	54	5
6	38	79	30	71	22	63	14	46
47	7	39	80	31	72	23	55	15
16	48	8	40	81	32	64	24	56
57	17	49	9	41	73	33	65	25
26	58	18	50	1	42	74	34	66
67	27	59	10	51	2	43	75	35
36	68	19	60	11	52	3	44	76
77	28	69	20	61	12	53	4	45

MERCÚRIO

8	58	59	5	4	62	63	1
49	15	14	52	53	11	10	56
41	23	22	44	45	19	18	48
32	34	35	29	28	38	39	25
40	26	27	37	36	30	31	33
17	47	46	20	21	43	42	24
9	55	54	12	13	51	50	16
64	2	3	61	60	6	7	57

SATURNO

4	9	2
3	5	7
8	1	6

JÚPITER

4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

SOL

6	32	3	34	35	1
7	11	27	28	8	30
19	14	16	15	23	24
18	20	22	21	17	13
25	29	10	9	26	12
36	5	33	4	2	31

VÊNUS

22	47	16	41	10	35	4
5	23	48	17	42	11	29
30	6	24	49	18	36	12
13	31	7	25	43	19	37
38	14	32	1	26	44	20
21	39	8	33	2	27	45
46	15	40	9	34	3	28

MARTE

11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

Os quadrados mágicos eram tidos pelos matemáticos antigos como ilustrações das leis cósmicas.

terço da distância da base até o ápice. Num plano dos corredores internos da Grande Pirâmide, uma linha horizontal traçada nesse nível atravessa o aposento do rei, e esta linha coincide com o alto do 55º patamar de pedras. Outras correspondências entre os aspectos geométricos e numéricos da pirâmide, baseados na unidade 55 e na meia unidade 27,5, podem ser encontradas no estudo de suas proporções.

A metade de 55 é 27,5 e a metade de 555 é 277,5. Na pirâmide, 277,5 é o comprimento do lado da base em jardas megalíticas (JM), de sorte que o perímetro é 1.110, e o comprimento dos dois lados é 555 JM. Esse número nos fornece uma chave, numa forma típica do sistema cabalístico, que confirma a relação suposta entre a minúscula pirâmide do topo e o grão de mostarda.

No Novo Testamento grego, o grão da semente de mostarda é κοκκος σιναπεως, que possui um valor de 1.746, e um círculo com a circunferência 1.746 possui um diâmetro de 555, o número triplo característico da Grande Pirâmide.

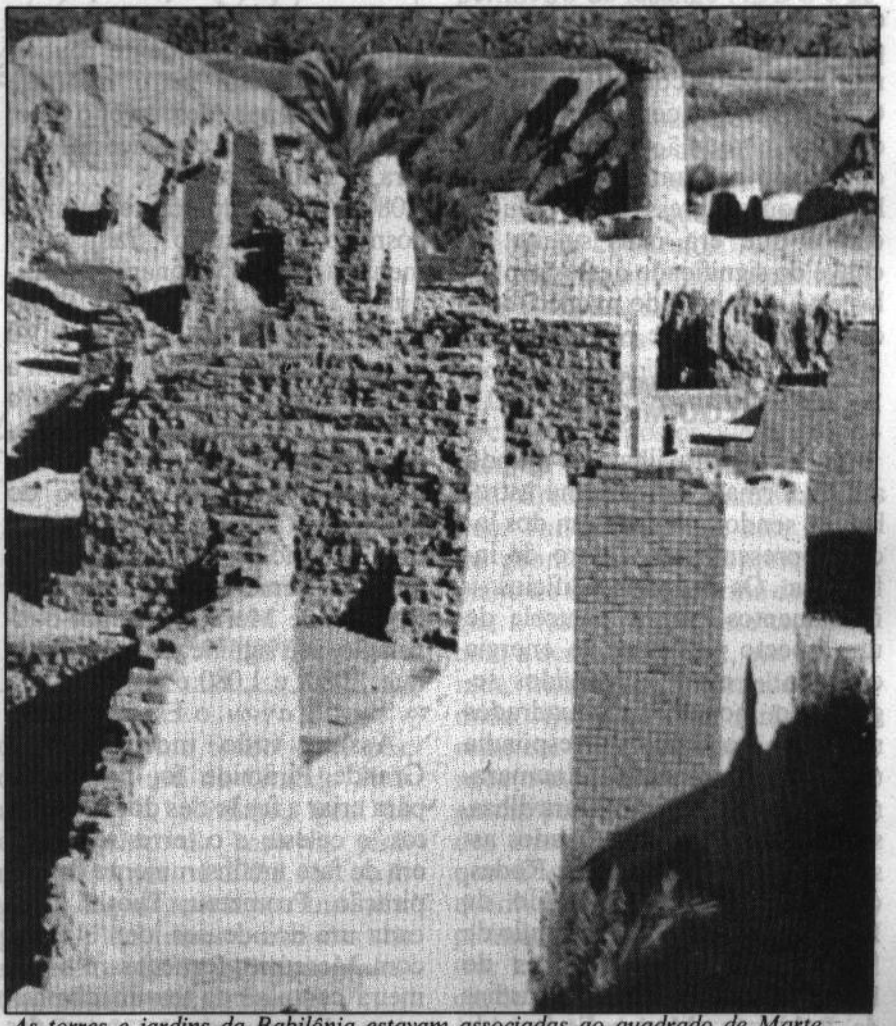
QUADRADOS MÁGICOS

Todos já viram alguns exemplos das figuras curiosas conhecidas como quadrados mágicos. Ninguém hoje acredita que possuam outro valor a não ser o de extravagâncias matemáticas, e são encontrados sobretudo nos livros de charadas ou como a estrutura de base que serve para a construção das palavras cruzadas. Entretanto, essas figuras eram muito estimadas, como ilustrações numéricas das leis cósmicas, pelos matemáticos da Antigüidade. Cada estrutura era traçada segundo um dos planos revelados pelos quadrados mágicos, que são na realidade esquemas do crescimento natural. Pelo estudo de seus números e dos ritmos pelos quais são controlados, os cientistas naturais do passado descobriram uma fonte de energia que dispensava todos os recursos tecnológicos.

Podemos constatar uma parte da força possuída pelos quadrados mágicos no respeito supersticioso com que são considerados ainda hoje. O uso deles como talismã e amuleto perdura ainda, apesar de não conhecermos mais os segredos de sua aplicação verdadeira. Em essência, os quadrados mágicos são blocos de números que produzem a mesma soma, quer sejam somados em fileiras horizontais, em colunas ou diagonais. Sete desses quadrados são tradicionalmente associados a cada um dos planetas. O menor é o quadrado de Saturno, que consta dos primeiros nove números distribuídos de maneira que, não importa o modo como são lidos, a soma é sempre 15, enquanto o total é 45. (Os quadrados, com seu corpo celeste particular e seus números derivados, estão reunidos na ilustração da página anterior).

Se descobrirmos as estruturas geométricas básicas que entraram na formação dos quadrados mágicos, podemos reunir muitos exemplos dessas figuras curiosas. Os antigos acreditavam que cada uma delas expressava um certo tipo de crescimento ou de movimento segundo uma lei natural. Os diversos movimentos das órbitas planetárias são os mesmos que governam o desenvolvimento numérico dos quadrados mágicos e esses movimentos são universais, porque são inerentes também à formação de uma célula e ao crescimento dos animais e das plantas. Ao pesquisarem a origem da criação, os filósofos antigos davam muita atenção aos quadrados mágicos, imaginando que, se cada aspecto individual da lei natural podia ser representado por uma figura numérica, deveria haver um número principal que abrangesse todos os demais e fornecesse a ilustração perfeita do esquema cósmico.

Como escreveu C. A. Browne, no livro *Magic Squares and Cubes*, de W. S. Andrew: "Quando se-



As torres e jardins da Babilônia estavam associadas ao quadrado de Marte.

guirmos o conselho de Platão e compreendermos a 'relação mútua entre nossas ciências', talvez possamos finalmente encontrar essa chave, e ao descobri-la é bem possível que nos surpreendamos com a grande simplicidade que se esconde por trás do esquema inteiro dos fenômenos naturais, a mesma que se encontra na construção do quadrado mágico."

A tarefa colossal de construir a Grande Pirâmide, a obra suprema da ciência pré-histórica, só podia ser executada por homens cuja fé no valor de seus trabalhos derivava de um conhecimento da lei universal. A chave das artes e das ciências talvez seja redescoberta um dia na harmonia serena do esquema numérico da pirâmide.

O mundo antigo baseava-se num modelo cosmológico no interior do qual formavam-se modelos semelhantes e menores, todos irradiando de alguns pontos da superfície da Terra, os centros naturais do fluxo da corrente terrestre. Cada um desses centros, grupo individual e reunião de grupos, era conhecido por um símbolo astrológico, que expressava as influências a que era mais sujeito. A chave do significado desses símbolos está no quadrado mágico, com o qual cada um se relaciona.

O MATRIMÔNIO ALQUÍMICO

As Sete Maravilhas do mundo antigo formam um sistema astrológico, sendo que cada um dos locais representa um centro de influência. Os próprios edifícios – instrumentos para o controle de um aspecto particular da energia cósmica – eram construídos segundo o modelo dos quadrados mágicos, ao qual correspondia uma energia respectiva. Enumeramos, a seguir, as Sete Maravilhas, segundo Levi, e os quadrados associados a elas: Colosso de Rodes, quadrado do Sol; Templo de Diana, em Éfeso, Lua; Túmulo de Mausolo, Vênus; Pirâmides do Egito, Mercúrio; Torres e Jardins da Babilônia, Marte; Estátua de Júpiter no Olimpo, Júpiter; Templo de Salomão, Saturno.

O sistema dos alinhamentos retos e as pedras levantadas que marcam seu percurso possuem uma afinidade evidente com a Grande Pirâmide, e isso porque estão todos sob a influência de Mercúrio. Acredita-se hoje que a pirâmide era na verdade um instrumento da alquimia. Podemos demonstrar isso pelo estudo dos números da pirâmide e dos princípios que eles representam.

Segundo os alquimistas, a vida foi criada a partir da fusão de dois elementos, o mercúrio e o enxofre; o primeiro, representando a essência feminina ou latente, sendo animado pelo segundo, o princípio masculino. Esses dois elementos, ao que parece, estão unidos no pico da Grande Pirâmide, no grão da semente de mostarda, cujo número é 1.746.

Juntamente com Cristo e Hermes, os gnósticos mencionavam Prometeu, o espírito preso à Terra que trouxe o fogo do céu. O que Prometeu realmente roubou dos deuses está claro na frase grega usada para descrever o feito, το εντεχνον πυρ, o artífice do fogo. Ora, o valor dessa frase é 2.080, e 2.080 é um importante número cósmico, associado tradicionalmente à cidade visionária de Ezequiel, a Oblação Sagrada. Mais significativo ainda é que 2.080 apresenta a mesma relação com a força de Mercúrio que o número 666 com a energia solar; porque, como 666 é a soma total dos números no quadrado mágico do Sol, assim também 2.080 é a soma do quadrado de Mercúrio. É o número supremo para invocar a influência de Mercúrio, e, por convenção, seu significado é o mesmo que 1.080, e 1.080 é o número do το πνευμα αγιον, o Espírito Santo.

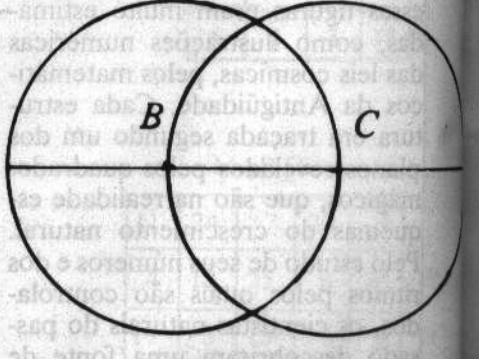
Assim, tudo indica que a Grande Pirâmide foi construída para criar a fusão dos dois elementos, o celeste e o terrestre, e que era de fato um instrumento da inspiração. Prometeu, Thoth, Idris, cada um dos deuses identificados com Mercúrio, forneceram a primeira centelha da iluminação humana. Introduziram as artes das ciências e da civilização, e no início de cada novo ciclo eles retornam, como Merlim ou São Miguel, para renovar o espírito e o mundo.

Na pirâmide realizou-se o casamento do céu e da Terra, a união entre a corrente terrestre acumulada no interior de seu imenso bojo e a centelha divina do fogo celeste destilada do éter no ponto do ápice de cristal e de ouro. Dessa união nasceu o espírito de Deus nos homens, a fundação da Nova Jerusalém na Terra.

Todo o segredo da ciência pré-histórica está contido na seguinte equação, que prova o significado da Grande Pirâmide com uma claridade inexprimível: 1.080 + 666 = 1.746.

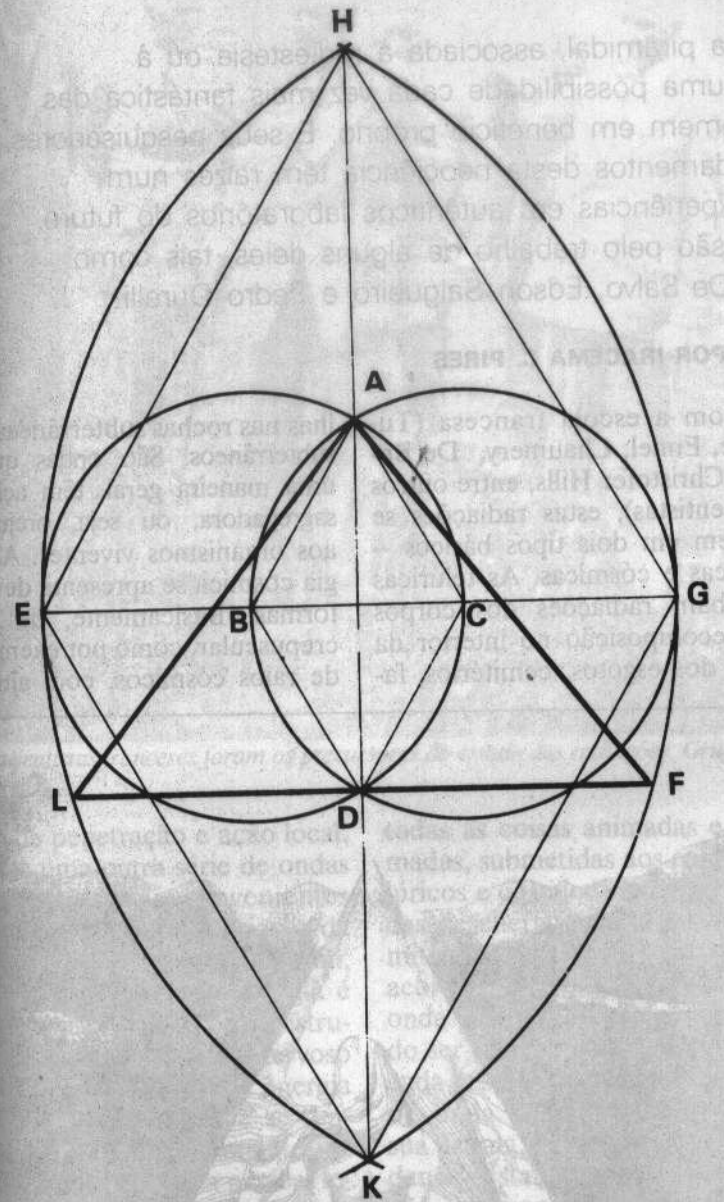
1.746, a soma dos dois números que representam o enxofre e o mercúrio, é o número da fusão, o grão da semente de mostarda. A aplicação do número 1.746 à Grande Pirâmide transparece numa figura extraordinária que demonstra cabalmente que a pirâmide foi idealizada em função das quatro unidades principais da Antigüidade, o pé, a jarda, o cúbito e a jarda megalítica. Essa figura baseia-se no símbolo da *vesica piscis*, produzido por dois círculos que se cruzam, fundamento de todas as grandes estruturas sagradas da Antigüidade.

Dois círculos são traçados com centros em B e C, tendo cada um o diâmetro de 555 pés e a circunferência de 1.746 pés, de modo que o perímetro de um passa pelo centro do outro.



Dos centros em E e G (ver ilustração na página seguinte) são traçados dois arcos, sendo que o raio de cada um é 832,5 pés (277,5 x 3),

PIRÂMIDE FORMADA POR CÍRCULOS COM 1.746 PÉS DE CIRCUNFERÊNCIA



Raios dos círculos	277,5 pés
Base da pirâmide	277,5 JM
Área da face da pirâmide	66.600 x 2,72 pés quadrados
Área do rombo interno	66.600 pés quadrados
Área do rombo externo	66.600 milhas quadradas

encontrando-se em H e K. Uma linha é traçada de D, na base da *vesica*, paralela eo eixo dos dois círculos, encontrando os dois arcos externos em L e F. AL e AF são unidos, e assim temos o contorno da Grande Pirâmide ALF, com seu ângulo na base de 50°51'.

BC tem 277,5 pés de comprimento, de modo que AD pode ser calculado como tendo 480,5 pés, que é a altura da Grande Pirâmide. LF é, portanto, igual ao comprimento da base da pirâmide, 755 pés ou 277,5 JM. A figura acima apresenta um diagrama das cinco unidades de medida e da maneira como estão relacionadas entre si.

BC = 277,5 pés
EG = 277,5 jardas
LF = 277,5 jardas megalíticas
AD = 280 cúbitos
277,5 jardas = 832,5 pés;
831 = πυραμις, pirâmide

Dessa forma, usando apenas uma régua e um compasso, o desenho da pirâmide pode ser construído numa forma geométrica simples, e considerando o número da união, 1.746, como a circunferência em pés dos dois círculos da *vesica piscis*, as razões entre o pé, a jarda e a jarda megalítica estão claramente ilustradas em termos do número 277,5.

Além disso, verificamos que a área do losango ABDC é o número solar 66.600 pés quadrados, enquanto a área do triângulo ALF, representando a pirâmide, é de 181,150 pés quadrados ou 66.600 x 2,72, a razão entre o pé e a jarda megalítica. A área do losango externo, HEKG, é 66.000 jardas quadradas. O perímetro da base da pirâmide é de 1.110 JM, o perímetro do losango ABDC é de 1.110 pés, enquanto o perímetro do losango externo é de 1.110 jardas. O número 1.746 produz a fusão entre essas unidades e fornece a chave da figura desenhada pelos matemáticos há milhares de anos atrás, a partir da qual a Grande Pirâmide foi construída. Ao estudar essa figura, obtemos uma visão mais clara da relação entre os números sagrados e o significado da geometria da pirâmide.

Devemos observar ainda que os círculos superpostos que se encontram no topo da pirâmide criam o que parece ser o diagrama magnético. Tudo indica que essa figura de geometria pura representa o plano de uma certa forma de energia, a fusão da corrente terrestre com a centelha celeste, que foi gerada outrora pela Grande Pirâmide. Os geômetras terão interesse em saber que essa figura fornece o meio de se construir o diagrama peculiar, símbolo da união dos opostos, matéria e espírito, que é o quadrado mágico. Um quadrado desenhado na base da pirâmide possui o mesmo perímetro, 1.110 JM, que a circunferência de um círculo, cujo raio é igual à altura da pirâmide.

A ENERGIA DA FORMA

O emprego da forma piramidal, associada à radiestesia ou à psicotrônica, tem revelado uma possibilidade cada vez mais fantástica das energias manipuladas pelo homem em benefício próprio. E seus pesquisadores, cientes de que os fundamentos desta neociência têm raízes num passado perdido, somam experiências em autênticos laboratórios do futuro. Este artigo faz uma incursão pelo trabalho de alguns deles, tais como o professor Salvatore De Salvo, Edson Salgueiro e Pedro Durelli.

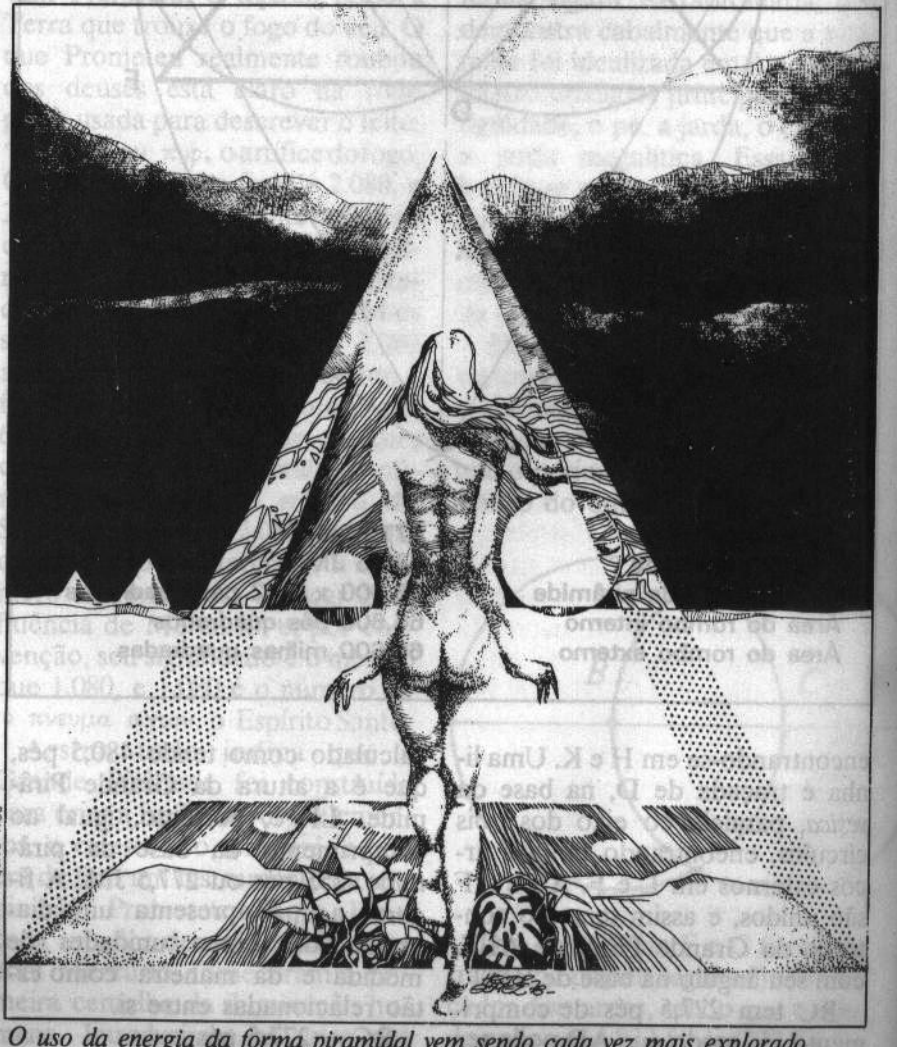
POR IRACEMA C. PIRES

O estudo da energia da forma está entre as novas ciências, embora, de acordo com os estudiosos das antigas civilizações, seja o conhecimento que podemos qualificar de ciência mágica, tão mais utilizado quanto mais antiga for a civilização pesquisada. E enquanto aguardamos o advento de uma tecnologia mágica, fruto do comportamento fantástico prometido pela atual tecnologia para o futuro, nascem nos laboratórios, em diversas partes do mundo, experiências que ganham o contexto científico, vencendo as barreiras que as vem mantendo na marginal das paraciências. Entre estas destacamos a energia da forma.

"A energia da forma faz parte do grupo das novas ciências. Contudo, está relacionada, bem como sua parceira, a psicotrônica, com velhas ciências, como a radiestesia, a rabdomancia", diz o professor Salvatore De Salvo, que há mais de dez anos vem estudando este tipo de energia e suas práticas a nível de experiência. Este italiano, radicado no Brasil há mais de 30 anos, leciona, em São Paulo, em três faculdades de engenharia.

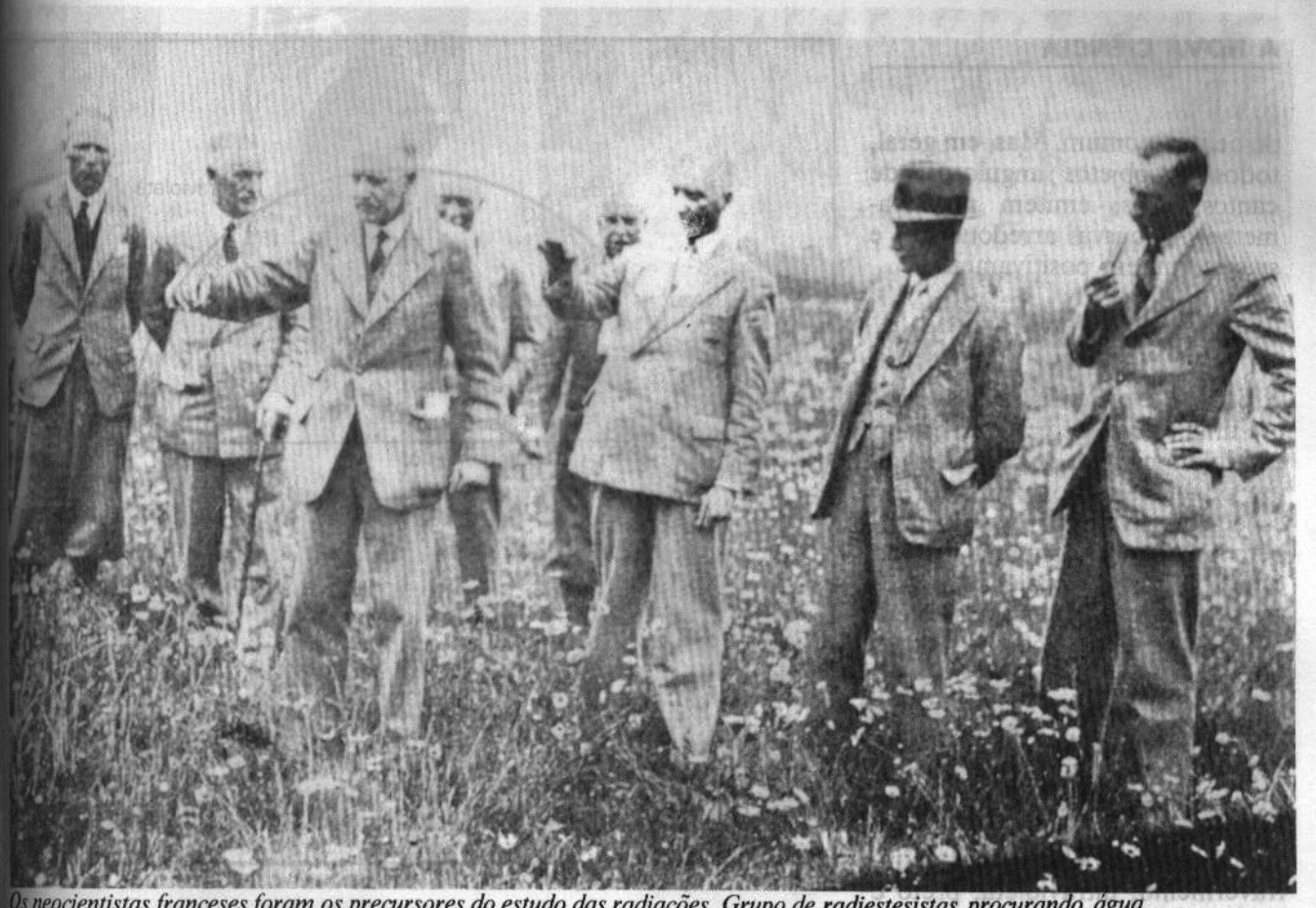
Da radiestesia surgiram a radiônica e a psicotrônica. A radiônica estuda profundamente os efeitos da energia da forma e também das radiações naturais em geral. No que se refere diretamente ao ser humano, somos continuamente atingidos por ondas de radiações dos tipos mais variados. O professor Salvatore explica:

"Fundamentalmente, de acordo com a escola francesa (Turenne, Ennel, Chaumery, De Belizal, Christofer Hills, entre outros neocientistas), estas radiações se dividem em dois tipos básicos – telúricas e cósmicas. As telúricas englobam radiações dos corpos em decomposição no interior da terra, dos esgotos, cemitérios, falhas nas rochas subterrâneas e rios subterrâneos. São ondas que, de uma maneira geral, têm ação desagregadora, ou seja, prejudiciais aos organismos viventes. A energia cósmica se apresenta de várias formas. Basicamente, de forma crepuscular, como por exemplo as de raios cósmicos, com altíssimo



Ilustrações/fotos: Arquivo Três

O uso da energia da forma piramidal vem sendo cada vez mais explorado.



Os neocientistas franceses foram os precursores do estudo das radiações. Grupo de radiestesistas procurando água.

poder de penetração e ação local, além de uma outra série de ondas eletromagnéticas, provenientes dos fenômenos atmosféricos, da ação do Sol e dos planetas, enfim, de todo o cosmo. Esta energia é vitalizadora e vivificante. A estrutura do nosso sistema nervoso capta ambas as formas de energia (telúrica e cósmica), que se fundem num jogo extremamente variado, de acordo com a pessoa, local, hora, etc. É evidente que os astros em contínuo movimento mudam os ângulos de chegada da energia cósmica e, portanto, sua intensidade de ação sobre o ser humano."

A MAGIA ELETRONIZADA

O estudo destes dois tipos básicos de radiações – telúrica e cósmica – teve seu início nos fins do século passado, atingindo sua expressão máxima na escola francesa de radiestesia. Dois de seus principais pesquisadores, Chaumery e o conde De Belizal, começaram a identificar outras radiações emitidas pelos objetos. Concluíram que, de um modo geral, todas as coisas animadas e inanimadas, submetidas aos campos telúricos e cósmicos acabam saturadas de energia, passando a transmitir esta mesma energia de acordo com o comprimento de onda característico do objeto ou do ser animado. Isso significa que cada pessoa tem seu comprimento de onda particular, derivado da sua forma, e que qualquer mudança nesta provocará uma alteração no comprimento de onda. Contudo, há uma parte imutável, detectável pelo pêndulo através de uma foto, pedaços de unha, pontas de cabelo, etc. Aqui aplica-se o princípio de que "o todo está nas partes"; de fato, um exame da emanação emitida pelas partes de um todo, no caso unhas, fotografia, cabelos, etc., acaba fornecendo informações e servindo de elemento de ligação com o todo do organismo ou do objeto pesquisado.

"A radiônica e a psicotrônica" – explica o professor Salvatore – "nada mais são que a magia eletronizada. Existiam no passado mais remoto, provavelmente a partir da pré-história, no apogeu de civilizações desaparecidas, como a que viveu no continente perdido de Mu, deixando remanescentes entre os Kahunas do Havaí, no antigo Egito, na lendária Atlântida, entre outros povos."

Descobriu-se também que os objetos irradiam por efeito da forma, atuando positiva ou negativamente de acordo com sua forma regular ou irregular. Por exemplo: objetos sem forma definida ou quebrados, ou ainda distorcidos pelo uso, estão emitindo continuamente radiações negativas e, portanto, nocivas.

As figuras geométricas também atuam diferentemente, alerta Salvatore: "Duas linhas em ângulo reto têm emissão negativa. Podemos exemplificar aqui que, em astrologia, a quadratura representa um aspecto negativo, por sua emissão em ângulos de 90º. A figura geométrica que emite de forma mais positiva é o círculo, por ser perfeitamente regular. E o sólido mais positivo é a esfera, por ser formada por infinitos círculos

de centro comum. Mas, em geral, todos os objetos angulosos, de cantos vivos, emitem negativamente. As curvas arredondadas e suaves emitem positivamente."

VERDE NEGATIVO: MALDIÇÃO DOS FARAÓS?

Ennel e De Belizal, atuando sobre uma esfera, detectaram com o pêndulo uma série de pontos, cada um relacionado com uma cor do espectro visível, aparecendo também uma linha contínua ligando estes pontos. A projeção desses pontos sobre o equador da esfera mostra que as radiações das cores visíveis situam-se de um lado do diâmetro máximo. Estimulados por tais resultados, os dois pesquisadores resolveram estudar o outro lado do diâmetro máximo, onde detectaram radiações invisíveis, batizadas pelos nomes de infravermelho, ultravioleta, preto e branco. Sobre o círculo que representa o equador da esfera, de um lado temos o ponto correspondente à cor verde do espectro visível; em posição diametralmente oposta, foi detectada a radiação mais misteriosa, mais penetrante e com capacidade mais perniciosa, conforme a aplicação, que a natureza produz. Esta radiação foi chamada de verde negativo, pois está em posição oposta ao verde positivo visível.

Conforme a *Figura 1*, partindo do verde positivo encontramos: o azul, o índigo e o violeta (30º, 60º e 90º, respectivamente); no lado inferior: o amarelo, o laranja e o vermelho (30º, 60º e 90º). No lado oposto, além do violeta, foram detectadas uma radiação chamada, por analogia, de ultravioleta, e outra batizada de branco (30º e 60º), ambas invisíveis; abaixo, após o vermelho e até 30º, temos o infravermelho, e o preto, até 60º, também invisíveis.

A freqüência destas ondas cresce do verde positivo para o violeta e para o branco, decrescendo do verde positivo para o vermelho, até o preto. Na proporção em que cresce a freqüência, diminui o comprimento de ondas, e na proporção em que diminui a freqüência, aumenta o comprimento de ondas.

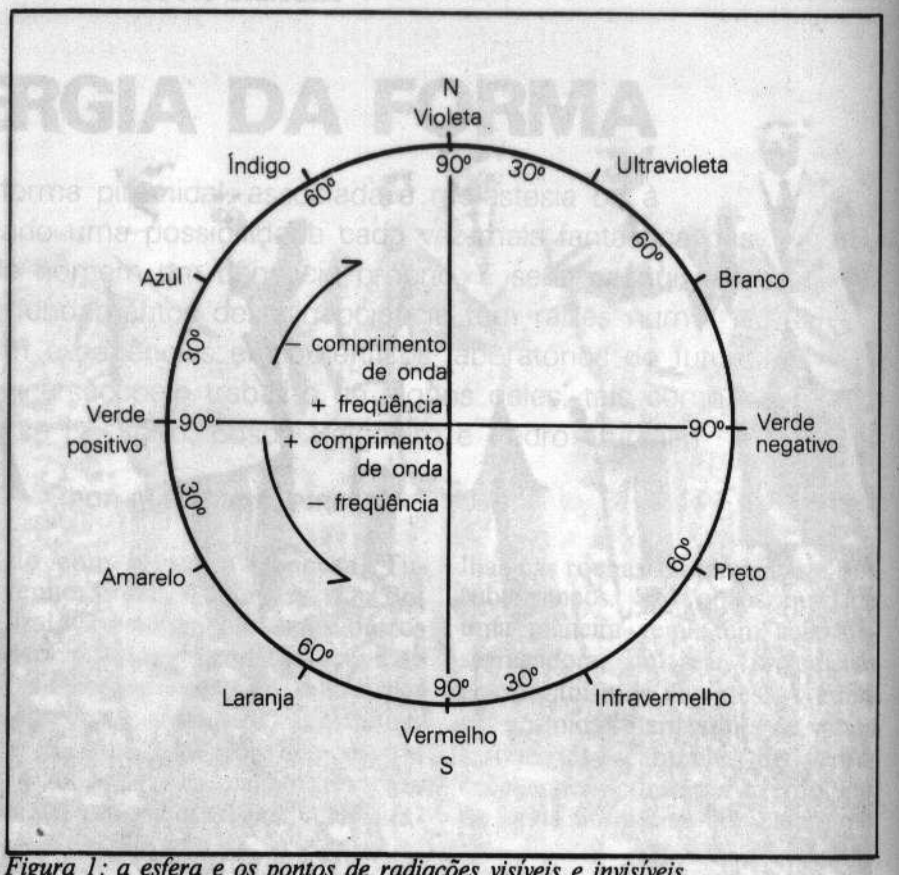


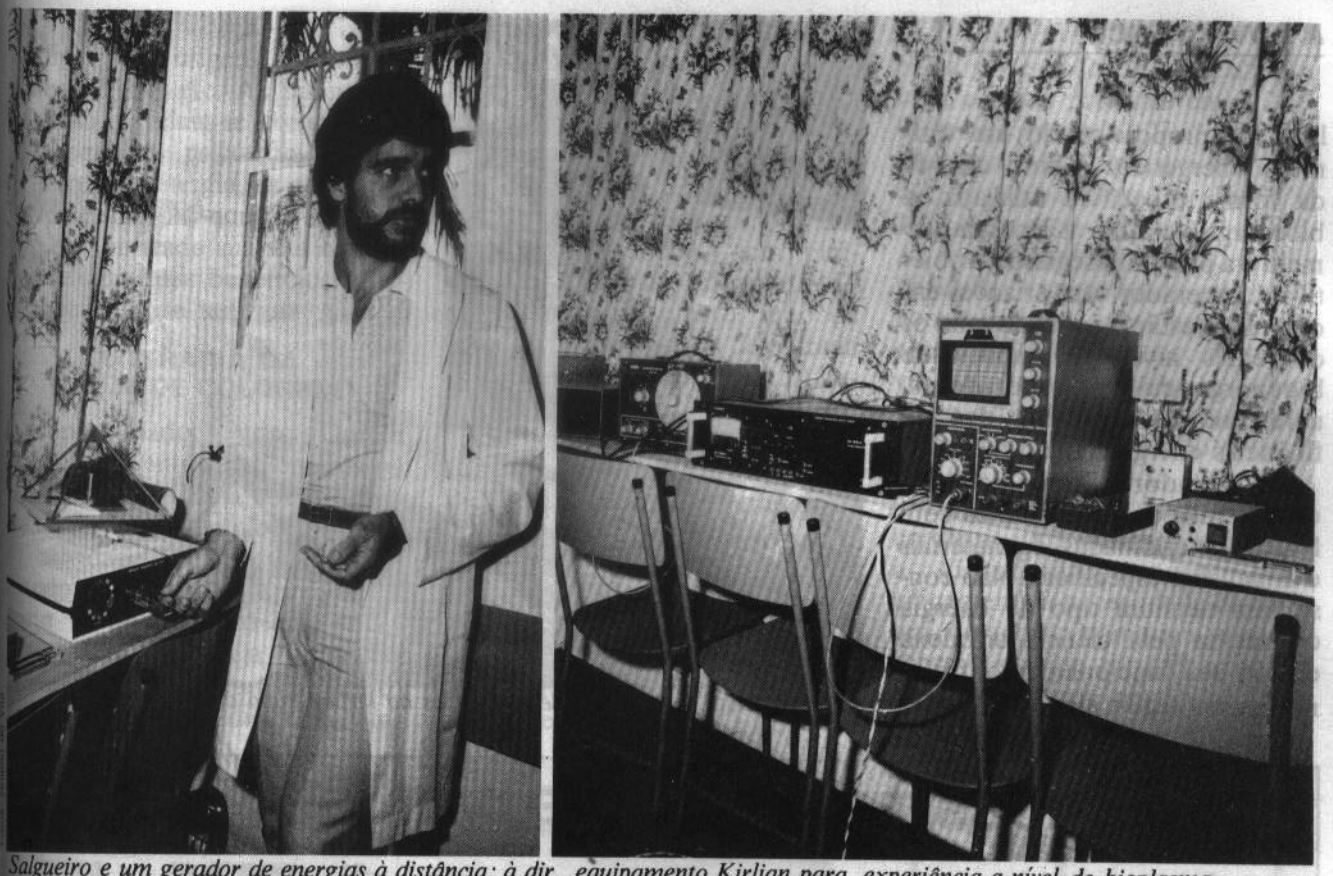
Figura 1: a esfera e os pontos de radiações visíveis e invisíveis.

"Na posição diametralmente oposta ao verde positivo encontra-se o verde negativo, de características extremamente interessantes" – esclarece Salvatore De Salvo – "por representar uma descontinuidade, já que se encontra no limiar entre uma radiação de altíssima freqüência. Este verde é produzido no interior da pirâmide, que se comporta como a esfera, mumificando, desidratando qualquer organismo exposto ao mesmo. Por exemplo: um copo d'água sob o ápice da pirâmide, em posição Norte, fica completamente esterilizado, pois morrem todos os seus microorganismos."

Embora o emprego do verde negativo possa apresentar resultados excelentes, como na cura de câncer localizado, por exemplo, uma vez que pode "secar" um tumor, "seu uso indevido, ou mal definido, pode provocar sérios problemas", acrescenta Salvatore. "É importante especificar bem este tipo de utilização. Claro que o uso correto da pirâmide, em vista do exposto, consiste em utilizar basicamente a radiação verde positiva que escapa do ápice da pirâmide."

"As estátuas egípcias que têm os braços cruzados sobre o peito também emitem verde negativo na confluência do cruzamento dos braços. Temos aqui uma boa resposta para a famosa maldição dos farós que, acredita-se hoje, com a descoberta da radiação verde negativa, fosse emitida pelas estatuetas de forma apropriada, colocadas em pontos estratégicos do túmulo. Por se tratar de ambiente fechado, além da ação do próprio verde negativo da forma e dos hieróglifos mágicos, provocaram choque fatal nos primeiros visitantes."

O raio verde negativo ainda pode ser produzido por formas semi-esféricas, objetos angulosos em geral, entre outros. Os resultados que dele podem ser colhidos, com o uso adequado da energia da forma, são inúmeros, e seu antídoto é justamente o raio verde positivo. Infelizmente, os pesquisadores Ennel e Chamery não sabiam disso e acabaram morrendo,



Salgueiro e um gerador de energias à distância: à dir., equipamento Kirlian para experiência a nível de bioplasma.

após suas longas experiências sobre câncer generalizado.

PSICOTRÔNICA: A INTEGRAÇÃO CÓSMICA

Edson Salgueiro, talvez o mais jovem pesquisador das neociências no Brasil, aborda um outro aspecto da energia da forma: a psicotrônica. Formado em eletrônica e já desenvolvendo pesquisas no Centro de Ciências Hilarion, em São Paulo, Edson define a psicotrônica como "o resultado da interação entre a mente humana (bioenergia), a energia universal, e um simples aparelhinho construído pelo próprio homem, que serve como condensador, modulador e emissor de energia psicotrônica. Chamamos a estes aparelhos de geradores psicotrônicos".

A tese de Edson Salgueiro admite uma origem muito remota para a psicotrônica, "tão antiga como a própria humanidade, provavelmente trazida por uma civilização alienígena que aqui chegou há milhares de anos. Contudo, as primeiras notícias que temos foram encontradas nos papiros egípcios. Estes mencionam o Livro de Toth como sendo a primeira obra manuscrita pelo próprio deus, senhor supremo da Sabedoria. Nesta obra, Toth faz referência a estranhas máquinas capazes de atribuir aos seus possuidores grandes poderes sobre o *tempo* e o *espaço*, bastando para tanto uma simples interação mental com as mesmas".

Conforme a descrição obtida do famoso cajado de Toth, ele era constituído, em sua parte externa, de madeira tratada de maneira especial e, internamente, continha um tubo de cobre ligado a uma forquilha metálica, além de um prisma feito de rubi. Sabe-se que sua força mágica maior estava em suas formas e dimensões precisas.

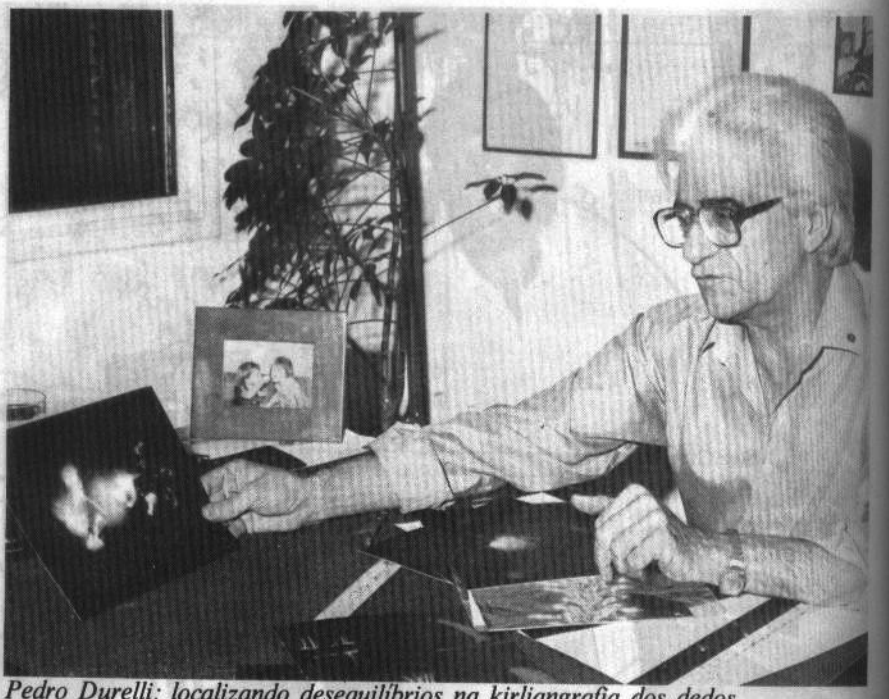
Edson Salgueiro recorda ainda um dos mais fantásticos instrumentos psicotrônicos, representado pelo Espelho Negro do mago inglês John Dee, mencionado por Jacques Bergier em sua obra *Os Livros Malditos*. Este espelho permitia a John Dee conversar com seres extraterrenos, que se manifestavam através da sua superfície. O Espelho Negro se encontra no Museu Britânico, sempre coberto por uma toalha de seda, pois não é permitido fotografá-lo.

"Hoje, após muitos anos de experiências, adquirimos um estágio que, se ainda não dominamos a prova total sobre a energia concentrada em uma pirâmide, pelo menos empiricamente já armazenamos um bom número de dados que nos auxiliam a compreender esta energia de maneira mais profunda", considera Edson Salgueiro.

"Sabemos da necessidade de uma perfeita interação entre o *operador*, o *aparelho* (dimensões, materiais usados, polarização) e a *finalidade proposta*. O que ocorre é uma sutil transformação, na qual a matéria que constitui o gerador piramidal passa de um estado energético passivo a uma condição ativa de acúmulo de energia. A pessoa que opera o aparelho piramidal, portanto, pode utilizar a carga *quando, como* e *onde* desejar, inclusive a distância de centenas de quilômetros. Estes aparelhos estão ligados, de alguma forma, à energia universal. O que eles processam é a captação desta energia no ambiente, sempre que

lhes for proporcionado um estímulo energético. Assim, através da forma específica utilizada, a bioenergia atrairá a energia do meio e a projetará segundo o objetivo do operador. As variações encontradas estão de acordo com os diferentes níveis de capacidade bioenergética dos operadores, acrescentadas, também, das influências energéticas do meio."

Os geradores cósmicos são constituídos de instrumentos com formas determinadas, de materiais e dimensões específicas. Não consomem nenhum tipo de energia conhecida pela ciência ortodoxa e, para seu funcionamento, faz-se necessário seguir algumas normas



Pedro Durelli: localizando desequilíbrios na kirliangrafia dos dedos.

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

"As formas piramidais possuem capacidades ilimitadas, porém devemos seguir algumas regras básicas antes de iniciar uma operação", recomenda Edson Salgueiro. São elas:

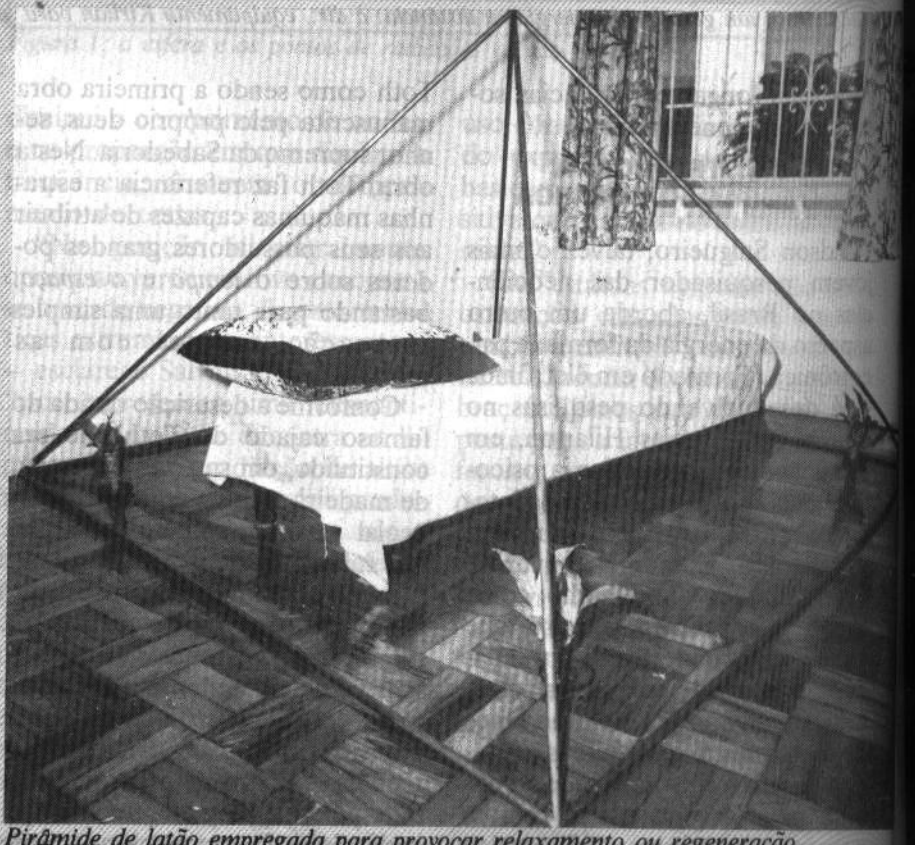
1) Determinar qual a finalidade a que se propõe o operador.

2) Conscientizar-se de que a pirâmide é um aparelho psicotrônico auxiliar com capacidade para *captar, modular* e *emanar* energia universal, harmonizado com o bioplasma do operador (paciente).

3) Determinar o material e o padrão (Queóps, Quéfren, etc.) a serem utilizados na construção da pirâmide. Seu material, de acordo com as finalidades correspondentes, poderá ser:

De Cobre – Está em ressonância com certas freqüências particulares que lhe dão grande eficiência como dinamizadora de nossas forças extra-sensoriais. Possui utilidade para meditação, pois é a que mais estimula o autoconhecimento e a intuição. Jamais aceita energias de baixa freqüência. Só deve ser utilizada para finalidades positivas, caso contrário o operador estará atuando contra si próprio, numa variante da lei do retorno;

De Latão – Usada nos casos em que se faz necessária uma mudança no processo de conscientização do operador. Tem vibração para gerar regeneração, renascimento e transformação;



Pirâmide de latão empregada para provocar relaxamento ou regeneração.

De Cristal – Pirâmide com alto poder energético, usada para todos os casos devido às suas amplas propriedades específicas;

De Alumínio – Atua mais efetivamente na matéria densa. Vibra em ressonância com as coisas materiais, terrenas;

segundo suas origens: pirâmides, cones, esferas, etc. As pirâmides, portanto, revelam-se como valiosos aparelhos psicotrônicos ressoadores de energia, os quais, em perfeita sintonia com o homem, têm demonstrado sua alta capacidade de produzir benefícios àqueles que deles se utilizam.

A TERAPIA DA PIRÂMIDE COLORIDA

O pesquisador Pedro Durelli se encontra entre os pioneiros no estudo e experiência com a energia da forma e cromologia no Brasil, atividade em que vem trabalhando há 33 anos. Aprendeu a parte teórica com o conhecido Frei Inácio, da Igreja Nossa Senhora de Fátima, em São Paulo. Interessado em radiestesia, ampliou seus estudos, até que, em 1961, iniciou as primeiras experiências aliando a aplicação das réplicas da pirâmide com a utilização do pêndulo. Decidiu, então, aplicar também o princípio das cores, combinando-o com pirâmide e radiestesia. E a partir do melhor aproveitamento, feito de acordo com os ângulos de entrada de cada cor, obteve bons resultados.

Estabeleceu a seguinte tabela: o lilás entra de 0º a 10º; o anil de 11º até 32,5º. O centro da entrada está a 22,5º Norte (centro do lado Norte, em posição estabelecida com auxílio da bússola). A entrada do azul-claro está de 32,6º a 67,5º, com entrada principal em 45º. O verde vai de 67,6º a 98º, com ponto mais intenso em 90º. O amarelo entra no espaço de 98,1º a 127º, com entrada principal em 112,5º. O laranja entra de 127,1º até 158º, com ponto principal em 135º, e a cor vermelha entra de 158,1º a 180º, com entrada principal a 180º. As cores foram determinadas pelo pêndulo, apresentando *degradée* com relação ao ponto principal de entrada. O lado de espectro invisível, também chamado negativo, ainda está sendo pesquisado por Pedro Durelli, através do sistema por ele desenvolvido.

Durelli chegou a um sistema de construir uma pirâmide adaptada a cada indivíduo, atendendo especificamente à necessidade de cada um, de acordo com uma pesquisa sobre o sistema cores/chacras, na qual ele utiliza o pêndulo e fotos Kirlian:

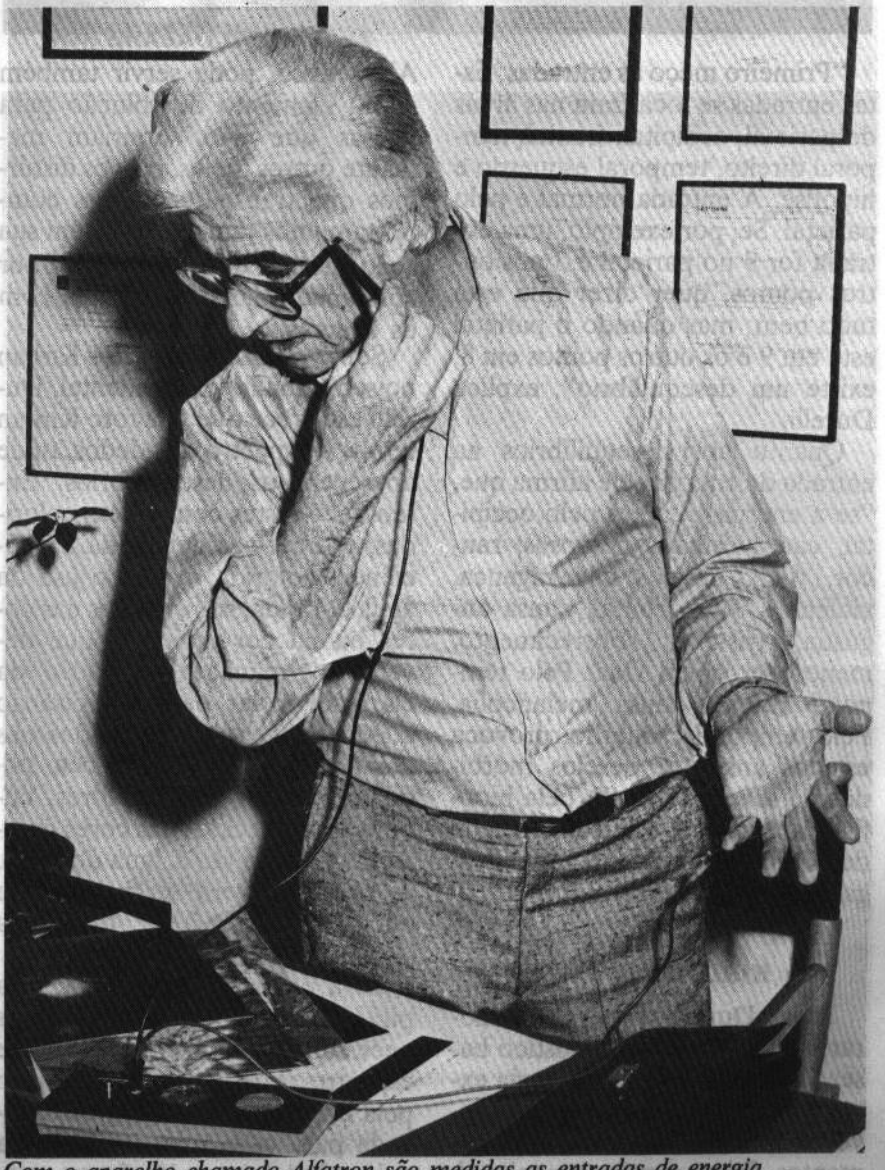
De Prata – Utilizada nos casos de conflitos magnéticos entre pessoas, servindo de equilíbrio entre as forças opostas;

De Ouro – Esta pirâmide atua mais profundamente como amplificador do nosso campo vibratório magnético, tornando-o equilibrado e eliminando automaticamente as formas de energia nocivas que possam penetrar em nossa camada vital. Contudo, qualquer pirâmide, seja qual for o material que a compõe, possui uma capacidade de acordo com suas dimensões.

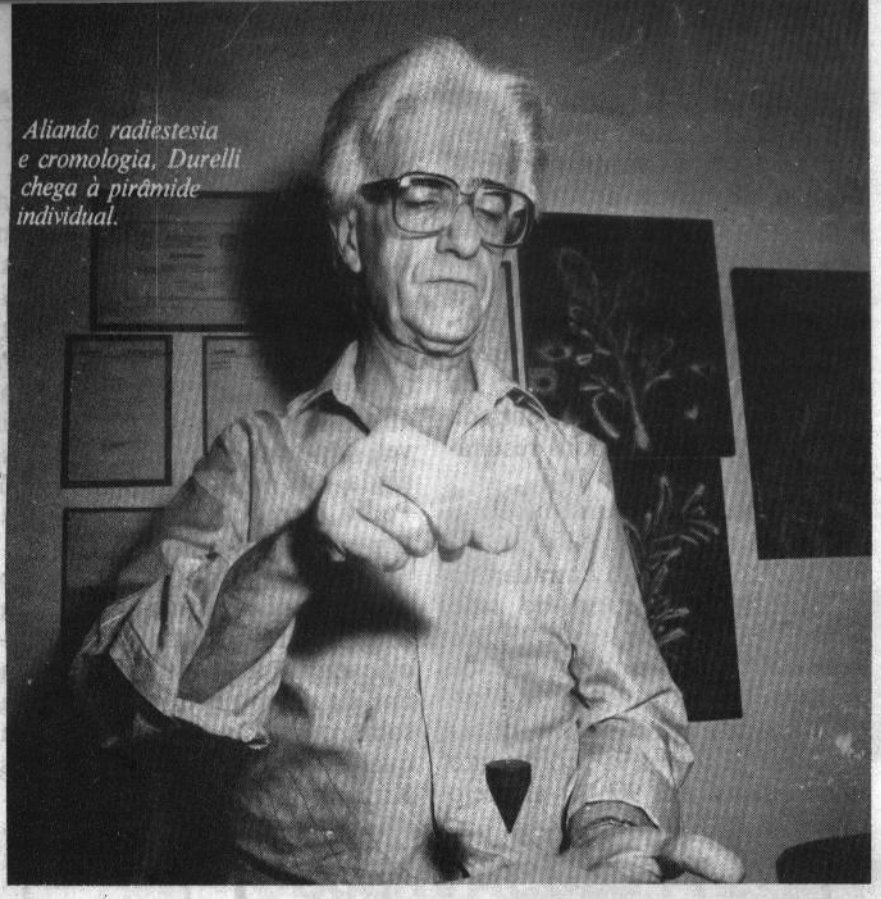
4) Posicioná-la de acordo com a bússola, de forma que seus lados fiquem voltados para um ponto cardeal (Norte, Sul, Leste ou Oeste) pelo tempo necessário.

5) Colocá-la sobre o ponto desequilibrado, deixando-a ali pelo tempo que for determinado, de acordo com as pesquisas de cada caso específico.

Com relação à energização da água para fins curativos, basta encher uma vasilha de vidro ou cristal que deverá ser colocada no interior de uma pirâmide (posição norteada), a um terço da altura a contar da base. Tapar o recipiente com um guardanapo, deixando-o ali por 36 horas. Essa água, que assim passa a armazenar a energia universal, pode ser utilizada para os olhos, ulcerações da boca, aparelho digestivo, tratamento de pele, entre outras aplicações.



Com o aparelho chamado Alfatron são medidas as entradas de energia.



Aliando radiestesia e cromologia, Durelli chega à pirâmide individual.

"Primeiro meço as entradas. Estas entradas se localizam nas áreas do parietal, occipital, frontal, temporal direito, temporal esquerdo e hipófise. A entrada normal é pelo parietal. Se, por exemplo, uma entrada for 9 no parietal e 3 nos outros pontos, quer dizer que está tudo bem; mas quando o parietal está em 9 e os outros pontos em 8, existe um desequilíbrio", explica Durelli.

Quanto aos desequilíbrios na entrada de energia, ele afirma que, "se a energia penetra pelo occipital, causa estados nervosos, rancor, ódio, desejos de vingança, violência. Pelo frontal, causa angústia, tristeza, aborrecimento, menosprezo pela vida. Pelo temporal direito causa melancolia. Pelo temporal esquerdo, provoca estados ansiosos, desejos mórbidos de sexo e taras. E, pela hipófise, acentua o esquecimento, o desequilíbrio direcional e as divagações constantes".

USANDO A KIRLIANGRAFIA

Pedro Durelli conseguiu elaborar um sistema de diagnóstico baseado na energia e cromologia extremamente interessante, pois envolve diretamente os comportamentos físico e psico-emocional. Além disso, pode servir também como elemento de solução para causas que não surgiriam mediante outros meios, pois os distúrbios que transparecem nos comportamentos muitas vezes têm sua ação numa disfunção do fator combinado das nossas cores com os chacras.

Sobre o auxílio das fotos Kirlian no seu trabalho experimental, Durelli esclarece que "na foto Kirlian temos o espectro dos dedos, onde aparecem os desequilíbrios. Então, faço testes com placas coloridas, e, uma vez detectada a deficiência colorida, aplico o uso da água colorida, isto é, copos nas cores ou na cor indicada, que deverão permanecer sob ação da claridade solar para energização adequada, sendo consumidos nas dosagens necessárias. Também podemos usar copos incolores, cobertos com tecidos nas cores desejadas. Consumida a água do copo, o mesmo deverá ser novamente enchido com água e colocado na claridade para energização".

Se a pessoa necessita utilizar a pirâmide, esta receberá as cores necessárias, sendo que o lado de espectro invisível será coberto pela cor azul. "Coloco a cor indicada para cada um, determinada pelo pêndulo e pelas fotos, conforme cada caso, no ângulo de entrada máxima. Constatei também que, conforme a atividade ou tipo de vida levada, as pessoas às vezes 'gastam' mais uma determinada cor. A natureza, então, faz com que aquele chacra compense o *déficit* tirando sua composição necessária de outros chacras. Por exemplo: se alguém gasta muito verde, se recompõe tirando um pouco do chacra amarelo e um pouco do azul. O violeta se recompõe tirando do vermelho e do azul, e assim por diante. Contudo, dois chacras de cor principal não se recompõem – o amarelo e o vermelho, sendo que o vermelho costuma ter fartura de abastecimento natural, ficando o amarelo como cor crítica, no caso de desgaste, uma vez que também auxilia na recomposição de outros chacras."

O que acontece na falta de colorido?

"Na descompensação do vermelho, temos casos de anemia, paralisia; do laranja, acontece a asma, bronquite, epilepsia (o uso desta cor também elimina sentimento de culpa); do amarelo, observa-se a incidência de dispepsia, diabetes, flatulência, constipação; do verde, ocorrem males do estômago, fígado, baço, pressão arterial alterada; do azul, dor de garganta, rouquidão, caxumba, febre, palpitações, cólicas, cortes, queimaduras, reumatismo; do índigo, surdez, catarata, inflamação dos olhos e dos ouvidos, pneumonia; do violeta, encontramos as indisposições nervosas, insônia, desordens mentais. Estes são os aspectos gerais, contudo, encontramos muitos outros aspectos específicos conseqüentes do que chamamos 'falta de cores'. A aplicação da cor laranja, por sua vez, fortalece o corpo etérico e cria sentimento geral de bem-estar", conclui Pedro Durelli.

• Pedro Durelli integra a equipe de pesquisa do Setor de Estudos Parapsicológicos da Fundação Universidade Regional do Nordeste, em Campina Grande, Paraíba. Esta entidade tem interesse em manter intercâmbio com pesquisadores e centros de pesquisa do País ou do Exterior. Seu endereço para correspondência é Av. Marechal Floriano Peixoto, 718, CEP 58100, Campina Grande, Paraíba, a/c do professor Percy de Holanda Cavalcante.

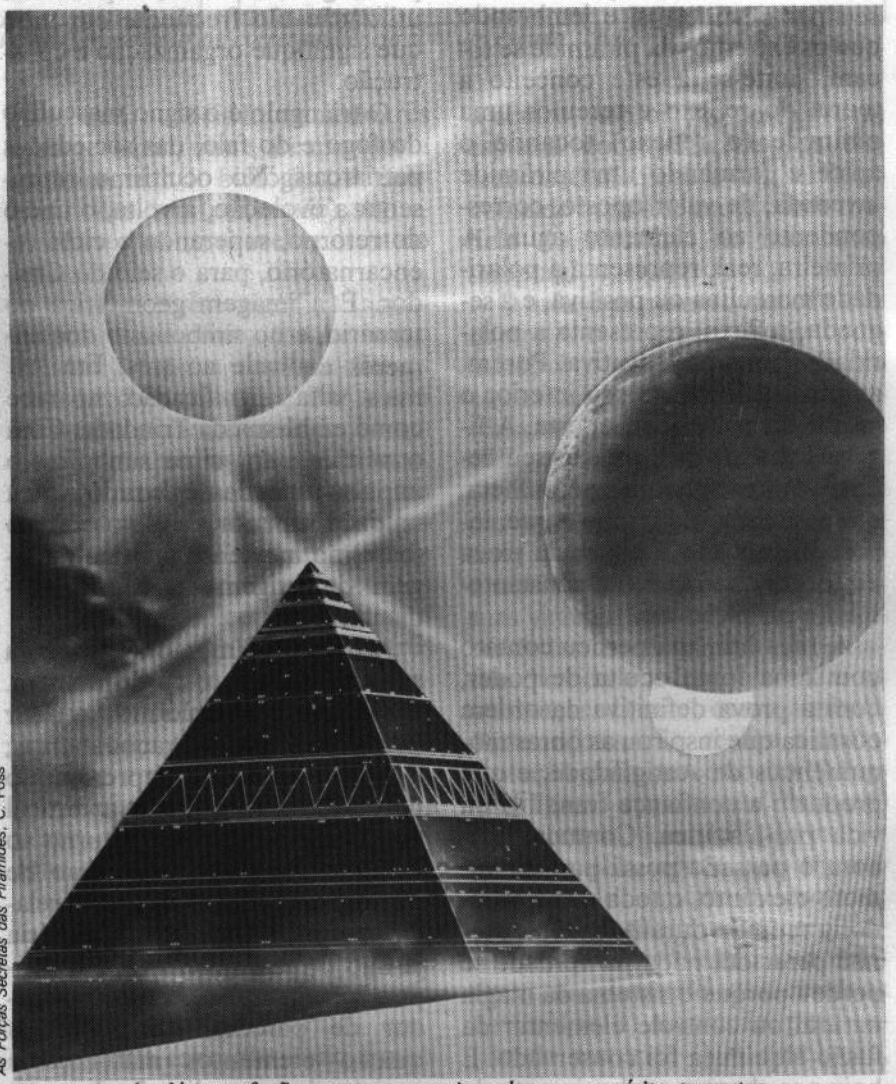
UM LABORATÓRIO DE FORÇAS MÁGICAS

A pirâmide conserva a fonte oculta do poder manipulado pelos processos iniciáticos dos sábios e sacerdotes. Enquanto expressão do trabalho da criação, ela gera e atrai energia cósmica, conjugando símbolos e forças numa transmutação energético-espiritual — este, aliás, é o seu sentido esotérico, que aqui abordamos através de uma interpretação cabalística, simbólica e mágica dos vários elementos que compõem a pirâmide.

POR BRASÃO DE FREITAS

As pirâmides foram construídas reunindo um número enorme de funções, como um manual completo de ciência cabalística e do conhecimento integral do cosmos. Existe uma unidade que liga o macrocosmo e o microcosmo aos esquemas do mundo visível. As leis matemáticas que governam o crescimento natural atuam tanto nos grandes ciclos do movimento celeste quanto na evolução da vida no interior do menor germe de uma célula. Estas leis podem ser observadas na natureza, nas espirais logarítmicas regulares, no desenvolvimento de um broto de vegetal, no pentágono de uma rosa, no hexágono de um cristal de gelo ou de um favo de mel. Nestas formações percebemos as influências das diversas combinações dos elementos, sendo que todos devem estar presentes, numa proporção maior ou menor, para que a matéria seja criada.

As pirâmides foram erguidas para controlar uma forma de energia relacionada com o magnetismo polar combinado dos elementos. A pirâmide de pedra, arquitetada com uma regular e exata forma geométrica, corresponde ao elemento fogo. Este elemento representa o germe da energia, o



As Forças Secretas das Pirâmides, C. Foss

Na pirâmide dá-se a fusão entre a energia solar e o espírito terrestre.

princípio ativo que dá vida à forma. A correspondência geométrica do fogo é a forma considerada mais volátil, o tetraedro ou pirâmide.

A pirâmide de base quadrangular simboliza a terra em seu aspecto maternal e expressa a dupla idéia de morte e imortalidade. Sua base quadrada representa os quatro elementos da natureza, o ápice o ponto final e inicial de todas as coisas e o centro a mística da divindade. Na ligação entre a base e o ápice estão as faces triangulares, simbolizando o fogo como revelação divina e como princípio criador. Conseqüentemente, a pirâmide é interpretada como um símbolo que expressa a totalidade do trabalho da criação.

Considerando o conceito de que tudo é dual, de que tudo tem seu par de opostos, e lembrando que os extremos da pirâmide se tocam, junte-se a este conceito a teoria do reflexo e teremos uma pirâmide (o reflexo) tocando o ápice e formando uma pirâmide invertida, de valor oposto, correspondente ao elemento água. A primeira, real, representa a polaridade masculina ou positiva, e a segunda, reflexo, representa a polaridade feminina, negativa. Porém, ambas possuem em seu interior o germe da polaridade oposta. A figura formada pela real e seu reflexo representa uma ampulheta, que é símbolo do tempo e que, invisível, controla o poder da troca de forças que se efetua constantemente na pirâmide.

A raça humana perdeu contato com uma fonte oculta de poder, com a prova definitiva da ordem cósmica que inspirou as obras monumentais da Antigüidade, e que produziu a confiança tranqüila da vida pré-histórica. Contudo, embora o passado possa parecer remoto e extinto, e toda a sua sabedoria reunida durante milênios tenha perecido, nada na verdade se perdeu porque o sistema da magia natural ou controle elementar da fusão alquímica foi conservado. E hoje nos chega o conhecimento de que "o germe no interior da pirâmide nasceu da união da energia solar com o espírito terrestre", através do elemento ar e sob o reflexo do elemento água.

FUNDAMENTOS CABALÍSTICOS

Decompondo as formas da pirâmide, obtemos o quadrado (base), os quatro triângulos (corpo) e a cruz ou encruzilhada (vista de cima).

O quadrado é o signo da matéria, dos quatro elementos principais que a constituem: terra, água, fogo e ar. É a prisão do espírito, encerrado dentro da matéria de forma estática, e a expressão geométrica da quaternidade; por isso corresponde ao simbolismo do número quatro e de todas as divisões quadripartidas de quaisquer processos. Seu caráter estático e severo, considerado do ângulo da psicologia da forma, explica sua utilização tão freqüente em tudo que signifique organização e construção.

O triângulo é o signo masculino do fogo e do falo, das sociedades patriarcais. No ocultismo representa a evolução, a volta, o início do retorno, superando o ciclo reencarnatório, para o seio do Criador. É a imagem geométrica do ternário, e no simbolismo dos números equivale ao três. Em sua mais alta significação aparece como emblema da Trindade. Com o vértice para cima simboliza o impulso ascendente de tudo para a unidade superior, desde o extenso (base) ao inextenso (vértice), imagem da origem ou ponto irradiante.

A cruz é o símbolo da terra, da sua crucificação e da do homem. De fato esse símbolo mostra o ser humano em pé, de braços abertos; a linha horizontal representa o corpo preso à matéria, e a vertical sua alma em busca do retorno ao Criador. A cruz é um signo de provação, porém é aberto em relação ao quadrado. Aqui a matéria já não é mais suficiente, e o próprio sofrimento atua como rompedor de paredes, libertando os quatro elementos materiais e projetando-os na direção dos quatro pontos cardeais, isto é, o cosmos. A cruz anuncia, assim, uma nova dimensão dinâmica e um início de libertação. A cruz é o eixo do mundo. Situada no centro místico do cosmos, é a parte ou a escada pela qual pode-se chegar a Deus.

A encruzilhada é o inverso da cruz. Enquanto a cruz se abre em direção aos pontos cardeais, a encruzilhada se fecha dos pontos cardeais para o centro. Ela é a interseção de dois caminhos, representando uma parada, uma alternativa, uma opção e também uma dúvida. Possui um poder de atração inegável, um magnetismo extremo. Sua representação gráfica apresenta-se como um "X" para diferenciar da cruz, o que lhe confere uma forma dinâmica, que atrai através do movimento rítmico, girando ao redor de um centro que simboliza a força material primordial dos quatro elementos agindo centripetamente.

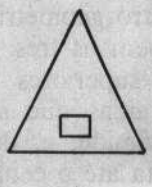
Desta forma, a pirâmide manuseia os quatro elementos através das forças centrífuga (cruz) e centrípeta (encruzilhada), passando pela transformação do fogo (triângulo), formando uma conjunção de símbolos e forças na qual os elementos se conjugam; o primeiro (oxigênio) acende as chamas do segundo (fogo), e o terceiro (combustível) inunda o quarto com seu suor (terra, água, fogo e ar) desde o elemento mais energético ao mais material.

OS SÍMBOLOS DA CRIAÇÃO

A pirâmide é a ordenação dos elementos que a compõem. É símbolo da terra em seu aspecto materno e ígnea em seu aspecto transcendental. Assim ela expressa a totalidade da obra criadora.

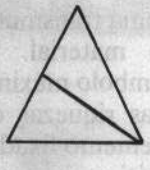
O ternário é o número da idéia e o quaternário é o número da sua realização. Por essa razão o ternário – na organização sétupla das direções do espaço – encontra-se situado na vertical (três mundos, três níveis), enquanto que o quaternário se encontra disposto na superfície, no plano que passa pelo nível central, isto é, pelo mundo do manifesto. Por isso o

QUADRO 1
Os Símbolos da Grande Pirâmide


Única entrada pelo lado norte

Grande Galeria vista pelo Leste

Câmara do Rei vista pelo Oeste

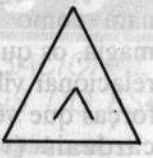

Canal de saída visto pelo Sul

QUADRO 2
Forças e Escudos Fluídicos

Do Norte vem o elemento terra: escudo fluídico *prithivi*

Do Leste vem o elemento ar: escudo fluídico *vayu*

Do Oeste vem o elemento água: escudo fluídico *apas*


Do Sul vem o elemento fogo: escudo fluídico *tejas*

Cada triângulo que compõe a pirâmide equivale a um símbolo em correspondência com um escudo fluídico de magia.

quaternário corresponde à terra, à organização material, enquanto que o ternário expõe o dinamismo moral e espiritual.

O símbolo dos quatro rios do paraíso, que nascem ao pé da Árvore da Vida (eixo do mundo), está em evidente conexão com essas afirmações. As direções do plano são os pontos cardeais que correspondem aos quatro elementos e a todas as formas que se revestem do aspecto de quaternidade. As correspondências mais interessantes do quaternário são: Leste (primavera, ar, infância, amanhecer, lua crescente); Sul (verão, fogo, juventude, meio-dia, lua cheia); Oeste (outono, água, maturidade, entardecer, lua minguante); e Norte (inverno, terra, velhice, noite, lua nova).

O sistema ternário se constitui pela manifestação do terceiro elemento (latente), que vem modificar a situação do binário e dar-lhe equilíbrio dinâmico. A unidade, pois, fragmenta-se interiormente em três momentos: a atividade, a passividade e a união ou o resultado dos outros dois. É inquestionável que, na idéia humana do três e do ternário, entre a experiência multissecular do biológico. A existência dos dois (pai e mãe), segue-se quase que inevitavelmente a do três (filho).

O filho (três) significa nascimento, novo, florir, brotar e ao mesmo tempo a continuação da vida herdada dos pais. Por isso o três tem poder de resolução no conflito expresso pelo dualismo, simbolizando a influência do espírito sobre a matéria, do ativo sobre o passivo. É determinado no simbolismo do nível pelos pontos essenciais (alto, centro, baixo), e concerne ao significado dos três mundos (celeste, terreno e infernal) que se relacionam intimamente com a divisão ternária do homem em espírito (irrealidades, pensamentos), alma (sentimento) e corpo (instintos) e com as possibilidades morais do bem, da neutralidade e do mal.

O setenário é a ordem formada por sete elementos. Seu fundamento último se encontra nas sete direções do espaço: duas contrárias para cada dimensão e mais o centro. A projeção desta ordem espacial constituída de seis elementos dinâmicos e um estático coincide com a semana como modelo do setenário no transcurso temporal.

O três é o número do céu e o quatro é o da terra. O sete, portanto, é o número somativo do céu e da terra. Na religião, o setenário tem expressões e correspondências, como o ternário das virtudes teologais, mais o quaternário das cardinais. Com caráter de síntese, considera-se o sete como símbolo da transformação, e por suas virtudes ocultas tende a realizar todas as coisas. É o dispensador da vida e a fonte de todas as mudanças. O sete, como símbolo da transformação, realiza a transmutação pelo processo do "Magnum Opus" em suas sete etapas: 1) A calcinação, a extinção de todo o interesse pela vida e pelo mundo manifestado, a morte do profano; 2) A putrefação, uma conseqüência do primeiro estágio, consistindo na desunião dos resíduos destruídos; 3) A solução, purificação da matéria; 4) A destilação,

filtragem da matéria purificada, isto é, isolamento dos elementos de salvação separados nas operações precedentes; 5) A conjunção, o casamento dos contrários (identificado por Jung como a união psicológica do princípio masculino consciente com o princípio feminino inconsciente); 6) A sublimação, o sofrimento que deriva da renúncia ao mundo e da dedicação ao processo da busca espiritual; e 7) A coagulação filosófica, a união inseparável do princípio fixo (masculino, invariável) com o princípio volátil (feminino, variável). Portanto, o sentido esotérico da pirâmide é um processo de transmutação energético-espiritual.

O PROCESSO MÁGICO DA TRANSFORMAÇÃO

Os símbolos individuais se conjugam quando a pirâmide se completa gerando e atraindo energia cósmica.

No universo, a base de cada coisa encerra em si mesma os demais elementos dessa coisa. A força criadora produz cores, sons, números, etc., em vibrações gradativas que agregam e desagregam moléculas, isto é, combinam e descombinam para combinarem de novo, constroem e destroem, transmudam e conservam num perene destruir para construir de novo – isso é energia que afeta não apenas os nossos átomos como os átomos das outras coisas, tendo poderes para modificá-las.

Sabemos que todo o cosmos está matematicamente definido, e que todas as forças ou elementos naturais que o integram e formam sua essência, sua própria natureza, sofreram uma manipulação especial em seus princípios construtivos, dentro de certa matemática quantitativa e qualitativa. Todas essas forças ou correntes de energia cósmica, por seus elementos naturais, se manifestam a cada instante, em todos os cantos do universo, de uma mesma forma, porém com intensidades diferentes; e soam como os maravilhosos acordes da orquestra da criação, enquanto a matéria se organiza, toma a forma que lhe foi destinada e abriga a inteligência nascente.

Os germes estão por toda parte e as correntes de energia manipulam nesses elementos cósmicos suas propriedades naturais, no sentido de produzirem qualidade, ou seja, as formas pela lei da aglutinação dos elementos simples, ou átomos, que são energias elementais. Estas forças elementais dão formação às suas correntes cósmicas nos quatro pontos cardeais e se cruzam sempre no centro, como em cruz.

Isolando cada triângulo que compõe a Grande Pirâmide, pode-se obter determinados símbolos (*vide Quadro 1*) que funcionam como escudos fluídicos da magia, os quais têm o poder de se relacionar vibratoriamente com as forças que vêm dos quatro pontos cardeais (*vide Quadro 2*), de acordo com a direção apontada por cada um dos respectivos símbolos.

Do Leste ou do Oriente, onde o sol nasce, é que se processa o movimento inicial do elemento ar, ou seja, a linha de força do elemento astro-vital, do oxigênio e das correntes espirituais positivas. O sol incide sobre o escudo fluídico *vayu* dentro de um princípio de alta magia, relacionada com o elemento ígneo e com o carbono, um dos catalisadores e fixadores dos clichês astrais. Esta força, juntamente com as outras três, vai juntar-se no centro geométrico da pirâmide, funcionando como calcinadora.

Do Norte vem a força que manipula o elemento que dá formação aos sólidos, em relação direta com a terra e com seu poder de transformar e gerar o sêmen da vida. Esta força atua como a putrefação, desunindo os resíduos destruídos pela calcinação. É o escudo fluídico *prithivi*.

Do Oeste vem a força que manipula o elemento aquoso, através do escudo fluídico *apas*, que lava e purifica a matéria. É a solução alquímica.

Do Sul vem a força que manipula o elemento ígneo através do escudo fluídico *tejas*, provocando a destilação, que é a filtragem da matéria purificada.

Estas quatro operações que se encontram no centro geométrico da pirâmide recebem as três vibrações cósmicas superiores da matéria astral, atraídas que são pelo cume da pirâmide, e, descendo em linha reta até o centro da base, vão passar pelo seu centro geométrico. Estes elementos superiores são os elementos mais sutis que manipulam a energia mental, nas condições mágicas dos espíritos da natureza ou da alma das coisas que animam.

Assim, se processa dentro da pirâmide uma conjunção mágica de forças cósmicas, conjunção esta capaz de provocar uma transformação ou mesmo uma transmutação do elemento material. E, como o ouro é o símbolo máximo da transmutação, as riquezas do rei servem como elemento fixador das correntes energéticas que convergem para a pirâmide.

A energia material é considerada negativa enquanto que a energia espiritual é considerada positiva. Uma vez que a encruzilhada formada pela vista superior da pirâmide, ao contrário da cruz que projeta, atrai as energias elementais negativas e puras da matéria, qualquer coisa impura como a putrefação, a doença, etc., que for colocada no interior da pirâmide, mais precisamente no seu centro geométrico, receberá uma carga energética negativa. Como ela também é negativa, e já que pela matemática negativo com negativo dá positivo, as células estragadas poderão ser revitalizadas.

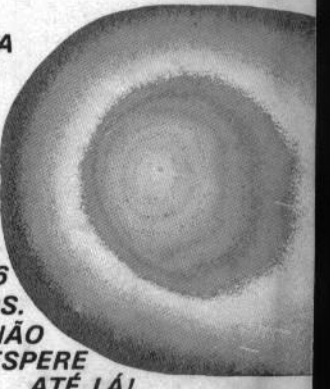
É evidente que estamos falando de forma superficial da magia da pirâmide, apenas para dar alguns esclarecimentos para os leigos. Os rituais mágicos, o uso do tempo como dimensão sutil e o estudo mais profundo da energia da forma, são, contudo, processos iniciáticos empregados pelos sábios e sacerdotes. Por isso a manipulação efetiva destas forças só é possível através dos conhecimentos específicos das escolas iniciáticas, transmissíveis somente a nível sacerdotal.

COMETAS

OS VAGABUNDOS DO ESPAÇO

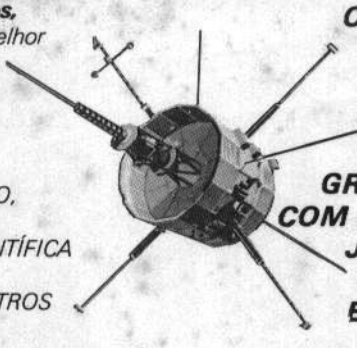
VOCÊ NÃO PODE PERDER A SENSACIONAL COLEÇÃO COMETAS – OS VAGABUNDOS DO ESPAÇO.

*Em **COMETAS – Os Vagabundos do Espaço,** você terá as relações dos cometas com as grandes catástrofes, com o fim dos dinossauros, um estudo das suas órbitas, seus núcleos e suas caudas. As teorias excêntricas e muito mais! Cada fascículo trará um boxe com a atual situação do **Cometa de Halley** na semana: onde está (distância e posição), os horários de maior aproximação, etc.*



CONHEÇA TUDO SOBRE COMETAS – OS VAGABUNDOS DO ESPAÇO. UMA COLEÇÃO COMO ESTA TAMBÉM SÓ APARECE DE 76 EM 76 ANOS. NÃO ESPERE ATÉ LÁ!

*Em **apenas 20 fascículos,** semanais, você terá a melhor e mais completa coleção já editada no Brasil sobre os cometas, suas crenças e superstições. COM UM FANTÁSTICO MATERIAL FOTOGRÁFICO, EM CORES, VOCÊ TERÁ UMA ABORDAGEM CIENTÍFICA SOBRE OS COMETAS. DOS PRIMEIROS REGISTROS AOS DIAS DE HOJE.*



COMETAS, OS VAGABUNDOS DO ESPAÇO TAMBÉM ENSINARÁ COMO DESCOBRIR E FOTOGRAFAR UM COMETA. E NA COMPRA DO PRIMEIRO FASCÍCULO, GRÁTIS UM POSTER GIGANTE COM A TRAJETÓRIA DO HALLEY JUNTO ÀS CONSTELAÇÕES, ENROLADO E PROTEGIDO EM CANUDO DE PAPELÃO. NO SEGUNDO, UM POSTER COM SUA ÓRBITA E A MOVIMENTAÇÃO DOS PLANETAS MERCÚRIO, VÊNUS, TERRA E MARTE. COM O TERCEIRO FASCÍCULO, GRÁTIS A CAPA DURA PARA A ENCADERNAÇÃO.

*ALÉM DISSO, VOCÊ TERÁ FASCÍCULOS ESPECIAIS SÓ SOBRE O **HALLEY.** TUDO SOBRE AS MISSÕES ESPACIAIS SOVIÉTICAS, JAPONESAS E EUROPÉIAS QUE ESTÃO OBSERVANDO O **HALLEY.** O QUE ACONTECEU EM 1910. O QUE OCORREU ANTES DISSO? QUEM FOI O ASTRÔNOMO HALLEY. E O QUE SE ESPERA DO **COMETA** ATUALMENTE?*

UMA PUBLICAÇÃO EDITORA TRÊS.

EM TODAS AS BANCAS

Um Lançamento
Editora Três

REZAS BENZEDURAS SIMPATIAS

Nas bancas todas as semanas

As soluções para todos os seus males.

Como curar doenças de pele?

Como afastar os invejosos?

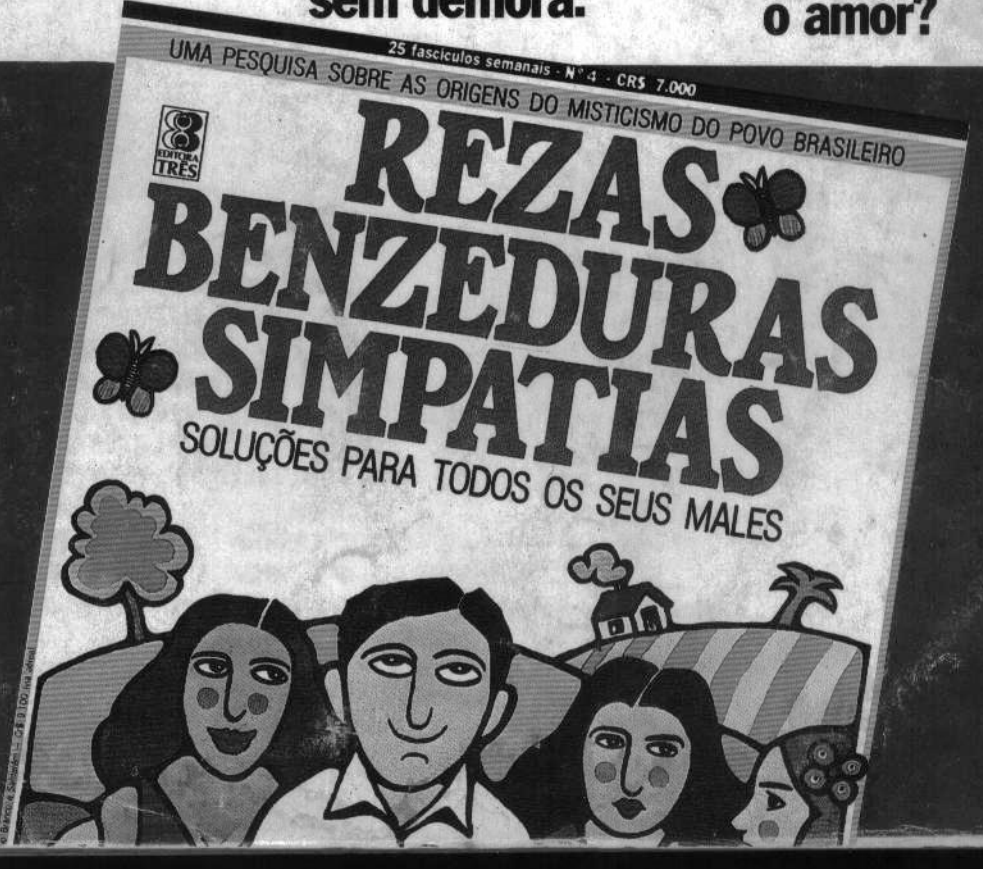
Como afastar as "amigas" de seu marido?

Como ficar noiva sem demora.

Como chamar o amor?

Um livro empolgante, todo em cores, que você completa em apenas 25 fascículos. Uma pesquisa das origens do misticismo do povo brasileiro, contendo as mais conhecidas crenças populares, para você aplicar.

Colecionando as últimas capas, você terá no final o livro completo de

SÃO CIPRIANO

Um presente especial de Rezas, Benzeduras, Simpatias, para você!